



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

MARIA ELIZABETE NASCIMENTO DE OLIVEIRA

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL & MANOEL DE BARROS: DIÁLOGOS POÉTICOS

CUIABÁ/MT  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
GRUPO PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

MARIA ELIZABETE NASCIMENTO DE OLIVEIRA

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL & MANOEL DE BARROS: DIÁLOGOS POÉTICOS



CUIABÁ - MT  
2010

MARIA ELIZABETE NASCIMENTO DE OLIVEIRA

**A EDUCAÇÃO AMBIENTAL & MANOEL DE BARROS: DIÁLOGOS POÉTICOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção de título de Mestre em Educação na Área de Concentração Educação Ambiental, Linha de Pesquisa Movimentos sociais, Política e Educação Popular.

Orientadora: Profa. Dra. Michèle Sato

Cuiabá/MT  
2010

O46e

Oliveira, Maria Elizabete Nascimento de.

A Educação Ambiental e Manoel de Barros: diálogos poéticos. /

Maria Elizabete Nascimento de Oliveira – Cuiabá (MT): A Autora, 2010.

176 p.: il.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso. Instituto de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Michele Sato.

Inclui bibliografia.

1. Educação Ambiental. 2. Poesia. 3. Diálogo. I. Título.

CDU: 82-1: 504

Ao meu esposo, Roberto, e filhos, Jefferson, Diego e Ighor, pelo amor e estímulo que me oferecem, dedico-lhes esta conquista como gratidão.



### **AGRADECIMENTO ESPECIAL**

À orientadora Michèle Sato que, a partir de inferências incômodas, fez surgir um vendaval de indagações e possibilidades, além da acolhida calorosa de sempre.

## AGRADECIMENTOS

A pesquisa só tornou-se possível devido à contribuição ímpar de: educadores, amigos, família e colegas do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Mato Grosso, que contribuíram na tessitura da trama polissêmica que compõe este estudo. Assim, agradeço a todas as pessoas que direta e/ou indiretamente colaboraram no percurso dos caminhos trilhados me fizeram compreender que os elos ajudam a unir. Portanto, a corrente que por muitos momentos, como no período escravagista, foi vista como símbolo de opressão, aqui, tenho a pretensão de mostrá-la como símbolo de liberdade e/ou emancipação. Nesse prisma, carinho especial aos elos que me permitiram prosseguir a caminhada por entre os sonhos poéticos do mundo mágico apresentado pelo poeta Manoel de Barros:

À minha orientadora, professora doutora Michèle Sato, pela acolhida carinhosa que fortaleceu a percepção de que a sensibilidade e o amor pelas pessoas nos tornam capazes de lutar por uma educação libertadora, que contribua na utopia da educação ambiental na busca incessante por uma sociedade sustentável que se fortalece na diversidade.

Ao professor doutor Luiz Augusto Passos, pela contribuição afetuosa nos seminários sobre fenomenologia da percepção, que me fez repensar os rumos de uma pesquisa epistemológica centrada em bases humanas.

A todos os educadores e educadoras do mestrado, especialmente aos que compõem a linha - Movimentos sociais, Política e Educação Popular - pelas contribuições na ampliação do conhecimento.

À minha amiga, companheira de viagens, leituras, releituras e devaneios: Carla Patrícia Marques de Souza, mestranda do grupo de pesquisa: Cultura, Memória e Teorias em Educação.

Aos meus colegas de Mestrado, especialmente a Thays Machado e Luciano Alves, pelo companheirismo, carinho e atenção.

Às minhas amigas e colegas de trabalho da Escola Estadual “União e Força”, especialmente a Rosilane, Romilda, Selma Tomás e Lúdio Edson, pelas constantes palavras de carinho, às vezes, virtuais; mas sempre presentes.

Ao Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, pela possibilidade de ampliar minhas percepções acerca das diferenças e subjetividades humanas, em especial a Sônia Palma, Débora, Michelinha, Imara, Lúcia e Regina, pelas quais tenho um carinho especial.

A todas as colegas de percurso, sobretudo a Gisele Matos, mestranda na área de linguagem, pela tradução, em Língua Inglesa, de resumos para publicação e a Hérika Renally, professora formadora do CEFAPRO – Centro de Formação de Professores - Cáceres/MT, pela revisão cuidadosa do texto e pela amizade.

À professora Doutora Isis Longo, pelas dicas primorosas, leitura dos primeiros rabiscos e palavras carinhosas, que deram ânimo no transcorrer da caminhada.

Ao professor doutor Renato Suttana, pela receptividade carinhosa, contribuição virtual e, posteriormente, exemplar de alguns dos seus livros, entre eles: “Uma poética do deslimite: poema e imagem na obra de Manoel de Barros”.

À amiga Soeli Aparecida Rossi de Arruda, com a qual convivi durante o primeiro ano do estudo, período de algumas discordâncias, conflitos; mas, sobretudo da valoração da amizade e do companheirismo.

Aos meus pais: Helena Terada Nascimento e Sulino José do Nascimento, que me deram a vida e, principalmente, me ensinaram a importância do amor e da compreensão entre as pessoas.

À minha irmã, esposo e filhos pelos momentos de lazer e acolhida carinhosa de sempre, que, por muitas vezes, serviram de combustível para voltar à caminhada.

Ao meu irmão, esposa e filhos, pela torcida, pelo simples e precioso fato de existirem em minha vida.

Ao meu esposo e filhos, por compreenderem o período das ausências e por me receberem sempre com carinho e atenção; sem essa contribuição, a caminhada seria impossível.

E, finalmente, àquele capaz de perdoar os deslizes humanos, Deus todo poderoso, por me permitir caminhar com saúde e continuar a acreditar que é possível e necessária a busca por sociedades sustentáveis.

## POEMA

A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei.

Meu fado é o de não saber quase tudo.

Sobre o nada eu tenho profundidades.

Não tenho conexões com a realidade.

Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.

Para mim poderoso é aquele que descobre as

Insignificâncias (do mundo e as nossas).

Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.

Fiquei emocionado e chorei.

Sou fraco para elogios.

Manoel de Barros



## RESUMO

O estudo apresenta a tessitura de diálogos poéticos entre a Educação Ambiental e a poética surrealista do chão pantaneiro, criada por Manoel de Barros. Assim, descrevemos algumas percepções teóricas que se originam nos princípios marxistas, mas que trazem a arte como princípio para uma postura ética, que contribua na compreensão das coisas do mundo. A produção desse poeta mato-grossense apresenta o aconchego de um espaço surreal que se articula nos devaneios da magia e do sonho. Com o objetivo de compreender este universo mágico, enveredamos por um caminho metodológico no viés da fenomenologia do imaginário, que permite outros olhares acerca das coisas do mundo, numa percepção mais justa e igualitária de sociedade. Na abertura desse diálogo poético, trazemos em pauta o elemento água, como símbolo de reconstrução e fertilidade, mas também por fazer parte de uma das características ímpares do pantanal mato-grossense, que atua como princípio de renovação expressa na dinâmica ambiental. Tal vocábulo, trazido por Manoel, ao admitir uma multiplicidade de sentidos, apresenta a correnteza de suas águas poéticas no percurso de sua ação criadora e abre possibilidades de diálogos com outros fios condutores, que permitem o entrelaçamento de saberes e sabores múltiplos e complementares. A premissa é que o ser humano contemporâneo permita a contaminação pela poesia, a fim de ressignificar os sentidos humanos, adormecidos pela ideologia capitalista. Para tal, entrevistamos Manoel de Barros, por meio de suas produções poéticas, apresentando a poesia desse mato-grossense, de extrema sensibilidade, agregada às utopias da Educação Ambiental, numa luta sensível por uma concepção mais ética e coletiva de sociedade. E é nesse círculo de saberes e *dessaberes*, que apresentamos a espiral caracoliana, onde o novo e o velho interagem, num constante movimento de renovação e aprendizagens. Este processo possibilita a percepção de uma das possíveis mágicas que podemos encontrar entre o diálogo da Educação Ambiental com a poesia manoelina, no intuito de se fazer sentir o aroma da poética inscrita na natureza.

Palavras-chave: Educação Ambiental; poesia; diálogo.

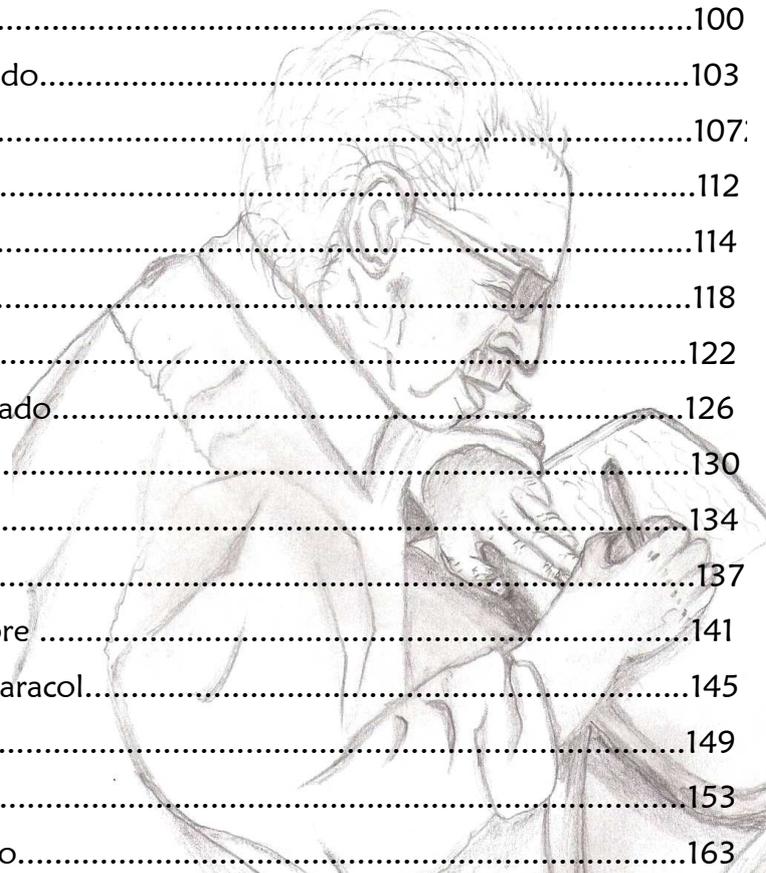
## ABSTRACT

The study presents the texture of lyrical dialogue between Environmental Education and surrealist poetry of the Pantanal's territory, created by Manoel de Barros. Thus, we describe some theoretical insights that originate from the Marxist principles, which bring the art as a foundation for an ethical standpoint for understanding the things of the world. The production of this poet of Mato Grosso has the warmth of a surreal space that is articulated in reverie of magic and dreams. In order to understand this magical universe, we set out the methodological bias of the phenomenology of imagery, which looks on to other things in the world, such as the perception more just and egalitarian society, among others. At the opening of poetic dialogue, it brings the element water on the agenda, as a symbol of fertility and reconstruction, and also for being part of one of the unique characteristics of the Pantanal of Mato Grosso, which acts as a principle of renewal expressed in the dynamic environment. This expression "water", carried by Manoel's sense, by allowing a multiplicity of directions, shows the stream of the water in the poetic way of his creative activity and opens possibilities for dialogue with other conductors, which allow the link between knowledge and varieties under multiple comprehensions. The premise is to touch humans under contemporary poetry in order to reframe the senses and awareness, asleep by capitalist ideology. To achieve this goal, we interviewed Manoel de Barros, through his poetic productions, featuring the extreme insightful of poetry of Mato Grosso, to the summative utopias of Environmental Education, a sensitive fight for a more ethical and collective society. It is inside the circle, such as snail spiral, that we bring up knowledge and its opposite, as a dynamic movement that interact and give possibility to flourish the learning process. This route allows the realization of the fantasies, magic and spells for environmental education learning, combining the aroma of poetry of Manoel de Barros, together with the nature's sensibility.

Keywords: Environmental Education; Poetry; Dialogue.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cidade de Cáceres.....	23
Figura 2 – E. E. “União e Força” .....	25
Figura 3 – A libélula.....	43
Figura 4 – Van Gogh: Girassóis.....	52
Figura 5 – As três infâncias de Manoel.....	55
Figura 6 – O espelho.....	89
Figura 7 – Conexão. ....	96
Figura 8 – Autorretrato.....	100
Figura 9 – A criança e o mundo.....	103
Figura 10 – Casacaracol.....	107
Figura 11 – O encontro.....	112
Figura 12 –Transformação.....	114
Figura 13 – A vitória régia.....	118
Figura 14 – Tessitura.....	122
Figura 15 – Manoel caracolizado.....	126
Figura 16 – Cem fronteiras.....	130
Figura 17 – Paulo Freire.....	134
Figura 18 – interação.....	137
Figura 19 – Ser humano/árvore .....	141
Figura 20 – A tartaruga e o caracol.....	145
Figura 21 – Integração.....	149
Figura 22 – O amanhecer.....	153
Figura 23 – mãos desenhando.....	163



## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES.....</b>	<b>13</b>
<b>1 O NASCIMENTO DA PALAVRA.....</b>	<b>20</b>
1.1 O CENÁRIO DOS SONHOS.....	21
1.2 O ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MANOEL DE BARROS.....	26
1.3 A POÉTICA AMBIENTAL EM MANOEL DE BARROS.....	30
<b>2 RABISCOS E DESENHOS DA PALAVRA.....</b>	<b>36</b>
2.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PERCEPÇÕES INICIAIS.....	37
2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DO MUNDO CAÓTICO AO MUNDO POÉTICO.....	43
2.2.1 As andarilhagens de Manoel de Barros.....	49
2.2.2 Surrealismo & Manoel de Barros: a (in) direção dos ventos.....	56
<b>3 CONSTRUINDO LINGUAGENS .....</b>	<b>69</b>
3.1 O ESBOÇO DA PESQUISA.....	70
3.1.1 A sinestesia ambiental: desenhos de uma voz.....	72
3.2 A ORQUESTRA FENOMENOLÓGICA NA POESIA AMBIENTAL.....	78
<b>4 TESSITURA DOS SENTIDOS.....</b>	<b>86</b>
4.1 A POESIA DO CICLO DAS ÁGUAS PANTANEIRAS.....	89
4.2 AS CORRENTEZAS DAS ÁGUAS POÉTICAS DE MANOEL DE BARROS.....	92
4.3 LEITURAS DE MUNDOS POÉTICOS.....	95
<b>5 PROJETANDO SONHOS.....</b>	<b>159</b>
5.1 A PROJEÇÃO DA UTOPIA.....	160
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>166</b>
<b>WEBLIOGRAFIA.....</b>	<b>174</b>

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES



Poesia não presta para demonstrar nada.  
Ela só presta para dar néctar.

Manoel de Barros

Esta abordagem tem como premissa apresentar o percurso da pesquisa - **Educação Ambiental & Manoel de Barros: diálogos poéticos** - que teve como foco a Educação Ambiental, aliada à poesia surrealista de Manoel de Barros. Os diálogos têm a pretensão de contribuir para irromper as normas e convenções que articulam o mundo, em prol de olhares que se constituem na ética da poesia ambiental. Buscamos, por meio da pesquisa qualitativa, com enfoque na fenomenologia do imaginário, abordar outros saberes, que apresentam mais responsabilidade humana e ecológica, primando por novas perspectivas de aprendizagens.

Segundo Sato e Passos (2001), o grande desafio da Educação Ambiental é a busca por alteridade, que se constrói no respeito à diversidade, onde se percebe que o uno e o múltiplo coexistem em nós. Portanto, se essa busca por um mundo melhor é, realmente almejada, somos nós quem temos a tarefa de efetivá-la. Ao trazermos a conexão entre a Educação Ambiental e a poesia, no viés fenomenológico e surrealista, queremos apresentá-la como uma das vias possíveis para a criação de uma possibilidade sensível contra os poderes hegemônicos. Assim, acreditamos que a fenomenologia do imaginário, contribui para a compreensão, de que a poética de Barros, faz emergir uma ciranda de saberes, em uma movimentada dinâmica sinestésica, que pressupõe novos olhares e sentidos às redes e enredos cotidianos. Dos quais, fazem parte não só os seres humanos, mas tudo o que compõe e dinamiza as vidas e não vidas do cosmo.

Importante ressaltar que, embora haja no entremeio dessa descrição, inúmeras proposições, também acerca do sentido social, que emerge da literatura, em momento algum queremos abordar a poesia como explicação ou análise convencional. Muito pelo contrário, queremos suscitar para a necessidade do ser humano deixar-se contaminar pela ética que emerge das palavras do poeta, inclusive, primando pelo *dessaber*. Porém, percebendo que a arte também traz impregnado um apelo político/social forte, que por si só é capaz de fazer emergir a percepção revolucionária. O conhecimento poético dos autores envolvidos na trajetória da pesquisa foi também implementado pela energia que surgiram de outros saberes e, estes por sua vez, não descartaram a informação proveniente dos movimentos políticos e sociais. Porém, é com o olhar voltado para as coisas desimportantes, que queremos aguçar a percepção sobre a magia e o mistério, que surge da poética ambiental e que incita o ser humano

a sentir e ver a dinâmica luminosa, expressa nas coisas banais e corriqueiras. Ao descrever a *fluição*<sup>1</sup> poética, queremos contribuir para com a necessidade da amorosidade e do diálogo entre as coisas do mundo, a fim de construir teias, que possam também contribuir para minimizar as calamidades e injustiças socioambientais, fortalecendo os princípios éticos e humanos suscitados pelas teorias abordadas. Como ressalta Freire (1987), somente o amor é capaz de nos mover em busca de alternativas para nós mesmos e para o outro. Ou, ainda de acordo com o autor, só posso crescer na interação entre o eu, o outro e o contexto.

Para que tenhamos essa possibilidade, de reinvenção de olhares sobre o mundo, segundo Sato e Passos (2001), precisamos desbravar trilhas, por outros caminhos metodológicos, que se contrapõem ao *treinamento do capital humano* e trilham por alianças participativas, éticas, estéticas e democráticas. Elos que, acreditamos, poderão ser fortalecidos pela subjetividade e pela sensibilidade poética, pois, os sentidos advindos da fluição da poesia, poderão contribuir para com a amorosidade fenomenológica, que vislumbramos não apenas em Manoel de Barros, mas também em Freire (1987), Sato e Passos (2006), Merleau-Ponty (1999), Bachelard (1989), entre outros; que lutam em prol do acolhimento das diferenças, com todas as suas idiosincrasias. Portanto, a Educação ambiental, na qual nos pautamos, toma como ambiência *as sociedades sustentáveis*, em detrimento do *desenvolvimento sustentável*. De acordo com Sato e Passos (2001), enquanto a primeira prima pela mudança pessoal e coletiva, visando a justiça ambiental, a equidade social e a participação democrática, o segundo está baseado no interesse utilitário, nas leis mercantilistas e predadoras do capital.

A Educação Ambiental e a poética, na via da fenomenologia, de acordo com Sato (2008), vai desbravando trilhas, que melhor condizem com as expectativas humanas. Ou seja, ambas não ficam à espreita no muro construído pelo poder hegemônico, ao contrário, rompem com sua barreira, na expectativa de visualizar novas possibilidades de convivência entre diferentes. Acreditamos que a aliança

---

<sup>1</sup> Embora o termo **fruição**, de acordo com o dicionário Aurélio – Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 3 ed. 1999 - seja grafado com *ɹ*, no percurso da dissertação este será grafado com *l*, pois queremos envergá-lo para o sentido de **fluides**. Portanto, faremos uma substantivação do verbo *fluir*, considerando, além das características primordiais das águas pantaneiras, a proposição de que a poética de Manoel de Barros também nos instiga a percepção de que, ao ultrapassar as normas convencionais de suas palavras, estas escorrem outras possibilidades de interpretação.

sugerida pode contribuir na criação de um novo mundo, por meio de diálogos entre autores, que são múltiplos, porque conjugam sonhos plurais, mas que é também uno, porque apresenta as subjetividades de seres humanos, em seus contextos e referências particulares. É com esses sentidos que a pesquisa se estrutura no alicerce fértil da pesquisa qualitativa, por permitir outros olhares, além do habitual, assim como se estrutura na fenomenologia, onde sujeito/objeto são indissociáveis. O trabalho subdivide-se, portanto, em cinco capítulos, que abordam a emergência da sensibilidade no trato com as coisas do mundo, buscando apresentar percepções sobre a abertura que nos oferece a poesia da natureza e, assim busca dialogar sobre a importância do acolhimento da diversidade.

O primeiro capítulo – **O nascimento da palavra** – traça um pequeno esboço da minha trajetória enquanto ser no mundo. Início<sup>2</sup> com algumas percepções, relevantes da infância, que acredito pertinentes para a compreensão de que o avanço tecnológico, por um lado, aproxima as pessoas, mas, por outro, colabora com a falta de interação entre as mesmas. Fato que já se inicia na infância, quando as crianças trocam as brincadeiras de roda, os jogos de amarelinha, por exemplo, pelos brinquedos eletrônicos, que contribuem para isolá-las do convívio direto com as outras crianças. Descrevo também, alguns dos meus primeiros contatos com a arte da palavra e o devir maravilhoso das histórias que ouvi na infância. Nesse contexto, trago o cenário inicial da Educação Ambiental na minha vida e o encontro com a poesia do mato-grossense Manoel de Barros, traçando algumas relações entre ambos.

O segundo capítulo – **Rabiscos e desenhos da palavra** – apresenta as percepções sobre a Educação Ambiental, que acolhe os diferentes, estabelecendo um diálogo com autores que também ressaltam a necessidade da busca pela sensibilidade humana, num mundo que prima pelos bens tecnicistas. Nesse foco, resalto algumas características da sociedade que teima em valorizar os ideários da modernidade no que tange ao

---

<sup>2</sup> Embora, apresentamos os capítulos com os verbos na primeira pessoa do singular (eu), há na abordagem da descrição da pesquisa um processo híbrido entre o eu e o nós, primeira pessoa do plural. O primeiro, na percepção de que não há como se desprender da subjetividade da pesquisadora e, o segundo, com o intuito de elucidar que a pesquisa é realizada no coletivo, com a participação de pessoas que de maneira direta e indireta, corroboram para a efetividade de seu percurso. Acreditamos ainda que, por meio de novas constelações de sentidos provenientes da leitura, as pessoas continuem criando novos elos e corroborando com os devaneios descritos. Desta forma, o verbo na primeira pessoa do plural oferece abertura ao leitor/coautor para discordar das inferências expostas ou para complementá-las. Afinal, é dessa dialogicidade que tratamos e é ela que tentamos defender no corpo do estudo.

modelo homogeneizador, que descarta as diferenças, em prol da valorização da vida no/do planeta. Para tal, dialogo com autores como: Carvalho (2002, 2004a, 2004b), Passos & Sato (2001, 2002, 2006, 2008, 2009), Bachelard (1998, 2002a, 2002b, 2005), entre outros, que contribuem para a visão libertadora de aprendizagens humanas, na qual a poética da natureza é o foco central. Nessa proposição, apresento ainda neste capítulo, uma abordagem sobre a possível inter-relação entre alguns dos princípios da fenomenologia do imaginário de Gaston Bachelard e Manoel no contexto do surrealismo.

O terceiro capítulo – **Construindo linguagens** - aborda o cenário híbrido da pesquisa, com base nos diálogos bibliográfico e fenomenológico, explicitadoras das opções teórico-metodológicas, que apresentam outros olhares acerca das coisas no mundo. Contrariando, assim, o dogmatismo que acredita numa única verdade e que trata de forma dissociada ser humano e mundo ou sujeito e objeto. Apresento, portanto, algumas indagações, que efetivam o diálogo com a Educação ambiental, ancoradas na abordagem de alguns autores, que ressaltam a importância da literatura e da fenomenologia no mundo contemporâneo. Apresentamos essas percepções ampliadas pelo olhar de: Guattari (2007), Merleau-Ponty (1999), Octávio Paz (1982), entre outros. Estes autores fundamentam a percepção de que ser humano/mundo é indissociável e que, por assim ser, não podem ser tratados separadamente. Nesse cenário, acredito que não há como se abster da subjetividade humana, ao produzir ciência, pois, os indivíduos se articulam, por meio das complexidades presentes no mundo, e esta relação está distante de ser neutra, já que os seres humanos a concebem numa espiral de saberes, que é também movimentada pela subjetividade.

O quarto capítulo – **Tessitura de sentidos** – descreve as características do ciclo das águas do pantanal, a fim de coadunar com os sentidos da poética de Manoel de Barros e contribuir com os diálogos que trago em pauta, com a poesia do autor. Além disso, às águas apresentadas por Barros, coaduna com a liberdade expressa por Paulo Freire, tanto no contexto pantaneiro quanto na linguagem poética de Manoel, pois são águas que não enxergam barreiras, ao contrário, irrompem todas as fronteiras em busca de “inéditos viáveis”. Neste âmbito, apresento a fertilidade e a recriação que se dão por meio da linguagem poética, e que fazem com que a Educação Ambiental e a poesia tornem-se também esferas irmãs, indissociáveis, visto que o poeta apresenta a

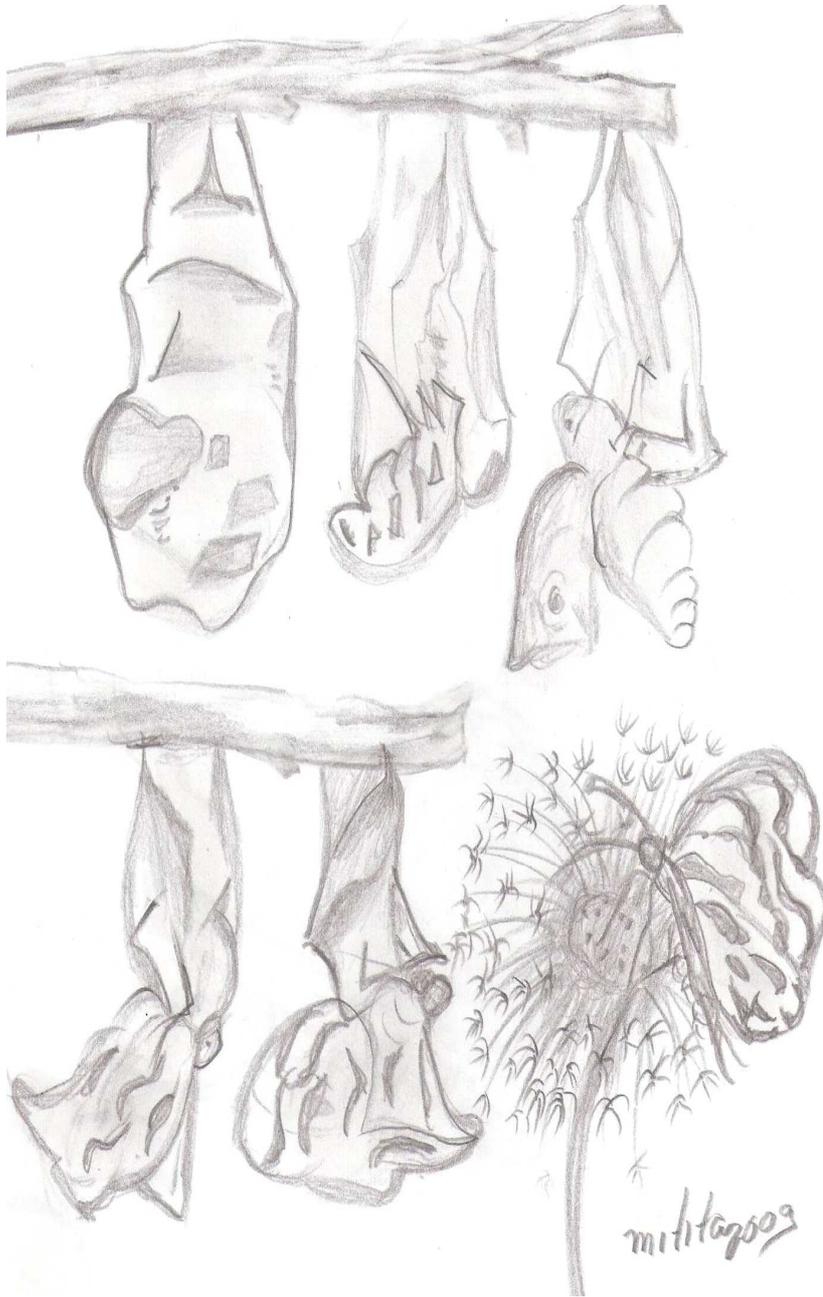
poesia da natureza por intermédio da sua lente imaginativa, criadora e fértil. Esta compreensão permite perceber a urgência da busca por elementos sensíveis, que contribuem na superação de conceitos, que nos foram imputados por décadas, no que se refere ao trato com a natureza. Acredito que a poesia, ao acionar os dispositivos sensoriais, pode corroborar com uma visão menos utilitarista da natureza e evidenciar percepções que irão contribuir com uma aprendizagem mais efetiva no cuidado com as coisas do mundo. Assim, apresento as respostas de Manoel de Barros às questões contidas no capítulo anterior, seguidas de uma reinvenção de percepções, com base em elementos epistemológicos que subsidiam as utopias da Educação Ambiental, em prol da sustentabilidade planetária. Vale ressaltar que, tento deixar uma abertura para que o outro também possa dialogar com as percepções que ora delinheiro, visto que a fenomenologia permite sempre a inclusão de novos olhares. Tanto as indagações como as percepções delineadas, foram organizadas com base em fios condutores, que percorrem por entre a produção do autor e que iluminam a natureza.

O quinto capítulo – **Projetando sonhos** – apresenta uma tentativa de romper com a visão da pesquisa, apenas como foco de conclusão de curso, e projetar as esperanças para o campo da educação formal. Portanto, trago à tona a minha subjetividade, enquanto educadora, que não acredita na educação formal como salvadora do mundo, visto que esta, muitas vezes, se apresenta nos ideários dos padrões cartesianos. Porém, a esperança, a utopia, faz crer, que é possível a construção de um espaço de troca de saberes, que privilegia uma concepção de ensino, pautada na visão libertadora do educador Paulo Freire. Para tanto, acredito que, se a escola perceber o colorido expresso na poética surrealista, poderá contribuir para suscitar a imaginação criadora, livre das amarras que impedem o ser humano de projetar seus sonhos. E, desta maneira, a escola poderá contribuir na busca por uma sociedade mais justa e igualitária, onde as contribuições dos diversos segmentos educacionais poderão esboçar um currículo fenomenológico, com vistas à emancipação humana. Enfim, esse último capítulo descreve considerações sobre a pesquisa e a pretensão do estudo em alçar voos que ressignifiquem o processo ensino-aprendizagem, na percepção de que a poesia pautada na visão surrealista privilegia a criação e, independentemente de sentidos, propicia outra concepção do fazer pedagógico.

Vale destacar que em todos os capítulos, busco trazer para a discussão a poesia do autor, não apenas para ilustrar o trabalho, mas para evidenciar a efetividade do olhar poético sobre as coisas do mundo.

# 1 CAPÍTULO

## O NASCIMENTO DA PALAVRA



Teve a semente que atravessar panos podres,  
criames de insetos, couros, gravetos, pedras,  
ossarais de peixes, cacos de vidro etc.  
– antes de irromper.

## 1.1 O CENÁRIO DOS SONHOS

Em princípio, vale elucidar que este capítulo inicia-se com a biografia ecológica da pesquisadora (identidade), que se dilui no encontro com a Educação Ambiental e a poética de Manoel de Barros, ambas articuladas na percepção do mote surrealista que acolhe a imersão na arte. Segundo Michael Löwy (2002), o surrealismo surgiu como um movimento assinado por André Breton em outubro de 1924. Visava restaurar os sentimentos e instintos humanos, com uma nova linguagem artística, por meio da qual o ser humano pudesse ter uma visão introspectiva de si mesmo. Pregava a destruição de dogmas para a criação de uma nova sociedade e amparava-se numa visão mais democrática e libertadora não só da arte, mas da vida. A premissa não era descartar todo o conhecimento advindo do “estrangeiro”, mas aproveitar a energia boa que dele exalava, descartando a podridão que envolvia a alienação, em prol da autonomia para a construção de uma nova sociedade, que tivesse como base primordial um projeto articulado nos sonhos e devaneios humanos. Nesse viés, acredito que à nossa subjetividade estão intrínsecas as nossas escolhas individuais e coletivas. Ou seja, na pesquisa fenomenológica, a identidade está presente na maneira como o meu sonho se emaranha no do outro e se entrelaça ao mundo, fazendo emergir a tríade merleau-pontyana: eu/outro/mundo.

O estudo, ao considerar a subjetividade humana como um dos princípios para *sulear*<sup>3</sup> a produção científica de cunho sensível, que toma a poesia como aliada da Educação Ambiental e do ser humano fenomenológico, torna imprescindível o relato de algumas das minhas experiências com a arte da palavra, bem como o contato com a produção científica e com os primeiros cenários da pesquisa que ora se descreve.

Filha caçula de uma família com três filhos: Júlio, Maria José e Maria Elizabete. Tive toda a minha infância no sítio, aproximadamente, a 80 quilômetros da cidade de Cáceres/MT.

Meus pais: Sulino José do Nascimento e Helena Terada Nascimento, ao se unirem formavam um casal atípico para a época: ele baiano e ela filha de imigrantes

---

<sup>3</sup> Segundo Telmo Adams, no *Dicionário Paulo Freire* (2008, p. 396) é um termo recorrente na teoria Freireana e uma conotação ideológica do vocábulo “norrear”. Enquanto este significa a dependência do Sul em relação ao Norte, “Sulear” significa o processo de autonomia, na luta pela emancipação no que concerne a herança do colonialismo. De acordo com o autor, para o Educador Paulo Freire era urgente superar os modelos de fora, do Norte, e criar projetos autônomos.

japoneses. União nada convencional, visto que as famílias de origem japonesa não permitiam que os filhos casassem com “gaijin”<sup>4</sup>. Após a união, eles se mudaram para o Estado de Mato Grosso, se desvinculando da família e constituindo outra.

Meu irmão logo buscou independência e procurou estudar, já que tinha o sonho de sair do trabalho da roça, como não havia escola que oferecesse ensino médio pelas redondezas, tinha que se deslocar para a cidade vizinha, muitas vezes, por meio de carona. até que arrumou emprego e se mudou de vez. Minha irmã casou aos dezesseis anos. Com uma diferença de quase nove anos da minha irmã, fiquei sozinha com meus pais, tendo a companhia das crianças da vizinhança, à noite, quando as famílias se juntavam para jogar conversa fora, como diziam. Nesses encontros a criançada aproveitava para brincar de pula-pula, amarelinha, de roda, entre outras brincadeiras coletivas e animadas. Assistíamos televisão, raramente, na casa do vizinho.

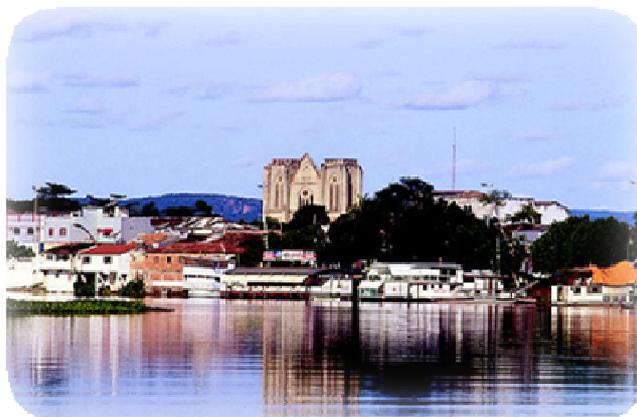
A vida dos meus pais, no Estado de Mato Grosso, foi marcada por um trabalho árduo. Minha mãe, a quem dispenso enorme admiração, era filha de fazendeiros do interior de São Paulo e meu pai, peão. Ao unirem e saírem do seio da família, eles enfrentaram, por anos a fio, a vida dura do trabalho braçal. Enquanto meu pai saía para trabalhar nas lavouras de café, minha mãe ia para as lavouras de algodão, além de costurar nos finais de semana. Com o passar do tempo conseguiram comprar um sítio, que eles mantêm até hoje. Costumo dizer que naquele sítio está o coração e o sangue dos meus pais.

Ainda no sítio, terminei o ensino básico. Um fato interessante desse período é que cresci ouvindo histórias de La Fontaine e dos irmãos Grimm, contadas pelo meu pai, com pouco grau de escolaridade, que sempre trocava o final das histórias, inserindo alguém ou alguma coisa que fazia parte do contexto, que ora vivenciávamos. Só descobri que se tratava de clássicos da literatura, quando, surpresa, me deparei com os livros da disciplina de literatura infanto-juvenil, já na Universidade. Assim que terminei a então oitava série, tive que interromper os estudos, visto que não havia nas proximidades, escola de Ensino Médio. Assim como a minha irmã, iniciei minha vida conjugal também, muito cedo, aos dezesseis anos, foi quando tive a

---

<sup>4</sup> Abreviação do termo japonês gaikokujin. Gai = fora, koku = país, jin = pessoa. Portanto, tirou-se do meio o país e ficou gaijin, pessoa de fora, logo, estrangeiro. <http://aprendajapones.blogspot.com/2007/07/097gaijin-eu.html>

oportunidade de cursar o Ensino Médio, à distância. Estudava em casa e fazia as provas em Cáceres (Figura 1).



**Figura 1:** cidade de Cáceres

**Fonte:** acervo da Sematur/Mário Friedlander

Logo após, já mãe de dois filhos, fiz o vestibular, que na época, permitia fazer duas opções de curso. Escolhi Biologia, em primeiro lugar, e Letras, em segundo. Consegui ser aprovada nas duas, porém, para cursar Biologia teria que esperar a segunda chamada, assim, resolvi iniciar o curso de Letras.

Minha graduação transcorreu entre descobertas, reflexões e algumas ressignificações sobre a compreensão que eu tinha do mundo. Para tanto, foram significativas as atividades didáticas realizadas nas disciplinas curriculares, as atividades de representação estudantil e, muito especialmente, as atividades da iniciação científica. É necessário registrar, ainda, a relevância dos momentos de convivência com os sujeitos que fizeram e fazem o dia-a-dia da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso, que permeiam o estar na Faculdade, nos pátios, nos corredores, o observar os murais, ou seja, toda a ambiência promovida. Era indiscutivelmente, um convite à alegria de aprender, de produzir conhecimento, de sentir a universidade, de pensar e viver o mundo de uma forma mais ampla. O Curso, além de me inserir no mundo da leitura e da escrita, de maneira mais profícua, ofereceu possibilidades de reflexão e elaboração de novas visões, no que tange às relações sociais, culturais e políticas. No entanto, também me colocou diante do grande desafio de redobrar os estudos e romper com o preconceito que era direcionado aos que haviam estudado à

distância. Lembro-me como se fosse hoje, o comentário da professora, no primeiro dia de aula na Universidade, ao constatar que na sala estavam presentes oito alunos que haviam concluído o Ensino Médio no curso à distância: “*Vocês jamais conseguirão terminar o curso de Letras, pois a escrita não tem espaço relevante nesse tipo de curso para o ingresso em uma Universidade*”. Tamanha foi a minha decepção! Mas serviu de estímulo para ampliar o meu universo linguístico e me dar garra para minimizar as limitações e realizar as atividades propostas.

O passeio por disciplinas como: Filosofia, Teoria Literária, Sociologia, Psicologia, Sociolinguística, Semântica, entre outras, foram fundamentais para a ampliação do conhecimento. A oportunidade de realização de estágio na disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa e o acompanhamento direto dos professores da UNEMAT significou a iniciação da vida profissional, no campo da educação, centrada no princípio do trabalho cooperativo e dialógico.

Outro capítulo, desta minha trajetória, foi o encontro com os programas de iniciação científica na UNEMAT, provocado pelo interesse em ir além do que se aprendia na sala de aula. Na primeira oportunidade, e tendo atendido aos requisitos, fui *premiada* com a primeira bolsa de pesquisa oferecida pelo projeto “*LITARTE: uma vivência necessária para o exercício da cidadania*”; sob orientação das Professoras Olga Maria Castrillon Mendes e Elizabeth Batista, hoje doutoras, em Literatura. O projeto pretendia difundir a relação entre literatura e arte, como componente importante no desempenho social do ser humano. O desenvolvimento desse estudo permitiu alargar o conhecimento literário e me fazer apaixonar pela literatura. Nesse cenário, percebi o quão grande é a extensão da alma humana, o que me permite dizer que a palavra poética, ao transcender o visível, ultrapassa os sentidos comuns e abre as janelas para outros mundos possíveis.

Essa formação inicial vem servindo para superar alguns dos desafios do trabalho como educadora. Pouco tempo após o término da Graduação em Letras; ingressei na Pós-Graduação *lato sensu* em “*Língua Portuguesa e Literatura*” - UNEMAT, concluindo o curso com a monografia “*Autoria em dupla*” - que tinha como base teórica a Análise do Discurso de linha francesa - sob orientação da prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Mônica Zoppi Fontana – UNICAMP – Universidade do Estado de Campinas/São Paulo. As contribuições advindas da experiência, estudo e busca de compreensão dos fenômenos educativos na

Universidade, serviram para compreender o aspecto fundante do desafio de educar para a cidadania na sociedade atual, além de possibilitar, logo após a graduação, aprovação no concurso público do Estado de MT.

Atualmente, como profissional da educação, pertencente à Rede Estadual de Ensino, faço parte do quadro do CEFAPRO – Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica. Como professora-formadora, cargo do qual me encontro afastada, em virtude da minha qualificação *stricto sensu*, atuarei junto aos professores das redes públicas de 12 cidades mato-grossenses, no processo de formação continuada. Entretanto nos últimos anos, trabalhei como educadora na Escola Estadual União e Força - Cáceres/MT (figura 2); o que me proporcionou uma experiência com o ensinar/aprender decisiva para a busca de mais conhecimentos por intermédio do curso de Mestrado. Esta instituição, não tem prédio próprio, por isso, funciona num ambiente, onde antes era a cadeia pública da cidade. A estrutura física, que hoje pertence à Maçonaria<sup>5</sup>, apresenta algumas restrições, quando se refere a um ambiente agradável, com condições de aconchegar os mais de 800 alunos que nela estudam todos os dias. No entanto, conta com profissionais, que lutam pela melhoria do ensino público e que acreditam que, se a escola não pode resolver as mazelas sociais, pode contribuir para que as pessoas percebam as injustiças sociais e possam ir à luta em prol de sua emancipação.



**Figura 2:** E. E. “União e Força”  
**Fonte:** Elizabete Oliveira 2008

Como educadora, da Escola Estadual “União e Força”, o trabalho com pequenos projetos, foi um exercício constante, na busca de ampliação do conteúdo do livro didático, motivando a argumentação oral, socializando ideias e reformulando opiniões acerca das verdades instituídas. A aspiração por mudanças no âmbito

---

<sup>5</sup> Ao adentrar o espaço interno do prédio é possível fazer uma ‘certa’ aproximação com o arquétipo da instituição prisional, abordado por Michel Foucault em “Vigiar e Punir”. Pois, embora já tenha sofrido algumas alterações na estrutura física, ainda há uma sala em que se pode ver quase todo o pátio.

educacional é um dos fatores que me motivam a ir à busca de qualificação profissional a fim de minimizar as inúmeras perguntas que surgem com a prática pedagógica, entre elas, a exclusão da classe popular dos bancos escolares. Tal fator me imprime incômodo, visto que esta exclusão se dá, muitas vezes, pela falta de sensibilidade em inserir os educandos nas discussões e ações que se articulam em sala de aula. Acredito que a falta de sensibilidade humana, corrobora para intensificar a diferenciação de classe social e, conseqüentemente, amplia a falta de relação entre seres humanos, que poderiam aprender mutuamente.

## **1.2 O ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E MANOEL DE BARROS**

O interesse pela pesquisa na área de Educação Ambiental iniciou-se após a minha participação no V - Seminário da REMTEA – Rede Mato-grossense de Educação Ambiental, realizado na UFMT, a convite da professora e amiga bióloga Edna de Laet, a quem devo parte dos meus sonhos na Educação Ambiental. No seminário comprei os livros “A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora” – organizado por José Eduardo dos Santos e Michèle Sato e “Desafios e limites na pesquisa em educação ambiental”, organizado por Michèle Sato e Isabel Carvalho. Com a leitura dos livros, fui percebendo que o propósito e expectativas da Educação Ambiental, vão além das preocupações com queimadas, lixos ou poluição, e que vinham ao encontro de minhas expectativas, enquanto educadora, na busca de contribuir para legitimar um espaço político e social menos desigual. Acredito, portanto, na possibilidade de entrelaçar saberes, para fazer emergir a emancipação do ser humano e minimizar as disparidades sociais e culturais, colaborando para uma educação inclusiva.

Tomei então a decisão de pleitear uma das vagas no mestrado na linha de pesquisa - Educação e Meio Ambiente. Desse momento em diante, a leitura e a luta se intensificaram em busca do objetivo. Foram duas tentativas, até que no final de 2007, após as etapas de seleção, consegui o intento de ser orientada pela Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Michèle Sato. Houve uma transformação na minha vida pessoal. Casada, mãe e a uma distância de 204 km, aproximadamente, do campus da Universidade, tive que me desdobrar para conseguir cumprir os créditos obrigatórios do programa e participar dos colóquios do Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental/GPEA. Assim, precisei

instalar residência na Capital, durante a semana, e retornar a Cáceres apenas aos finais de semana, para ficar junto à minha família.

A opção por Manoel de Barros surgiu, após a leitura do livro *Gramática expositiva do chão*, quando percebi a possibilidade de trabalhar com a literatura e as utopias da Educação Ambiental, com vistas à emancipação humana. Em primeira instância, iríamos trabalhar com a poética de Silva Freire, também poeta mato-grossense e Manoel de Barros na perspectiva libertadora da Educação Ambiental, porém com os estudos e com a primeira orientação, fui percebendo a intensidade do propósito da pesquisa. Foi quando optei por Manoel de Barros e o currículo fenomenológico, mas, novamente, surgiram indagações, como por exemplo: como construir um currículo, se este só pode ser organizado em conjunto com a escola, com a comunidade e com os envolvidos no processo educacional? Enfim, foram diversas as modificações que a ideia inicial sofreu até chegar ao projeto final, que deu subsídio para a realização dessa pesquisa, sempre com a intervenção necessária e incômoda da professora Michèle, que soube compreender os meus silêncios e deu crédito às minhas esperanças.

Apesar dos tropeços, a opção não poderia ter sido mais acertada, visto que, apaixonada pela arte poética de Manoel de Barros, a cada leitura, me sentia mais embevecida pela perspicácia e inteligência do exímio poeta mato-grossense, que, por meio de uma linguagem original, fez surgir, a cada leitura, novas possibilidades de sentidos. Desta forma, me fez acreditar veementemente nas sábias palavras do escritor Octávio Paz (1982, p. 50), quando discorre que:

O poema constrói o povo porque o poeta remonta a corrente da linguagem e bebe na fonte original. No poema a sociedade se depara com os fundamentos de seu ser, com sua palavra primeira. [...] o poema nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos.

Nesse viés, o tema escolhido, se justifica pela pouca credibilidade que se destinam as subjetividades humanas no mundo atual, principalmente, no que se refere aos trabalhos de cunho científico, e por acreditar na efetividade das utopias da poética da Educação Ambiental, que respeita e dá lugar à diversidade presente no cosmo. Contribuindo para se compreender as questões socioambientais e humanas, em prol da sustentabilidade planetária. Porém, vale ressaltar que a produção e compreensão dos enunciados da pesquisa descritos nesse texto, são apenas os limites do olhar da

pesquisadora diante da referida problemática, já que o objeto abarca sentidos ilimitados.

Nessa perspectiva, este trabalho visa contribuir para a reflexão sobre a necessidade de novos hábitos e conhecimentos, no que tange a efetividade da dinâmica da vida e da sensibilidade, pautada no olhar de uma educação ambiental, que respeita a diversidade e que acredita no poder da amorosidade, frente às coisas do mundo. Nesta linha de estudo, procuramos apresentar alguns teóricos que dialogam com a educação ambiental, no viés de outras áreas do conhecimento, por meio de diálogos que possibilitam outras reflexões acerca da degradação do meio ambiente. Há pesquisas comprobatórias de que o individualismo e o consumismo exacerbados são alguns dos vilões que comprometem a vida no planeta. Portanto, muito além de disciplinas estanques que tem uma visão fragmentária do meio ambiente, uma educação ambiental efetiva, deve-se pautar na formação de seres humanos ambientalmente responsáveis, para atuarem na sociedade de maneira global.

Para ressaltar esta abordagem, propomos avaliar a forma como a natureza vem sendo alterada, pois, embora haja por parte das pessoas preocupações com o meio ambiente e haja consciência de que o ser humano necessita efetivamente dela para sobreviver, a ganância por bens materiais sobrepõe-se a estas inquietações. Assim, acreditamos ser necessária uma nova postura diante dos valores e verdades instituídos sobre a relação entre o ser humano/ natureza e sociedade, já que, o que gera esta tríade define os rumos que o planeta pode tomar. Acreditamos que é emergente perceber que esta relação não pode ser compreendida de forma aleatória, dividida, pois, pensar em progresso visando apenas os avanços tecnológicos e econômicos, pode colocar em risco a vida no planeta. E de nada adianta a melhoria se por trás desta estiver como refém o próprio indivíduo. Neste sentido, M. Carvalho (2003) relata que:

Marx, no seu famoso manifesto, já alertava que, sob o comando da burguesia 'tudo que é sólido e estável se evapora'. E, em outro escrito seu, afirmava que a 'natureza é o corpo inorgânico do homem', indicando que ambos – homem e natureza – formam um conjunto indissociável, interdependente, cujos comportamentos se refletem mutuamente. Ou seja, a exploração da força de trabalho e a conseqüente degradação da vida humana que daí advém resultarão em conseqüências semelhantes para a própria natureza (M. CARVALHO, 2003, p. 66-67).

Considerando as palavras do autor, percebemos que é urgente o ser humano perceber quão grande é sua necessidade de compreender a catástrofe ambiental que ele está delineando, por meio de ações que estão simbolicamente atrofiando o seu próprio corpo. Portanto, há necessidade de empreender ações alternativas, que forneçam vias para a construção de novas posturas e olhares, no que tange a reciprocidade entre ser humano/natureza, na qual a razão não se desprenda da sensibilidade.

A partir desta percepção, escolhemos a leitura e a compreensão da poesia do mato-grossense, Manoel de Barros, como possibilidade de aguçar o elemento sensível, subsídio que nos torna ímpares, enquanto seres humanos, na busca de argumentos que efetivem a necessidade de diálogos, e que contemplem as expectativas da Educação Ambiental, em prol de sociedades sustentáveis, como um processo cíclico de aprendizagens.

Ao compreender alguns dos sentidos da poesia, por meio do limiar filosófico da fenomenologia, procuramos levantar questionamentos e reflexões para além do conhecimento tecnicista, entendendo que o ser humano carrega uma carga significativa de outros conhecimentos adquiridos na dinâmica da vida. Com a produção poética de Manoel de Barros, buscamos possibilitar a percepção do poético, na acepção de que, segundo Nelson de Oliveira (2008), no site - *Rascunho, o jornal de literatura do Brasil* - o termo *criador* vem do verbo *poieîn*<sup>6</sup>, do grego antigo – fazer, fabricar, compor. Nesse sentido, iremos considerar o substantivo *poíesis* – criação, confecção, fabricação, etc. Desta forma, a poesia aqui evidenciada trata de uma composição produzida no substrato do chão pantaneiro pelas mãos criadoras do poeta, que instaura o novo por meio do comum, do cotidiano, das brincadeiras, é o que ainda não foi dito - criação. Ele faz, desfaz e refaz com a linguagem, um constante movimento poético, que nos faz ver as coisas de azul, sugerindo o infinito, pois:

Texto quer dizer tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia (BARTHES, 2006, p.74 – 75).

---

<sup>6</sup> Nelson de Oliveira em: <http://rascunho.rpc.com.br/index>. Acesso em: 12/05/2009  
http://ras=secao.php&modelo=2&secao=3&lista=1&subsecao=10&ordem=953&semlimite=todos

A pesquisa, portanto, se constitui por elos, onde os diálogos são desencadeadores de saberes e contribuem na percepção de que a leitura atenta da poética de Barros e as teorias sobre Educação Ambiental, literatura e fenomenologia do imaginário, pode nos conduzir por outros mundos possíveis. Ao nos referir à compreensão da poética de Manoel de Barros, por meio de diálogos, buscamos reflexões, que permitam ver o mundo encantado delineado pela linguagem do autor, onde é possível tirar as lentes da visão cartesiana e enxergar em nós mesmos um *deserto de muitos eus*.

### 1.3 A POÉTICA AMBIENTAL EM MANOEL DE BARROS

O homem é pluralidade e diálogo, concordando e juntando-se consigo mesmo, mas também dividindo-se sem cessar. Nossa voz são muitas vozes. Nossas vozes são uma só voz. O poeta é ao mesmo tempo o objeto e o sujeito da criação poética: é o ouvido que escuta e a mão que escreve o que é ditado por sua voz.

Octávio Paz

A educação, apreendida na literatura ambiental com a poética de Barros, traz intrínseca a questão humana, na qual o ser não é concebido alheio às suas histórias. Esta concepção se fortalece na abordagem de Félix Guattari (2007), quando ele aborda a necessidade de unirmos as três ecologias: ambiental, social e mental, na busca por sociedades sustentáveis; bem como nos ajuda a compreender a percepção de Sato e Passos (2006), quando destacam a efetividade de um olhar sensível para a complexidade das relações humanas e sobre as coisas do mundo.

Sato e Passos trabalham em prol de uma Educação Ambiental, voltada para a diversidade, e que dialoga com a produção de Manoel de Barros, que faz emergir essas percepções a partir da linguagem estética da poesia. São percepções que abordam elementos que movimentam a dinâmica local, fazendo emergir imagens, de acordo com as percepções individuais, mas que apontam para o coletivo. Portanto, a transformação que almejamos no mundo, não depende apenas de uma revolução externa, mas também interna, uma vez que:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às

relações de forças visíveis em grande escala mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (GUATTARI, 2007, p.09).

Essa revolução proposta pelo autor, no entanto, não procede, caso o ser humano não perceba a urgência de lutar contra as forças invisíveis do poder, que imperam no mundo moderno que, cada vez mais, o sufoca e o move à tomada de decisões. Ou seja, o pensar no outro, como projeção do eu, torna-se imprescindível para percebermos o clamor do mundo.

Alfredo Bosi (2000), ao tratar da relevância da poesia, descreve que esta segue uma teia de significação e não pode ser concebida isoladamente, que as correlações existentes em sua trama é que fornecem a sua dimensão transversal e resistente. Portanto, contextualizar a poesia não implica apenas inseri-la em um momento histórico, mas perceber a sua trama, multidimensional por si só, repleta de imagens e sentidos que enveredam por caminhos inimagináveis. Neste compreender a poeticidade da linguagem, o ser humano precisa se despir da linha do tempo, estabelecida no histórico da literatura.

Na percepção de Bosi, a poesia caminha por várias direções, não apresenta lugar fixo, e, embora traga marcas do momento vivenciado pelo autor, é possível, pela palavra, transgredir a barreira do tempo e encontrar âncoras em outras histórias. Portanto, o tempo da palavra poética não se apresenta de forma linear. O autor aborda ainda, que a metalinguagem articulada pelos poetas, muitas vezes, é pautada em imagens ativas e fecundas, passíveis de mudanças que permitem uma operação de transporte existencial, que nos tiram do lugar comum e nos aportam em outros mundos. Onde por meio da imaginação criadora e do sonho podem originar possibilidades construtivas, contribuindo para chegarmos a uma sociedade menos agressora. Nela, o toque mágico das coisas comuns passa a criar sentidos que são ao mesmo tempo, dados e construídos pelo fenômeno, já que:

A imagem não decalca o modo de ser do objeto, ainda que de alguma forma o apreenda. Porque o imaginado é, a um só tempo, dado e construído. Dado, enquanto matéria. Mas construído, enquanto forma para o sujeito. **Dado: não depende da nossa vontade receber as sensações de luz e cor que o mundo provoca. Mas construído: a imagem resulta de um complicado progresso de organização perceptiva que se desenvolve desde a primeira infância** (BOSI, 2004, p. 22 - O grifo é nosso).

Nessa perspectiva, Manoel de Barros apresenta, com sua poética, a mágica da natureza e nos convida para um novo olhar sobre as coisas do mundo, mostrando que os atritos e conflitos que permeiam a vida cotidiana podem suscitar a emergência em ressignificar os valores humanos cultivados na sociedade capitalista; que, muito mais urgente que os valores materiais, é a sobrevivência dos seres no mundo. O autor chama a atenção para a percepção das coisas ínfimas, fundamentais para o equilíbrio do planeta. Vejamos um dos poemas, no qual o autor traz a natureza como um dos elementos primordiais do poeta.

*Natureza é fonte primordial?*

*— Três coisas importantes eu conheço: lugar apropriado para um homem ser folha; pássaro que se encontra em situação de água; e lagarto verde que canta de noite na árvore vermelha. Natureza é uma força que inunda os desertos. Que me enche de flores, calores, insetos, e me entorpece até a paradesa total dos reatores*

*Então eu apodreço para a poesia  
Em meu lavor se inclui o Paracleto  
(BARROS, 2002, p. 38).*

É como se a natureza alimentasse a poesia, de tal modo que ela extravasasse a beleza de um ver possível e mostrasse mais que um ver, um sentir, ouvir, cheirar e tocar as coisas dos mundos. Assim, é possível perceber o quão importante é a volta ao mundo sensível, onde os mundos dos Manoéis venham à tona, mostrando que os trastes, as coisas ínfimas, o inútil, o nada é que ajudam na luminosidade do mundo. “[...] Há ideias luminosas – a gente sabe. Mas elas inventaram a bomba atômica, [...] Agora eu queria que os vermes iluminassem. Que os trastes iluminassem” (Barros, 2004, 47).

O poeta propõe um mundo diferente desse que utiliza o poder industrial para construir máquinas, que aniquilam a humanidade, indo ao encontro das percepções de Antonio Candido (1995), ao abordar que, quanto mais cresce o poder industrial, maior fica o distanciamento entre ricos e pobres. Explicita também que “somos a primeira era da história em que teoricamente é possível entrever uma solução para as grandes desarmonias”, visto que as pessoas já não estão vendo as injustiças sociais como algo natural. Candido afirma, ainda, que tal utopia só é possível se cada ser humano perceber que é necessário agir em prol do coletivo e não apenas lamentar a situação,

pois, ao abordar o direito dos seres humanos a terem uma vida digna, é necessário transcender as questões utilitárias de sobrevivência, já que:

Do ponto de vista individual, é importante fazer sentir desde a infância que os pobres e desvalidos têm direito aos bens materiais (e que portanto não se trata de exercer caridade), assim como as minorias têm direito à igualdade de tratamento. Do ponto de vista social é preciso haver leis específicas garantindo este modo de ver (CANDIDO, 1995d, p. 241).

Segundo o autor, a Literatura, contribui para a formação humana, no sentido que suscita a libertação da consciência, principalmente, no que tange aos preconceitos e atitudes desumanas. O texto literário, nesta perspectiva, torna-se, por intermédio da palavra, um agente coerente de sentidos, com a capacidade de alertar para a ação destrutiva das injustiças humanas. Sato e Passos, também dialogam com Candido, no que tange às disparidades entre os seres humanos e reivindicam um olhar outro, por meio de uma reflexão que perpassa a noção utilitarista, e sugerem a possibilidade de uma consciência/ação em prol de sociedades sustentáveis<sup>7</sup>. Neste sentido, os autores alertam que:

Na poética da EA, a atenção à degradação ambiental muitas vezes deixa escapar a injustiça social. Por isso, é preciso reivindicar a consciência reflexiva de que toda miséria humana está intrinsecamente relacionada aos impactos ambientais. Teremos o enorme desafio de transformar a poética em sua dimensão política, pois a história da civilização do *Homo sapiens* já comprovou que os prejuízos dos danos ambientais recaem sempre nas camadas economicamente desfavorecidas (PASSOS & SATO, p. 23, 2006).

Nessa vertente, compreendemos a proximidade destas percepções com a produção de Barros, pois os poemas do autor se ligam como se formassem uma colcha de retalhos, esta no sentido de que a produção do poeta embora se apresente por fragmentos, ela apresenta uma unicidade composta por uma diversidade de elementos. São, portanto, retalhos que ao se unirem uns aos outros compõem um grande tecido mágico, que ilumina a vida cotidiana e invoca a percepção sobre o prejuízo social inferido ao ser humano. Portanto, a preocupação de Candido, Passos & Sato no que se

---

<sup>7</sup> Do ponto de vista da cultura existente, a poética pode não engendrar percepções significativas no campo da ciência, haja vista que a estética da guerra é distinta da estética da poética suscitada pela Educação Ambiental. Vale ressaltar que, contrariando a visão hegemônica e neoliberal do mundo capitalista, os estudos de Gaston Bachelard (2002b), diz que é possível e necessária a aliança entre a objetividade e subjetividade, pois a vida incita à mudança, impossível neutralizar as vivências e sonhos que ela potencializa no ser humano. Para compreendermos essa proposição, o autor coloca em xeque a visão objetiva das coisas, mostrando que os elementos, muitas vezes, vistos como antagônicos, ora se conjugam.

refere às diferenças socioambientais, dialoga com as poesias de Barros quando este imprime credibilidade aos elementos descartados pela sociedade de consumo. Tal qual para Alfredo Bosi, em Barros, a poesia é alimento para a alma, acionando reflexões também sobre as injustiças socioambientais. Ou seja, possibilita-nos a compreensão de estarmos sempre abertos aos novos aprendizados que a vida pode nos proporcionar, sejam eles acadêmicos ou oriundos do senso comum. Isso é perceptível no emprego de vocábulos advindos de diferentes áreas do conhecimento e/ou de palavras que tem sua etimologia proveniente de outros idiomas como: espanhol, árabe, inglês, entre outros. Ou ainda, de conhecimentos que o autor relata ter adquirido com pessoas que conheceu durante sua trajetória de vida, seja pessoalmente, ou nos livros. Na poética do autor é possível conferir esta diversidade de conhecimentos, que permeia os Manoéis que compõem os seus escritos.

### *OS DOIS*

*Eu sou dois seres.*

*O primeiro fruto do amor de João e Alice.*

*O segundo é letral:*

*É fruto de uma natureza que pensa por imagens,*

*Como diria Paul Valéry.*

*O primeiro está aqui de unha, roupa, chapéu e vaidade.*

*O segundo está aqui em letras, sílabas, vaidades e frases.*

*E aceitamos que você empregue o seu amor em nós*

*(BARROS, 2004a, p. 45).*

Segundo Barros, há coisas que o saber acadêmico não dá conta de explicar, é preciso sensibilidade, a esse respeito discorre que: “Entrar na Academia já entrei mas ninguém me explica por que essa torneira aberta neste silêncio de noite parece poesia jorrando...” (Barros, 1999, p. 27). Neste fazer, ou refazer estético, o autor dialoga com as percepções merleau-pontyanas, quando no lapidar de suas palavras, as revestem de significados tais, que estes falem em nós. Estes abrem as fronteiras do mundo para uma viagem sem fim, pela via do imaginário, que nos aponta para múltiplas percepções, porque nos faz refletir sobre as intervenções humanas que afetam as vidas e não vidas no planeta. Portanto, quando se destrói as coisas do mundo quem é que está sendo destruído, já que um é a extensão do outro?

O poeta também nos incita a perceber as (des)razões do cotidiano, com as quais é possível ver um mundo às avessas, porém, mais justo e igualitário, onde o arco-íris

da natureza esteja presente, colorindo e iluminando um mundo mais digno para se viver. Ao perambular pelo mundo das coisas ínfimas, o autor traz um aprendizado que desestabiliza o lugar comum, imexível, cartesiano, e, assim, ele nos mobiliza e encanta. Estas percepções podem se relacionar com a teoria bachelardiana quando esta apresenta o espaço movediço, seja da casa ou do cosmos. A imagem poética no olhar de Bachelard (2002a) é como a expressão da alma na constante vigília que aponta para a liberdade, visto que esta desnuda o ser, apresenta outras verdades, onde o enigma, o mistério, por mais que nos tragam inúmeras percepções sempre nos aportam em novos labirintos.

As imagens são proezas do poeta ao assumir sua criancice e brincar com as palavras. Um brincar criativo, que tece o registro de um poder singular, percepções de um ser humano entreaberto às projeções do mundo. Ao poeta cabe desexplicar, porque a linguagem é dinâmica, não pode ser tratada fora do movimento, é fecunda, tal quais as percepções que podemos tecer nas imagens do meio ambiente. E, talvez, só por isso, consiga acompanhar o poder criador de Manoel de Barros, nos seus *desvareios*, nas suas (des)realidades poéticas.

## 2 CAPÍTULO

### RABISCOS E DESENHOS DA PALAVRA



Meu impulso poético me diz que as coisas grandes  
devem ser desequilibradas com as pequenas.

Manoel de Barros

## 2.1 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PERCEPÇÕES INICIAIS

A literatura revela que a Educação Ambiental é uma crítica ao sistema capitalista, desde que privilegiando sociedades sustentáveis, ao invés de desenvolvimento sustentável, traz profundas reflexões sobre os sistemas e modos de vida, buscando alternativas éticas e estéticas que possam assegurar a sustentabilidade planetária.

Michèle Sato

A pesquisa pautou-se nas percepções da Educação Ambiental, que volta o seu olhar para a diversidade, onde os conflitos e as relações de poder existentes são aspectos que contribuem para a ressignificação de sentidos e organização do espaço, com todas as suas complexidades. Muitos dos autores com os quais dialogamos, tem suas raízes nas leituras e concepções marxistas, porém entendidas aqui no mote surrealista, que admite a imersão na arte, inclusive a fenomenologia. Trata-se de percepções que iluminam o nosso ver e sentir, por meio da magia e do mistério impresso na arte. São estudos que se distanciam da visão conservadora e confiam que uma educação efetiva se organiza na relação entre eu/outro/mundo, em forma de espiral, sem priorizar um em detrimento de outro; confiam que este conhecimento não acontece bruscamente, mas no processo, na coletividade, na inter/ação, sempre aberta a novas contribuições.

A busca por esta aprendizagem nos fez perceber que na sociedade moderna despontam características denotativas dos traços da crise socioambiental que está aniquilando os indivíduos, na qual a desigualdade, a solidão e a violência são reflexos que sinalizam a falta de sensibilidade e de amor entre as pessoas. Também contribuiu para compreendermos um pouco do isolamento das pessoas, que estão perdendo a capacidade de se relacionar com os outros e com as coisas do mundo. Assim, o trabalho apresenta alguns aspectos da poesia que contribuíram para a percepção de novos olhares sobre sociedade atual, na tentativa de mostrar a conexão entre a natureza e o ser humano, que permite perceber que o meio ambiente coexiste dentro e fora de nós. Isso significa partir do princípio de que o ambiente está vivo e intrínseco dentro do ser humano e se entrelaça com o cosmo. Surge, a partir dessa compreensão, a necessidade de uma sociedade mais solidária e justa. Essa percepção se respalda, na compreensão dos diálogos fenomenológicos advindos da palavra movediça do poeta

Manoel de Barros, o qual concede à poética Ambiental, um movimento em espiral, com uma linguagem inaugural que articula seus poemas e se apresenta como um processo permanente e ativo na dinâmica da vida. Essas características permitem que as pessoas, ao apreenderem alguns dos sentidos acionados pela imaginação criadora possam também, por meio de suas subjetividades, ressignificar os valores e as (re)ações humanas, concebendo a natureza não como bem de consumo.

Os conhecimentos abordados facilitarão a percepção de que: os aparatos utilizados para a defesa e proteção da natureza continuarão ineficazes enquanto a relação entre o indivíduo, sociedade e meio ambiente for tratada de forma aleatória, dissociada, também que a ganância pelo capital, de forma crescente e desordenada, continuará a interferir de forma negativa no que ainda resta dos *elementos naturais*. Porque mesmo que a preocupação com a natureza faça parte das inquietações provocadas no ser humano, precisa-se fortalecer a compreensão e reconhecimento efetivo sobre a importância da biodiversidade na vida do indivíduo, não como um fator externo, mas por meio de uma reciprocidade que se faça presente na luta sensível pela sustentabilidade planetária. Acreditamos que esta percepção poderá ser mais eficiente com a contribuição da sensibilidade do fazer literário, pois, por meio da poética, os seres humanos podem caminhar por veredas infindáveis de possibilidades, se reconhecerem e colaborarem na construção de um novo cenário para que possam viver seus sonhos.

Este reconhecimento de reconstrução, por intermédio da fluência poética, pode acalantar algumas dúvidas e desejos humanos. Por isso, propomos pensar na educação ambiental, não apenas no aspecto que tange às catástrofes ambientais, como: acúmulo exagerado do lixo, buraco na camada de ozônio, focos, cada vez mais constantes, de queimadas, desmatamento exacerbado em áreas protegidas, mas que, também se pense, por meio de outra lente estética: a lente da imaginação e da metáfora do cotidiano presente na poética, pois, essa produção pode fortalecer os olhares fenomenológicos da Educação Ambiental que privilegia a diversidade cultural, social e humana. Esse contato íntimo entre a poesia e as questões ambientais, compreende o ser humano em dimensões múltiplas e traz a percepção de que somos também responsáveis pelo caos que ora vivenciamos. Incita-nos a perceber que não há como

atingir o meio ambiente e sairmos imunes das mazelas que o descuido do uso insaciável acarreta.

Para efetivar a compreensão da contribuição da poesia à Educação Ambiental, convidamos para um passeio sobre a produção literária de Manoel de Barros, que nos sacode e impulsiona à reflexão. Sem a pressão das normas instituídas, o autor possibilita um novo olhar acerca do já posto, por meio da compreensão das diversas vivências e das múltiplas vozes que permeiam a linguagem poética. Ele desenha as palavras, entrelaçando-as ao ambiente pantaneiro, aos seres humanos e, portanto, ao próprio eu poético, mostrando outro limiar acerca da história socioambiental, cultural e individual. É nesse enlace com as coisas do chão que o autor se apresenta e apresenta suas produções, que não podem ser vistas como reflexos de uma realidade instituída, mas como algo que, pela ação criadora dos desvareios, desafia a imaginação; trazendo na fluência das coisas ínfimas, uma realidade mais digna, solidária e instituinte.

Manoel de Barros, com maestria, atribui valorização aos resíduos rejeitados pela sociedade de consumo e traça uma ruptura com os bens capitalistas. Ele coloca em evidência as coisas do chão, especificamente, a valorização de animais ínfimos como: lesmas, rãs, moscas, passarinhos, formigas, sapos, entre outros; atribuindo nova visibilidade às coisas que passam despercebidas pelo ser humano moderno que, muitas vezes, visualiza apenas o consumismo, os bens materiais, além de estar inserido nas correrias da vida cotidiana. Vale relatar que essa atitude humana, em grande parcela, não se trata de opção, mas advém também da pressão exercida pela ideologia dominante, na qual o ser humano é obrigado a conviver durante toda a sua trajetória de vida. Portanto, nesse cenário de opressão, surge a necessidade de apresentar ao ser humano, outras opções de aprendizagens, além da tradicional, para que este possa, realmente, fazer suas próprias escolhas, no que condiz com a preservação do planeta.

Ao se deparar com a proximidade de sonhos evocados pelos poemas, o ser humano deixa que os elementos *naturais*, fluam como parte integrante, e não meramente, como bens a serem usufruídos pela sociedade de consumo. A linguagem surrealista evidenciada na produção poética de Manoel de Barros dialoga com Educação Ambiental, ao apresentar a relação intrínseca entre cultura/natureza, por meio da liberdade criadora do poeta. Essa ligação se constitui, principalmente, quando o autor apresenta personagens que se integram à natureza que os circunda, isto é, em

momentos que privilegiam a dinâmica do contexto local em movimento, bem como na humildade do poeta ao descrever o conhecimento que adquiriu na andarilhagem por entre mundos diversificados.

Essas percepções fortalecem a Educação Ambiental que defendemos, pois são dispositivos que nos incitam a refletir sobre a visão hegemônica da sociedade. Assim, levam-nos a reagir contra o pensamento único que prioriza os bens materiais e capitalistas ou o ensino baseado apenas na visão tradicionalista do conhecimento, em prol da pluralidade de saberes, nos libertando das correntes que nos aprisionam. Este reconhecimento heterogêneo do mundo amplia nossa percepção e sensibilidade para desenvolver a capacidade de reflexão/ação que o capitalismo teima em sufocar, impondo-nos uma ideologia que corrobora com a expansão do capital da minoria elitizada e continua a excluir e marginalizar a grande maioria proletária. A poesia da natureza, proposta por Barros, desenvolve em nós o que temos de diferencial, o humano, a emoção e o pensamento, bem como a capacidade de partilha.

Segundo Passos e Sato (2008), o olhar de comunhão com os outros, nos permite evocar os princípios da emancipação, pois, ao reconhecermos as injustiças, podemos tomar posição em favor da nossa própria liberdade. A interação propõe ao ser humano entender que as diversas modificações sociais, tecnológicas, entre outras, instauram uma linguagem toda criada na experiência dos contrários, nas suas diversas motivações, do exílio político ao existencial e sobre caminhos que tornam os seres humanos meros desconhecidos. O acúmulo do capital precisa ser visto pela ótica, de que, muitas vezes, o ser humano se torna individualista e se enfurna cada vez mais em sua solidão. Esquece da importância do coletivo, da vivência em comunidade, relação que se faz na parceria e que é essencial para a saúde mental, social e ambiental.

O avanço tecnológico, por exemplo, contribui para aproximar as pessoas em fração de segundos, mas também colabora para aumentar a dispersão entre elas. Tira-as de foco, ou seja, isola suas subjetividades e atribui visibilidade apenas para a materialidade. Este fator gera a carnificina, cada vez mais crescente, em busca de bens materiais. Nessa luta insana e cruel, o alvo é o poder que se pode conquistar, não importando a destruição que esses atos podem gerar ao contexto global, no qual estamos inseridos, fator que se efetiva de diferentes formas, amplia a distância entre as classes sociais e contribui com o individualismo.

Nessa dispersão, buscamos, na poesia mato-grossense, subsídios para preencher os silêncios e os vazios que fazem as rupturas entre os seres humanos, que prejudicam suas percepções, impedindo-os de ver outro mundo que os complementam e os tornam mais sensíveis. Esta postura ética, que parte do interior do indivíduo, se faz presente na estreita relação entre a poesia e a Educação Ambiental. Os sentidos, imagens, silêncios e vozes múltiplas, que permeiam o meio ambiente e a palavra poética, suscitam a importância da luta em prol do mundo sonhado.

Os diálogos propostos com base na fenomenologia contribuem para compreendermos a necessidade de uma responsabilidade ambiental, na qual o alarde e o silêncio, emanados da linguagem poética de Manoel de Barros, somatizam com as vozes da natureza. Dessa forma, transpondo fronteiras, removendo-as, questionando-as, entre si e a si mesmas, num expressivo mundo de verdades e extraordinária riqueza de saberes e olhares, que transitam entre os mais diversificados mundos, alterando e fazendo fluir uma reflexão produtiva sobre as realidades contemporâneas. Este diálogo estabelece coesão com os pressupostos da teoria freireana, compreendendo que “a leitura do mundo e da palavra é, em Freire, direito subjetivo, pois, dominando signos e sentidos, nos humanizamos, acessando mediações de poder e cidadania” (PASSOS, 2008, p. 240).

Na poesia de Barros, percebemos que emerge o pensar dialético, a partir do qual as inúmeras inflexões visualizadas por imagens instigadoras nos permitem perceber o velho e o novo mundo que o poeta esboça. Por meio da metalinguagem<sup>8</sup>, ele busca apresentar as coisas do mundo, servindo-se de elementos da natureza, que sugerem outras possibilidades de interpretação e ressignificação de sua própria presença, ao transmutar para as coisas. É uma metalinguagem instigadora, já que, em vários momentos, o autor se metamorfoseia nas coisas da natureza, fator que possibilita a compreensão de que ele procura ressignificar a presença do próprio ser humano no mundo, ao retornar à fonte original. Depreende-se, assim, que a linguagem do poeta, ao recorrer à metáfora, cria imagens em que esta mais que fusão, é enriquecimento da percepção, pois é possível reconstruir a imagem, atribuindo-lhe vida nova, ultrapassando a mera representação advinda das práticas sociais. E, “num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação, estão intimamente solidários. Mas, a

---

<sup>8</sup> Explica a dinâmica da vida a partir dela mesma, ou melhor, é uma linguagem que transcende os sentidos comuns da linguagem, ainda que ancorada em seu próprio código ou símbolo.

ação só é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão” (FREIRE, 1987 p. 40).

As linguagens multi-implicantes, sugeridas na produção poética de Manoel de Barros apontam possibilidades de mudança do modelo homogeneizante retratado pela sociedade tradicional, reveladora de traços que o imperialismo contemporâneo aspira como homogêneos e únicos. As poesias de Barros, ao contradizerem esses dogmas, possibilitam a compreensão de um entre-lugar que engloba e ultrapassa o já suposto ou imposto, mostrando um hibridismo social, cultural e ambiental que acolhe a diversidade sem hierarquias, com todos os seus saberes, vivências e sonhos. Esta pluralidade incita uma terceira concepção de mundo, que permite o lugar do leitor/outro, que, por meio da suposta inutilidade poética, percebe uma amplitude de novas sementes e viçosas esperanças, na linguagem subversiva da arte literária.

Compreendemos, assim, que a poética de Manoel de Barros apresenta trechos da história do nosso tempo, compondo um mosaico de nosso desejo de coesão e coerência, apresentando uma visão de mundo entreaberto, passível de compreensões, até mesmo porque, “[...] o mundo está já constituído, mas também não está nunca completamente constituído. Sob o primeiro aspecto, somos solicitados, sob o segundo somos abertos a uma infinidade de possíveis” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 608). E, como apologia ao referido autor, a compreensão que ora delineamos, abarca pontos que continuarão abstratos, e, por assim ser, passíveis de outras observações e percepções, visto que existimos sob os dois aspectos, ao mesmo tempo. Esses aspectos são responsáveis pela nossa sensibilidade ao olhar para as coisas do mundo (figura 3).

## 2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DO MUNDO CAÓTICO AO POÉTICO



Pessoa que lê água esta sujeita a libélula.

Manoel de Barros

**Figura 3:** a libélula  
Elizabeth Oliveira 2009

Segundo Sato (2002), a educação ambiental surgiu na década de 60/70 e, desde aquele momento, até os dias atuais, foram várias as lutas travadas contra o poder hegemônico e neoliberal, sempre com o objetivo de melhorar a qualidade de vida do ser humano. Este deve estar comprometido com esta causa que defende seus próprios interesses, portanto, deve pensar não só em atitudes individuais, mas sim coletivas, visto que a batalha, em prol de uma vida melhor deve ser de direito e dever de todas as pessoas.

Todos somos diversos, é nesse lugar da diversidade que nos cabe conjugar sonhos plurais. Porque diversos, podemos congregamos nossa singularidade no plural e no múltiplo, tirando-nos do sofrimento de nossas solidões e (in)diferenças, para sentirmos a sede solidária e insaciável da comunhão por um projeto de todos. O verdadeiro educador ambiental é mágico, é como um pajé, aquele que pelo pensamento e pela palavra, mas também pela paixão, gestos e sentidos, tenta agir criticamente sobre o mundo (SATO & PASSOS, 2002, p. 09).

A pesquisa evoca os elementos sensíveis, para que tenhamos possibilidade de sonhar com um mundo melhor para a futura geração, pois acreditamos que o diálogo, a interação e o conhecimento podem abrir vias em busca de alternativas para uma vida mais justa. Portanto, a trajetória por meio do diálogo entre a literatura e a Educação Ambiental, pode possibilitar ao ser humano uma compreensão mais fértil sobre o quanto às questões ambientais estão intrincadas no saber estético e no próprio caminhar do ser humano. Este conhecimento, ao considerar as subjetividades das pessoas, pode ser ampliado, sem abalar a estrutura sensível, que faz emergir a magia

da poesia e a característica imprescindível do estudo em pauta. Assim, vale ressaltar que as percepções acerca do fenômeno literário permitem enveredar por caminhos onde a diversidade esteja imbricada, fortalecendo as relações em foco e possibilitando outros sentidos.

O texto passa, assim, a ser visto como um “fragmento do mundo”, como um “pedaço da história” e, como tal, permanentemente aberto tanto às múltiplas possibilidades do humano e às diferentes áreas de produção do conhecimento e/ou saberes, quanto às mais diversas interpretações e representações construídas por parte daqueles e daquelas que o “leem”, que o “interpretam” em busca de conhecimento (BARCELOS, 2005, p. 91).

Nessa via possível delinea-se um percurso pela produção poética, que poderá possibilitar às pessoas um perceber a importância da sensibilidade. Isso pautado em uma sociedade em que apenas os valores mecanicistas parecem ter validade, de forma a aguçar o sentimento, que, ao cuidar da natureza, está cuidando do próprio eu, pois os seres humanos estão entrelaçados, em um processo, no qual nada está solto no vácuo, ao contrário, tudo interage.

No ensaio *O direito à literatura*, Antonio Candido (1995) discorre que é possível perceber que a ausência do saber literário na vida do ser humano, reflete um pouco da situação socioambiental do país, da sua desigualdade social e das relações conflitantes entre as questões humanas, visto que o mercantilismo adota a política de *cada um por si*. A literatura apresenta um mundo sonhado, no qual todas as coisas do mundo têm acesso à liberdade, onde as diferenças e conflitos existentes, ao invés de traçarem as rupturas que nos dividem em classes, são elementos necessários para fortalecer o conhecimento sobre as diversidades que compõem o mundo. Nesse prisma, os elementos presentes na poética, se aproximam das leis expressas nos direitos humanos, mas que, infelizmente, muitas não ultrapassam as folhas de registro.

Segundo Candido (1995), as disparidades que distanciam os seres humanos abrem vias para uma reflexão sobre a desigualdade do país e colocam em discussão, a relação do ser humano com as questões socioambientais, principalmente no que tange ao contato com os sentimentos humanos. O autor relata que a falta de contato do ser humano, com outros saberes, muitas vezes, está intrincada às condições socioeconômicas. Que este contato não se efetiva por causa das condições sociais e econômicas, pois apenas a minoria da sociedade que faz parte da elite é que tem acesso aos cânones da produção literária. O autor acrescenta, ainda, que, embora o

saber popular seja de suma importância, é necessário abrir possibilidades para que a classe oprimida da sociedade também tenha acesso às diversas culturas. Barros, por exemplo, não supervaloriza um conhecimento em detrimento de outro. Ao contrário, em seus escritos, deixa perceptível a importância do entrelaçamento de conhecimentos distintos e a humildade em admitir que muitos dos seus conhecimentos foram alicerçados pelos saberes de outras pessoas, que cruzaram seu caminho.

A transformação da sociedade caótica, na qual vivenciamos, implica a práxis humana, ou seja, novos hábitos no que refere aos valores humanos. Assim, é necessário deixar o egoísmo e começar a fazer algo para que todos possam ter acesso aos direitos humanos e, dessa forma, o ser humano possa delinear uma vida digna, ao compreender que no pessoal está integrado o coletivo. Para tanto, é preciso termos acesso aos diferentes níveis de cultura, incluindo a literatura. Nesse prisma, tanto Barros, em sua poética, quanto Paulo Freire (2008), nas suas percepções acerca da educação, ressaltam a importância da aliança entre o saber popular e o acadêmico. Ressalta-se a necessidade que há de se compreender efetivamente os direitos humanos.

[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável (CANDIDO, 1995d, p. 262).

A literatura não precisa ensinar, mas por meio da leitura ela aciona percepções, ou seja, “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1995d, p. 249). A produção poética, nessa ótica, pode ser vista como um conjunto de dispositivos sensitivos, pois se apresenta aberta a novas possibilidades, de visualizar o que tem de mais fundamental, encoberto pelo sentido aparente. Assim, a literatura que pensamos “[...] se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto à dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades” (CANDIDO, 1995d, p. 249).

A Educação Ambiental e a literatura, na lente da fenomenologia do imaginário, nos incitam a olhar as desigualdades e o consumismo gerados pela sociedade moderna,

bem como mobilizam os sentidos sobre as coisas. Isto quer dizer que ao lermos a produção literária com o olhar da Educação Ambiental, que almeja a busca por sociedades sustentáveis que acolha a diversidade, bem como seus conflitos e similaridades, nosso desejo de olhar para dentro das coisas se mobiliza, torna a visão mais aguçada, mais penetrante, capaz de enxergar para além do concreto; é um olhar o que não vê instigante e propenso a visualizar as múltiplas imagens criadas pela imaginação. No livro *A água e os sonhos*, Bachelard descreve que “A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão” (2002, p.18).

As leituras dos poemas nos possibilitam visualizar e compreender as potencialidades do saber literário, em prol de sociedades sustentáveis e, portanto, fornecem abertura para entrelaçar esses saberes à Educação Ambiental. Essa talvez seja a essência da poesia, contribuir para que possamos visualizar um mundo com mais equidade socioambiental. Pois, “as produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e a nossa visão do mundo” (CANDIDO, 1995, p.248). Neste âmbito, a produção poética, ou seja, os dispositivos semânticos que fazem a tessitura dos poemas surgem como elos, capazes de inferir sobre a urgência em mudarmos de postura diante da natureza. Essa compreensão, ao primar pela sensibilidade, irá trazer uma concepção ética, no que tange ao relacionamento entre os seres humanos e as coisas que os rodeiam.

A tessitura desta compreensão convoca a necessidade de perceber na Educação Ambiental e na poesia, o poder de aproximação e os (des)limites com as coisas do mundo. Foi este olhar, que ampliou as nossas inferências pelo caminho que percorremos, pois, embora tenha sido possível o diálogo entre os autores citados, não podemos nos desvencilhar das peculiaridades e diferenças que nos fazem ímpar, enquanto seres humanos. Desta forma, foi possível compreender que na poesia a palavra é mais que o mero limite da linguagem; esta extravasa a fronteira das normas convencionais, ao subverter a palavra e encontra âncora no ínfimo do ser humano, estreitando a relação com o fazer poético, por meio dos sonhos e devaneios. No entanto, a conexão entre ser humano/mundo, pode romper se perdermos a capacidade de nos sensibilizar diante da poética da natureza, ou seja, se deixarmos de

perceber pela ótica do sensível a poesia que se encontra nas coisas que compõem o universo.

A sensibilidade pode ser vista, como um dos requisitos básico dos educadores ambientais, que visualizam um mundo novo, construído por intermédio do sonho e da paixão pelos seres humanos e, conseqüentemente, pela natureza, onde: “Assim como a natureza penetra até no centro de minha vida pessoal e entrelaçam-se a ela, os comportamentos também descem na natureza e depositam-se nela sob a forma de um mundo cultural” (MERLEAU PONTY, 1999, p.465). Portanto, a educação ambiental que defendemos no trabalho, abarca projeções para além das calamidades que assolam o meio ambiente, pois se preocupa com as questões humanas, entendendo que as ações realizadas nos diversos âmbitos: sociais, culturais, políticos, ambientais e econômicos, interferem no planeta e mostram a necessidade de se pensar em sociedades sustentáveis.

O intercâmbio entre a Educação Ambiental e a literatura, aguça a criatividade, a fantasia, a imaginação e a sensibilidade, que são elementos pertinentes para se refletir sobre o caos, no qual estamos jogando o planeta. Ao fazer emergir as nossas subjetividades, por meio de fios que fazem parte do nosso cotidiano, podemos também trazer à tona a urgência em tomar iniciativas a favor da coletividade e de sustentabilidade planetária. As poesias, especificamente as tomadas como fenômeno de compreensão para esta pesquisa, ao fazer recorrência ao primitivismo, abrem horizontes de uma insuspeita *ordem natural*, numa possibilidade múltipla que, como descreve o próprio autor, “O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo” (BARROS, 2004, p. 75).

Os elementos da natureza permeiam o ideário de escritores como: Pe. Vieira, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Manoel de Barros, são apresentados como símbolo de purificação, renascimento, reorganização e fragilidades, possibilitando uma construção de novas imagens, por meio de frases constituídas por palavras que, por si só, carregam uma multiplicidade de sentidos. Como as palavras proferidas por Lygia Fagundes Telles na entrevista para a revista Entrelivros (2008, p. 27): “aproveito frases que ouço por aí, são iscas que coloco num anzol. Lanço-o dentro de mim mesma para buscar nas profundezas alguma coisa que esteja me perturbando. Arranco lá do fundo, com esse anzol, com essa isca, algo que já é

diferente dessas duas coisas: o peixe. É a inspiração.” A poesia vista sobre esse prisma, abrange uma ampla noção de linguagem, pois inclui aspectos variados: psicológicos, antropológicos, políticos e socioambientais. Assim, a contribuição da literatura nesta outra possibilidade que nos oferece a Educação Ambiental, revela-se na importância inesgotável em criar e recriar territórios de hipóteses. É nesse contexto, que delineamos o estudo em foco e que colocamos em evidência, a necessidade de um novo pensar, onde às questões humanas estejam dialeticamente intrincadas as questões ambientais. A poesia, por meio de seus descaminhos vislumbra o sentido da palavra liberdade, em sua forma mais ampla, na subversão da ordem *politicamente* correta da classe opressora.

[...] com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluimos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria (CANDIDO, 1995, p, 235).

Os diálogos procuram tornar viáveis as considerações que priorizam as questões ambientais a partir dos elementos sensíveis, presentes na literatura mato-grossense, que atua no tempo e se consolida na confluência entre o anseio individual e as condições ambientais, culturais e históricas. Estes conhecimentos são frutos de uma essência presente no sentir literário e acionado pela palavra poética. Sugerimos, assim, possibilitar um contato mais íntimo com a poesia, para que possamos sentir eticamente a literatura como um cenário, do qual fazem parte os anseios e utopias do ser humano e da Educação Ambiental, onde possamos perceber que o conhecimento pode abarcar de maneira coesa e produtiva, a racionalidade e a sensibilidade.

Além de descrever os fenômenos observados, procuramos apresentar procedimentos que tornam compreensíveis este campos férteis, que nos apresenta o intercâmbio proposto. Vale enfatizar, que por se tratarem de diálogos, o olhar que imprimimos sobre esta produção é movediço, podendo surtir daí outras possibilidades. Portanto, a trajetória da pesquisa limita-se ao olhar da pesquisadora. E, é nessa sinestesia, presente no mundo, que se percebem quão enlaçadas estão às presenças da vida cotidiana, que surgem na mágica da linguagem, conforme nos são concedidas pelo poeta Manoel de Barros. Na sua poética, os elementos comuns aparecem

alinhavados por cantos e encantos, desse poeta singular, que apresenta o universo pantaneiro, entremeio a um grande bordado, tecido por intermédio das palavras.

### *O LÁPIS*

*É por demais de grande a natureza de Deus.  
Eu queria fazer para mim uma naturezinha particular.  
Tão pequena que coubesse na ponta do meu lápis.  
Fosse ela, quem me dera, só do tamanho do meu quintal.  
No quintal ia nascer um pé de tamarinho apenas para uso dos passarinhos.  
E que as manhãs elaborassem outras aves para compor o azul do céu.  
E se não for pedir demais eu queria que no fundo corresse um rio.  
Na verdade na verdade a coisa mais importante que eu desejava era o rio.  
No rio eu e a nossa turma, a gente iria todo dia jogar cangapé nas águas correntes.  
Essa, eu penso, é que seria a minha naturezinha particular:  
Até onde o meu pequeno lápis poderia alcançar.  
(BARROS, 2004a, p.53).*

Manoel de Barros tece o poema como se estivesse bordando o mundo; ele deixa fios que irão compor-se com outros fios e outros bordados, como se, por meio de letras, tecesse a teia da vida, mostrando o poder das palavras nas pontas do seu lápis mágico. Assim, o poeta incita-nos a um *dessaber* necessário, que nos permitem *vareios* no olhar, onde o ranço do sistema capitalista dá lugar a um mundo mais justo e igualitário. Aquele mundo visualizado pelo exímio educador Paulo Freire, que *desabre* o ser e é capaz de mostrar todas as belezas possíveis existentes em um ser humano.

A Educação Ambiental, vista sob as percepções dos autores já citados, que subsidiam novos conhecimentos acerca da dinâmica ambiental e humana, encontra na produção poética de Manoel de Barros, espaço para um diálogo fértil que aponta outros horizontes à sustentabilidade planetária. Nesse sentido, vale fazer uma breve descrição do cenário que contribuiu para compor alguns dos traços da identidade desse poeta.

#### **2.2.1 As andarilhagens de Manoel de Barros**

O poeta mato-grossense Manoel de Barros, nasceu em Cuiabá, no Beco da Marinha, em 19 de dezembro de 1916, mudou-se para Corumbá, ainda criança, e fixou residência; a tal ponto que muitos estudiosos chegaram a considerá-lo corumbaense.

Passou sua infância no Pantanal, na fazenda fundada pelo pai, em meio a formigas, lagartixas, caramujos, riachos e árvores, em meio à dinâmica do movimento e ao cheiro da natureza.

Manoel de Barros tinha apenas um ano de idade quando o pai resolveu mudar-se para a fazenda com a família, no Pantanal de Mato Grosso do Sul. *Nequinho*, como era tratado carinhosamente pelos pais e familiares, cresceu distante dos grandes centros urbanos; brincava no quintal de sua casa, com os pés no chão, entre o cheiro da natureza e as coisas *desimportantes*, que foram tecendo a sua história, marcando sua vida para sempre; as brincadeiras, as coisas e as pessoas que passaram por sua infância o acompanhariam por toda sua trajetória e seriam, mais tarde, expressas por meio da dinâmica da linguagem poética. Ao buscar no devir infantil os elementos que permeavam sua infância, o poeta os apresenta no presente: "Ali o que eu tinha era ver os movimentos, a atrapalhão das formigas, caramujos, lagartixas. Era o apogeu do chão e do pequeno".

O poeta era avesso aos estudos até se encontrar com os livros do padre Antônio Vieira, o que, segundo ele, iria mudar para sempre sua concepção sobre os estudos. Barros declara que, com tal autor aprendeu que mais importante que a verdade, é a verossimilhança. Esse saber com Vieira e com outros autores, músicos e pintores, é evidenciado em vários poemas que compõem seus escritos.

Parte de sua vida também transcorreu no orfanato. O poeta conta que, os dez anos que lá viveu lhe ensinaram a disciplina e a rigidez das normas. Mas estas não conseguiram corromper seu anseio de liberdade, pois sua paixão pela leitura dos clássicos, felizmente o libertara das amarras do conhecimento tradicional, foram aprendizados que propiciaram a rebeldia e as flores que podiam florescer da palavra escrita. O poeta declara, ainda, que o sentido total de liberdade veio com a leitura de "Une Saison en Enfer" de Arthur Rimbaud (1854-1871), logo que deixou o colégio interno. Foi quando percebeu que o poeta podia ter a liberdade de mostrar os avessos das coisas, de vivê-las em sua plenitude. "Com aquela sua maneira de sol entrar em casa/ E com o olhar furado de nascentes/ O menino podia ver até a cor das vogais/ - como o poeta Rimbaud viu" (BARROS, 2004, p. 19). Atualmente, embora o poeta cite outros autores, diz que Dalton Trevisan é o escritor da linguagem que tem a sua

admiração em potencial, pois seus escritores favoritos são aqueles que se encaram como seres da linguagem.

Nesse período, em que deixou o internato, o autor, já então sonhador, se relacionou com pessoas engajadas na política, teve acesso aos escritos de Marx e entrou para a Juventude Comunista. Conta que escreveu seu primeiro livro, aos 18 anos, porém este não foi publicado, devido a um grupo de jovens revolucionários. Ele declara, porém, que o livro salvou-o da prisão. Na época, esse grupo havia pichado "Viva o Comunismo" numa estátua da cidade, sem, talvez, pensar nas consequências trágicas que o ato poderia acarretar. O poeta relata, que mesmo não fazendo parte dessa peraltice a polícia foi buscá-lo na pensão onde morava, para que respondesse por tal delito. Porém, a dona da pensão o protegeu, dizendo que era gente boa e implorando para que os policiais não o levassem. Para não tolher sua completa liberdade, foi preciso usar como artifício o fato dele ter escrito um livro. Foi quando o policial pediu para ver e, ao se deparar com o título - Nossa Senhora de Minha Escuridão - deixou o poeta livre, mal sabendo ele, que o livro continha inúmeros sonetos, que registravam seus anseios revolucionários.

Essa abordagem policial fez com que perdesse seu único exemplar, ainda em brochura. Foi o preço que o poeta pagou para não ser preso, visto que a liberdade, segundo o astucioso autor, seria difícil de perder, pois não há grade capaz de aprisionar seu pensamento. A decepção de Manoel de Barros com o partido Comunista surgiu logo após a liberdade de Luiz Carlos Prestes da prisão, quando este se aliou ao então adversário Getúlio Vargas.

A decepção com o líder comunista com esta aliança foi tamanha, que o poeta conta que saiu sem rumo, rompeu com o partido e foi para o Pantanal. Nesse período, ainda não tinha a ideia de se fixar de vez no pantanal mato-grossense, por isso resolveu passar uns tempos no exterior, período em que visitou outros países, como: a Bolívia, o Peru e Nova York, onde morou durante um ano. Nessas andanças, ao contrário do que se pensa, o autor aprofundou ainda mais os seus saberes sobre a arte. Fez curso de cinema, arte moderna e, tornou-se conhecedor de pintores famosos como: Picasso, Chagall, Miró, Van Gogh, entre outros. Alguns deles têm seus quadros expostos por meio de palavras de Manoel, como é o caso do famoso girassol de Van

Gogh (figura 4), onde o autor apresenta um misto de agonia e esperança, provenientes de sua aguçada sensibilidade.

### ***OS GIRASSÓIS DE VAN GOGH***



*Hoje eu vi  
Soldados cantando por estradas de sangue  
Frescura de manhãs em olhos de crianças  
Mulheres mastigando as esperanças mortas  
Hoje eu vi homens ao crepúsculo  
Recebendo o amor no peito  
Hoje eu vi homem recebendo a guerra  
Recebendo o pranto como balas no peito  
E como a dor me abaixasse a cabeça  
Eu vi os girassóis de Van Gogh*

**Figura 4:** Os girassóis<sup>9</sup>

*Manoel de Barros*

O aprendizado adquirido é, constantemente, apresentado na poética de Barros. Fato que possibilita perceber que o poeta está sempre aberto à experiência do apreender. Com os conhecimentos sobre a pintura, o poeta ampliou ainda mais a sua concepção de liberdade e desprendimento pelas coisas do mundo. Além dos pintores plásticos, o teatro, a música e a literatura dos clássicos, também contaram com o encantamento do autor. No cinema, especificamente, Charles Chaplin, é um ator que recebe homenagens na sua poesia. A falta de preocupação com a linearidade e a sagacidade ao tratar das injustiças sociais, são características que convergem Chaplin e Manoel. Em vários poemas, o autor refere-se, ainda, a São Francisco e ao Pe. Vieira, como seres que fortaleceram a exuberância da fauna brasileira, por meio da descrição majestosa de suas palavras. O autor traz, também, a sua percepção sobre a presença e contribuição de inúmeros autores na ampliação de sua capacidade criadora, inclusive Shakespeare, a quem se refere, como no poema abaixo, como o autor que difundiu os sentimentos humanos. Nessa teia, o poeta fala também de si mesmo e de sua ânsia por monumentalizar as coisas desprezíveis.

<sup>9</sup> Poema e imagem disponível em: <http://brasilpoesias.ning.com/profiles/blogs/os-girassois-de-van-goghhoje> - Acesso: 02/04/08

*Venho de nobres que empobreceram.  
 Restou-me por fortuna a soberbia.  
 Com esta doença de grandezas:  
 Hei de monumentar os insetos!  
 (Cristo monumentou a Humildade quando beijou os pés dos seus discípulos.  
 São Francisco monumentou as aves.  
 Vieira, os peixes  
 Shakespeare, o Amor, A Dúvida, os tolos.  
 Charles Chaplin monumentou os vagabundos.)  
 Com esta mania de grandeza:  
 Hei de monumentar as pobres coisas do chão mijadas  
 de orvalho  
 (BARROS, 2004c, p. 61).*

Segundo Castello, em *Jornal de poesia*<sup>10</sup>, Manoel apresenta como poetas da imagem, seus preferidos, para os quais, as evidências das coisas não interessavam: Federico Fellini, Akira Kurosawa, Luis Buñuel e, entre os mais novos, o americano Jim Jarmusch. Essa não evidência, apreendida por estes artistas, permeia também a produção do poeta. São andanças e estudos que fizeram o poeta experimentar os voos das borboletas, pois as experiências adquiridas com as leituras desses mundos diversos lhe propiciaram empregar uma linguagem singular, produzida na fertilidade do saber clássico, mas renovada na dinâmica do chão pantaneiro.

Em vários poemas, o autor aborda a importância da sensibilidade de sua família, especialmente seus pais, diante do seu fazer poético. Como podemos verificar, por exemplo, no poema: o menino que carregava água na peneira, no qual o poeta descreve os sentimentos da mãe, diante de seus devaneios. Ou em outras passagens, nas quais revela sua opção por ser manipulador das palavras. O escritor apresenta, por inúmeras vezes, os escritores, músicos, pintores, andarilhos, lavadeiras, entre outras personagens, que o ajudaram a ampliar a percepção do mundo.

De acordo com Nogueira Jr (2009), após as andanças por lugares diversos, Manoel de Barros volta ao Brasil, conhece a mineira Stella no Rio de Janeiro, com quem se casa e vive junto até hoje. Atualmente, moram em Campo Grande (MS), têm três filhos, Pedro, João, Marta e sete netos. Diz o poeta, em entrevistas<sup>11</sup>, que continuam apaixonados. Conforme Castro, no começo do namoro o poeta conta que a família da mulher se preocupou com a sua aparência, nada normal, aos olhos

<sup>10</sup> <http://www.jornaldapoesia.com.br> - acesso em 15/03/2009.

<sup>11</sup> <http://www.revista.agulha.nom.br/manu.html> e [www.jornaldapoesia.com.br](http://www.jornaldapoesia.com.br) – acesso: 15/03/2009.

convencionais: rapaz cabeludo, que vivia com um casaco enorme, trazido de Nova York, e que sempre se esquecia de trazer dinheiro no bolso. No entanto, diz, sorrateiro, que Stella já entendia sua falta de senso prático.

Embora a revelação poética tenha ocorrido ainda na adolescência, Barros publica seu primeiro poema aos 19 anos. A primeira remessa do livro “Poemas concebidos sem pecado”, primeiro publicado pelo poeta, foi, segundo ele<sup>12</sup>, produzido em prensa manual de um diplomata – Henrique Rodrigues Vale. Foram 20 ou 30 exemplares que recebeu de presente, mas, dos quais, não guardou nenhum. Aborda, ainda, que acredita que esse é seu livro mais importante, pois foi dele que derivaram todos os outros.

O poeta já foi merecedor de vários prêmios, entre eles: o “Prêmio Orlando Dantas”, em 1960, conferido pela Academia Brasileira de Letras ao livro “Compêndio para uso dos pássaros”; em 1969, recebeu o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal, pela obra “Gramática expositiva do chão”; em 1997, o “Livro sobre nada” recebeu o Prêmio Nestlé, de âmbito nacional; em 1998, recebeu o Prêmio Cecília Meireles (literatura/poesia) concedido pelo Ministério da Cultura (BOSCO, 2008).

Após diversas entrevistas, premiações, livros publicados, reconhecimento dos leitores, aos 92 anos, embora com a saúde frágil, devido à idade avançada e a morte de um de seus filhos<sup>13</sup>, em um acidente de avião; o poeta ainda fala tímido, do seu perfil pessoal, e relata que noventa e nove por cento do que escreve é invenção. É nesse processo mágico de invenções, que vai deixando traços de sua vida/alma na poética, pois são inúmeras as suas produções, que, ao mesmo tempo em que nos fazem rastejar, nos suspendem do chão e nos mostram outros mundos possíveis, delirados por esse pajé das palavras.

Barros, ao mudar para a fazenda, conta que foi obrigado a trabalhar para buscar subsistência para sua família, para sustentar o sonho de ser poeta, já que esta profissão não arcava com as despesas materiais. O autor passa, então, dez anos de sua vida sem nenhuma produção escrita. Porém, sua mente fértil e criativa continuava a produzir poesia, ou seja, em momento algum, segundo o próprio escritor, deixara de ser poeta. Entre as palavras-chave de sua poética podemos destacar: “nada”, “coisa”,

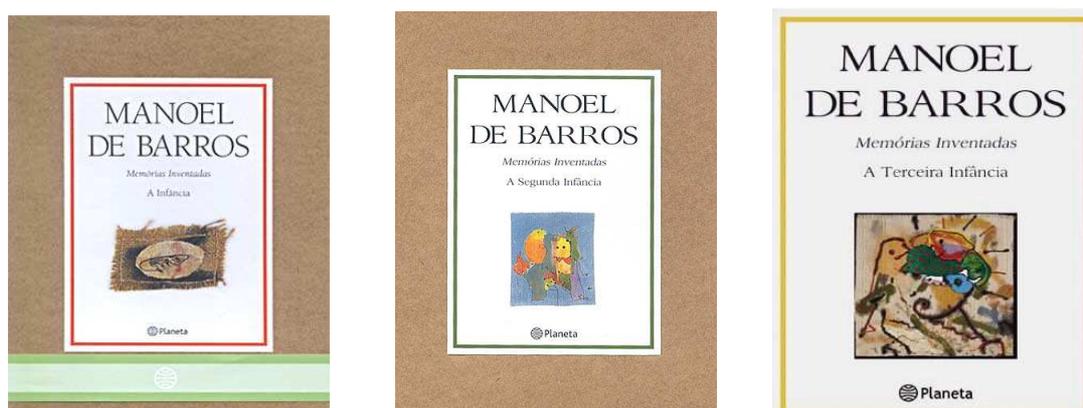
---

<sup>12</sup> Mhtml:file:///F:/docNet/Jornal de Poesia – 2.mht – Entrevista: Manoel de Barros faz do absurdo sensatez. Acesso em:15/04.

<sup>13</sup> João Wenceslau Leite de Barros, que faleceu aos 50 anos, em acidente de avião.

“inúteis”, “bichos”, “árvores”, “pedra”, entre outras palavras do cotidiano do autor, com as quais procura dar evidência a elementos descartáveis pela sociedade de consumo. Barros dá, inclusive, grande respaldo a pessoas que tem uma vida comum, como Bernardo, empregado de sua fazenda, que ganha grande espaço na produção do autor, bem como cozinheiras, andarilhos, ou seja, a parte oprimida das pessoas, que, muitas vezes, são esquecidas pela sociedade capitalista.

Manoel de Barros, em sua poética, sempre retoma a infância, os elementos que faziam parte do seu contexto quando criança, especialmente, nas últimas produções. Uma delas é intitulada “Memórias inventadas” composta por três caixinhas, poetizando a primeira, a segunda e a terceira infâncias (figura 5), e que ao serem abertas, fazem a poesia ganhar asas, tal qual um passarinho que acaba de ganhar a liberdade pela porta aberta de sua gaiola; talvez, por isso, os poemas tenham sido publicados em folhas soltas.



**Figura 5:** As três infâncias de Manoel de Barros

Nestas caixinhas, o poeta imprime seu olhar de criança sobre as coisas do mundo e aborda sua vontade de brincar com as palavras. Segundo ele, na criação das caixinhas houve três personagens imprescindíveis: “a criança, que lhe deu a semente da palavra, os pássaros que o permitiu se desprender das coisas do chão e o andarilho que lhe ensinou a inventar caminhos sem saber por onde levava” (Barros, 2008, p. 01). O autor revela ser impossível escrever uma biografia, se despreendendo das raízes criancieiras, visto que ele nunca as perdeu. Resolveu então escrever as três infâncias que conotam suas experiências de vida: a infância, a adolescência e a velhice. Tais experiências começaram a contagiar o leitor em 2003, quando a primeira caixinha foi publicada.

## 2.2.2 O Surrealismo & Manoel de Barros: a (in) direção dos ventos

Ainda vivemos sob o império da lógica, eis aí, bem entendido, onde eu queria chegar. Mas os procedimentos lógicos, em nossos dias, só se aplicam à resolução de problemas secundários. [...] A verdade é que agora uma flecha indica a direção destes lugares e que alcançar a meta verdadeira só depende de resistência do viajante.

André Breton, 1924

Esta abordagem visa fortalecer os sentidos de algumas proposições utilizadas no cerne do estudo, a fim de contribuir com as possíveis ambiguidades que provocam no interlocutor. Estas causadas, talvez, pela instigante poética manoelina, em contato com outras subjetividades, que no âmbito das discussões não abarcam grau maior ou menor de importância, mas que geram sentidos múltiplos que contribuem para implementar nossos olhares acerca das vidas e não-vidas do planeta. Desta forma, procuraremos trazer reflexões sobre algumas das inter-relações possíveis entre: a fenomenologia do imaginário de Gaston Bachelard e Manoel de Barros no contexto do Surrealismo.

As proposições de André Breton no Manifesto Surrealista (1924) tinham como premissa maior, provocar a transgressão das leis estabelecidas pelo período vigente, a fim de abalar as normas do viver e sentir o mundo. Dada a realidade particular de Breton é perceptível a diferença de expressão com o Manifesto Pau Brasil de Oswald de Andrade (1924), porém, ambos mantinham seus ideais vinculados à liberdade, onde a condição humana e sua relação com o universo propunha a valoração exagerada da vida apreendida na sua essência, desafiando todas as contradições em prol da libertação do ser humano moderno. Assim, Oswald pregava a volta ao matriarcado de Pindorama, a reabilitação do ser humano primitivo e seu espírito edênico, fatores que se opunham à lógica, a moral e ao regime do patriarcado (CANDIDO, 1982).

Ambos surrealistas, Breton e Oswald, pregaram em seus manifestos a crítica à realidade opressora que se pautava nos ideários da burguesia, a aversão aos padrões convencionais com ênfase no positivismo<sup>14</sup>, a deturpação das leis parnasianas<sup>15</sup> que já

---

<sup>14</sup> Corrente filosófica existente nos meados do Séc. XIX, que teve como principal idealizador Augusto Comte, a qual tinha a percepção centrada em uma única verdade, portanto, o conceito de uma ciência articulada apenas sobre o mundo físico, material.

<sup>15</sup> Fazemos referência à fidelidade excessiva às normas e regras rígidas adotada pelos escritores, também nos meados do Séc. XIX, além da tendência pela descrição minuciosa de objetos . representou a

tinham invadido o mundo das letras, considerando a lógica contida em sua forma de linguagem fixa e impecável. A fim de desconstruir com visão estagnada da realidade, Breton e Oswald propunham uma volta às origens, ao primitivo, o que poderia ser atingido pela liberdade poética. Pois, a revolução proferida pelo grupo de parnasianos vinha ferir ainda mais os princípios dos direitos humanos, já que excluía a diversidade, fortalecendo novamente os princípios da classe burguesa, como evidenciou Oswald (1924): “esta revolução indicou apenas que a arte voltava para as elites”.

Por meio destas continuidades e rupturas com o mundo moderno nasce uma visão poética de um mundo que compreende a Educação Ambiental imersa em um processo permanente de aprendizagem, que acolhe a linguagem poética de Manoel de Barros e seus delírios verbais. Em outras palavras, compreendemos que as ciências Modernas, pautadas pelo excesso de racionalidade, negligenciaram a dimensão do sentimento. Até os dias atuais, a maioria das pesquisas distancia o sujeito do objeto, num estranhamento emocional, porém, que é inerente bagagem humana de pensar, fazer e sentir o universo investigativo. No contexto dessa literatura encontraremos orientações que mesclam razão com sensação, ou racionalidade com emotividade (SATO, 2009).

Trata de uma tentativa de se desvencilhar do utilitarismo da sociedade moderna em prol de um olhar cambiante, que se faz e se refaz no processo criador da poesia de Manoel de Barros, em consonância com uma filosofia da existência mediada por princípios fenomenológicos, como pontua Passos<sup>16</sup> (2009). Essa percepção prima pela sustentabilidade planetária ancorada em princípios éticos e estéticos do meio ambiente, e dele faz parte o ser humano. Importante salientar, deste modo, que se trata de uma percepção que ao acolher o po-ético busca transgredir os modelos homogeneizantes à procura de novas percepções. Tanto no que tange ao ambiente como no que se refere ao ser humano, tendo como objetivo ressignificar as verdades sociais que sufocam a poética do mundo, em favor da liberdade e do acolhimento dos diferentes.

Em outros termos, o pensamento objetivo recusa os pretensos fenômenos do sonho, do mito, em geral da existência, porque os considera impensáveis e porque eles não significam nada que eles possam tematizar. Ele recusa o fato

---

valorização da ciência com ênfase no positivismo, que não acreditava em forças transcendentais apenas em fatos observáveis.

<sup>16</sup> Parecer de qualificação da pesquisa de mestrado: “Educação Ambiental & Manoel de Barros: diálogos poéticos” – PPGE/UFMT - 09/11/2009

ou o real em nome do possível e da evidência (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 388).

Segundo Bachelard (1991), é impossível adentrar no campo das relações humanas sem permearmos pelos labirintos do sonho ou pelo universo do devaneio, ainda mais quando o apoio nevrálgico do estudo se ancora em um campo movediço como é a poesia, no caso em pauta a po-ética surrealista de Manoel de Barros. Poesia que deturpa a racionalidade em favor da sensibilidade, possibilitando a percepção de que o ambiente se apresenta de maneira multifacetada. Trata-se de uma teia complexa de elementos que apresenta rupturas, discontinuidades e conflitos, fatores que nos permitem adensar a compreensão sobre a espiral que é o mundo/ser humano.

Nesse cenário, vale abordar algumas aproximações entre os manifestos surrealistas de Breton e de Oswald que contribuirão com a abordagem do estudo, no sentido de efetivar nossas proposições de aproximação entre os princípios surrealistas e a poesia de Manoel de Barros. No manifesto de Breton há passagens que demonstram o processo de germinação das palavras, tal qual em Barros, mostrando que elas fazem parte do autor, vivem nele, este por sua vez, pode ser visto como a terra fértil, capaz de fazer germiná-las: “As frases continuavam a brotar em mim, eu estava prenhe de meu assunto” (BRETON, 1924). Esta proposição dialoga com o poeta Manoel de Barros quando este descreve que as palavras brotam nele como bucha em tapera ou que não é ele quem faz com as palavras, mas que são elas que fazem com ele. Ainda a respeito das palavras, vale frisarmos que ambos revelam o poder destas em potencializar sentidos. Portanto, “*as palavras, as imagens não se oferecem senão como trampolim ao espírito de quem escuta*” (BRETON, 1924). As palavras não são neutras “é preciso puxá-las”, como diria o nosso poeta, Manoel de Barros.

Outro reencontro possível se fortalece no processo de inconclusão do ser humano, no qual estaremos sempre em processo de reconstrução e abertos a novas aprendizagens; a esse respeito, Breton mostra o processo germinativo da literatura dizendo que: *Isto poderia fazer crer que não se ‘aprende’, que sempre se ‘reaprende’*. Nesse sentido, Barros também se expressa como um ser inconcluso, ao declarar que o dia vai morrer aberto nele e que, portanto, sempre estará propenso a *desaprender* algo mais. Assim, considerando o processo de inconclusão do ser humano e a renovação natural do ambiente, podemos inferir que o canteiro do saber não mais consegue deter a viscosidade das plantas, as raízes agora se projetam para um

ambiente novo. Nesse sentido, vale abordar os estudos de Sygmunt Bauman (2001) quando este aborda que a modernidade sólida referenciada pelo poder neoliberal não mais dá conta de compreender as ambiguidades do mundo e, portanto, cede espaço para a modernidade líquida que considera as subjetividades do sujeito numa percepção ética e estética da sociedade. Para efetivar essa reflexão o autor apresenta alguns pontos da sociedade capitalista com ênfase nas leis do consumo que denotam certa ruptura com a visão racional, crítica e objetiva do mundo, mostrando que é preciso dar espaço para uma nova percepção do mundo. Com essa percepção já em 1924, Breton questionava: “[...] se o jogo não vale um caracol, se a razão objetiva prejudica terrivelmente, como é o caso, quem nela confia, não convirá fazer abstração destas categorias?” e combate ainda com mais efetividade a visão cartesiana do universo ao enfatizar que:

[...] esta intratável mania de reduzir o desconhecido ao conhecido, ao classificável, embala os cérebros. O desejo de análise prevalece sobre os sentimentos. Disso resultam dilatadas exposições cuja força persuasiva reside na sua própria singularidade, e que iludem o leitor pelo recurso a um vocabulário abstrato, bastante mal definido, aliás (BRETON, 1924).

Com a mesma envergadura, obviamente com outras palavras, dado o contexto de ambos, Barros também contraria a visão academicista e estagnada da sociedade, mostrando que há uma diversidade de elementos que precisam ser sentidos pelo ser humano e que, muitas vezes, passa despercebida visto à urgência dos modelos homogeneizantes da sociedade moderna. Assim, acreditamos que a Educação ambiental vista sobre a perspectiva surrealista pode contribuir para desmascarar a hegemonia perpetrada pelo poder neoliberal e permitir que o ser humano viva os sonhos e os delírios de uma sociedade inclusiva, que acolhe as múltiplas realidades presentes no cosmo. No entanto, não se trata de revolucionar o modelo vigente de sociedade, embora seja uma de suas utopias, mas delinear novas possibilidades de lutar por uma sociedade mais justa e humana.

Para efetivar o olhar por uma sociedade mais inclusiva, tanto Breton quanto Barros fazem menção à infância sempre em sentido latente, que coexiste em todo ser humano. A esse respeito Breton (1924) salienta que: das recordações de infância e de algumas outras, vem um sentimento de não abarcado, de desencaminhado, que considera o mais fecundo que existe e que, portanto, talvez seja a infância a fase que

mais se aproxima da *vida verdadeira*. Esta proposição será fortalecida por Barros ao vislumbrar um mundo com mais equidade social e ambiental, também primando pela visão crianciera. Nessa conjectura, ambos priorizam uma concepção de mundo que privilegia o inesperado, a criação, coadunando com as percepções de Oswald de Andrade (1924), no Manifesto Pau Brasil:

*[...] Contra a cópia, pela invenção e pela surpresa*

*Nossa época anuncia a volta ao sentido puro.*

*Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com os olhos livres.*

Há também nessa passagem de Oswald, um diálogo com a poética de Barros quando este declara sua relação íntima com as palavras: “as palavras tirou o roupão para mim”. Esta declaração nos possibilita a compreensão de que ao mostrar ao poeta as suas intimidades, a palavra o fecundou anunciando um processo de combustão. O que, para nós, significa voltar ao primitivismo, onde as palavras aparecem despidas da roupagem imposta pelas academias e normas convencionais, o que permite ao poeta ver com os olhos livres, como propôs Oswald.

Nessa vertente, a poética de Manoel de Barros ao transpor a ordem lógica estabelecida, traz em si marcas do Surrealismo estético de André Breton e Oswald de Andrade, pois deturpam as normas convencionais, recriam palavras que transgridem a realidade objetiva e apresenta um universo em constante processo de renovação. Isso respalda nossas percepções de que a poesia de Barros se inscreve na perspectiva surrealista, vislumbrando uma nova percepção de mundo, independente de classe ou etnia. Um mundo onde pessoas possam ter o direito de sonhar e viver, construindo elas próprias seu lugar de direito, sem tentar se adequar às normas rígidas da sociedade, que já lhes delegam um espaço prévio dependendo do seu lugar na pirâmide social. Coadunando com as percepções surrealistas, o poeta se liberta das amarras impostas pela razão, que rege o mundo moderno e mostra uma realidade onde o exterior e o interior, dialogam fazendo emergir uma realidade que, muitas vezes, fica implícita diante das ambições da sociedade. Pois, se trata de uma realidade articulada em lugares decadentes, em meio ao nada, ao inefável. O poeta, por intermédio da palavra poética, ressignifica o universo, pois por meio do seu devaneio

reconstrói o significado literal das palavras corriqueiras. Essa renovação da linguagem é responsável por um ciclo fértil de imagens surreais que confirmam sua identidade com a estética surrealista e com a fenomenologia do imaginário, pois Bachelard (1991) acreditava que é possível fazer ciências com poesias.

Segundo Paz (1982, p.15), a atividade poética é revolucionária por natureza, pois se trata de uma operação capaz de transformar o mundo, é um exercício espiritual e um método de libertação interior que ao ultrapassar os sentidos comuns, abre a janela para um terceiro mundo possível. Para Paz não há poesia sem sociedade ou vice-versa, “poetizar a vida social, socializar a palavra poética. Transformação da sociedade em comunidade criadora, em poema vivo; e do poema em vida social, em imagem encarnada”. Porém, vale também atribuir a poesia como uma linguagem da arte que potencializa a realidade em busca de uma *desordem* que faz emergir um mundo mais ético. Eis, talvez, a proposta do movimento revolucionário proposto pelo pensamento surrealista, a criação de uma sociedade universal que, ao abolir as opressões e primar pela justiça social, possam compreender a identidade ou semelhança original dos seres humanos e acolher a diferença ou singularidade de todos, propondo uma sociedade com mais equidade social e ambiental. Na percepção de Paz:

Uma comunidade criadora seria aquela sociedade universal em que as relações entre os homens, longe de serem uma imposição da necessidade exterior, fossem como um tecido vivo, feito da fatalidade de cada um ao se enlaçar com a liberdade de todos (PAZ, 1982, p.310).

Paz evidencia que o processo criador encarnado na palavra poética é um elemento que a burguesia, ou a sociedade moderna, como classe ainda não digeriu, pois não conseguiu domesticá-lo ao molde tradicional. Ele irrompe as barreiras da razão proclamada pela modernidade ao eliminar a luta entre sujeito e objeto. Este é o espírito surrealista que segundo Paz, se abre para uma nova visão de mundo, que investe contra o objeto, e o autor explicita que, nessa perspectiva, “o mesmo ácido que dissolve o objeto desagrega o sujeito”. Portanto, a arte surrealista mostra um universo descontínuo e em processo de fragmentação, que muito além da aparência busca atingir a essência dos seres e das coisas. O objetivo dessa produção literária é transpor o limite do mundo utilitário, centrado no mundo das ambições, para se mover no mundo das imagens, do devaneio e do sonho. Assim, a realidade fixa e

imutável perpetrada pela modernidade cede lugar para uma nova sociedade articulada pelas discontinuidades e fragmentação do ser humano em meio as suas subjetividades, propondo uma recriação do universo. Esta produção tal qual a poesia de Manoel de Barros não é a negação do real, algo aleatório à vida cotidiana, mas é algo intrínseco à realidade, um real que passa despercebido pela lente do ser humano moderno, algo que pela palavra poética se torna visível. Ou seja, “o que importa para a poesia é que essas dimensões não estão separadas e que são inseparáveis, nela, da sua dimensão de linguagem” (WISNIK, 2005, p. 25). Nesse sentido, a poesia de Manoel de Barros ao apresentar vários prefixos de negação que no contexto tomam sentidos instigadores e renovadores da linguagem nos possibilitam dizer que “poesia e mundo se relacionam por escaramuças. [...] – reciprocamente excludentes e includentes, se contendo e se negando, se espelhando e se enganando” (WISNIK, 2005, p.35).

Nessa premissa buscamos possibilitar a compreensão de que a poética pode suscitar no ser humano o poder humanizador, por meio de uma linguagem que irrompe as normas convencionais e mostra a palavra na sua amplitude de sentidos. Assim, ao vocábulo *fluição* utilizado no percurso do trabalho, queremos imputar também o sentido de liberdade, o poder de extravasar as regras impostas e alienantes do modelo social que vivenciamos. Característica que se relaciona tanto com as poesias dos autores citados, como com o ciclo das águas pantaneiras, que é um dos contextos líricos da poesia manoelina.

Bachelard (2002b) enfatiza que a água é a senhora da linguagem fluída, que a liquidez é o próprio desejo da linguagem, pois ela quer fluir, ela flui naturalmente por meio da poesia que escoar da fonte. Desse modo, há a vitória da imaginação criadora do verbo, sobre a imaginação visual, realismo. Nessa conjectura, Bauman (2001) reforça tais considerações ao abordar que:

Os fluidos se movem facilmente. Eles ‘fluem’, ‘escorrem’, ‘esvaem-se’, ‘respingam’, transbordam’, ‘vazam’, ‘inundam’, ‘borrifam’, ‘pingam’; são ‘filtrados’, ‘destilados’; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho (BAUMAN, 2001, p. 08).

Bachelard salienta, ainda, que embora a valorização seja de essência social, não podemos deixar de considerar também “a valorização dos devaneios inconfessados, dos devaneios do sonhador que foge da realidade, que pretende tomar o mundo

como único companheiro” (BACHELARD, 2002b, p. 140). Esse sonhador pela palavra aplicada às coisas poetiza-as, assim, “certas matérias transportam em nós seu poder onírico, uma espécie de solidez poética que dá unidade aos verdadeiros poemas” (BACHELARD, 2002b, p. 140). Segundo o autor, ao encontrarmos uma transformação podemos ter certeza de que não se trata de forma, haja vista que esta não se transforma por si mesma, mas trata-se de uma imagem da matéria em ação sob o jogo das formas.

Nesse sentido, é preciso compreender que o sonho é uma força da natureza, portanto ao estudarmos uma civilização desaparecida teríamos não apenas que pesar os fatos, mas também determinar o peso dos sonhos que compuseram aquela história. Ou seja, nessa premissa o autor enfoca a importância da subjetividade na esfera da condição humana e declara que na ordem literária, tudo é sonhado antes mesmo de ser visto. Talvez aqui, possamos fazer inferência às raízes *crianceiras* abordadas pelo poeta, haja vista que a criança traz um mundo original, destituído das normas convencionais. Portanto, capaz de gerar significações libertadoras, já que antes de ser moldada pelas convenções sociais, a criança tem contato com um mundo pautado nas percepções sensoriais. Exemplo disso é que ela reconhece a mãe pelo cheiro, pela imagem, pelo som da voz ou pelo tato. É pautado nesse universo que Barros diz articular seu próprio universo.

Queremos enfatizar, no entanto, que não acreditamos em nenhum elemento capaz de revolucionar, de transformar o mundo em um passe de mágica. Haja vista que essa proposição já foi vislumbrada há décadas por André Breton, autor que permitiu o inconsciente, a fantasia e o sonho no domínio da arte e com isso atingiu respeito com seu *Manifesto Surrealista* e com suas proposições de mudança, em prol de uma vida mais digna. Porém, vislumbramos trazer a tona essa perspectiva poética que considere a fluidez das palavras surrealistas no cerne da educação ambiental, a fim de possibilitar a compreensão de que ser humano/mundo é indissociável e que as propostas de renovação do mundo dos autores mencionados, mesmo produzidas a mais de oitenta anos, permanece atual e necessária. Assim, concordamos com Bauman (2001, p. 22), quando este aborda que “para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas”. Não é possível vislumbrar um mundo mais justo e igualitário em uma sociedade onde o

poder e o direito imperam apenas em favor de uma minoria, que divide seres humanos em seções, as quais denotam seu menor ou maior grau de importância.

Ainda no que tange ao processo humanizador, podemos referenciar Antonio Candido (1995) ao abordar que a literatura tem papel formador na personalidade humana, porém, não de acordo com as convenções sociais, mas subversiva. Ou seja, esta não adere a regras impostas, antes vai ela mesma construindo suas possibilidades, seguindo “a força indiscriminada e poderosa da realidade” (CANDIDO, 1995, p. 243). Permitindo perceber as transformações, mudanças e estagnações presentes no mundo.

Candido enfoca ainda que o pobre começa a fazer parte da literatura como resposta ao processo cruel e desumanizador imposto pelo poder industrial, pois a melhoria nas condições sociais ou política não delega melhores condições de vida, muito pelo contrário. Portanto, a afinidade do Manifesto Surrealista e Revolucionário com o poeta, centra-se também na participação e no sentido ético-político de suas palavras. Acreditamos que a poesia surrealista é a favor tanto do ser humano como das outras coisas presentes no cosmo, com toda a amplitude ética e estética que ela evoca. Estamos numa época em que há uma incredulidade diante das problemáticas sociais e políticas, pois não podemos pensar em progresso no sentido unitário e desagregado do resto do mundo. Portanto, queremos suscitar a reflexão de que o poeta Manoel de Barros, não é um militante, anticapitalista, anticonsumista ou ecossocialista, pelo menos não na vertente prática e utilitarista da sociedade moderna.

O poeta vê o seu socialismo de uma forma diferente, o próprio declara em entrevista a Bosco Martins, poeta e jornalista; que um dia sonhou o socialismo, mas que este estava baseado no seguinte princípio: amar o próximo como a nós mesmos, mas nos instiga a refletir como amar o próximo como a nós mesmos em um mundo articulado com base em ambições individuais e mesquinhas, que gira em torno do individualismo e do acúmulo de bens materiais. Assim, a poesia de Manoel de Barros está sim a favor da vida, das lutas sociais e ambientais que visam à inclusão de todos para uma Terra mais justa.

Porém, não podemos imputar ao poeta, pelo menos não na prática convencional toda a responsabilidade pelas aporias do mundo ou deduzir que a palavra por ela mesma pode tirar o mundo da imersão na injustiça social, na qual se encontra. O que pretendemos é suscitar para a importância de se deixar embevecido

por princípios éticos e estéticos que possam contribuir com um aprendizado mais justo no que condiz a diversidade presente no planeta.

Como aborda Bosco (2009), o poeta é um ser como nós, de “carne e de memória, de rosto e sofrimento” e com um profundo conhecimento do mundo e uma apuradíssima formação humanística que se compensa, não na superexposição, mas na “infra-exposição”. Ainda segundo Bosco, o poeta Manoel de Barros procura fazer de sua poesia a arte da modéstia, das coisas simples, com tanto zelo e cuidado que dá a impressão de que a poesia que ele está fazendo não tem importância nenhuma; que são coisas *ultrapassantes* e que ele não tem nada a ver com sua produção, que faz parte de outro mundo. Fatores estes que nos instigam e incitam a reflexão sobre sua palavra. Palavra que brota nele, mas que o mesmo alerta que a poesia não se trata de inspiração, ela não vem fácil, é preciso puxá-la. Portanto, vale ressaltar que a palavra não é algo aparente, pelo contrário, traz ambiguidades que se multiplicam com as subjetividades do interlocutor.

Ao propor uma incursão por princípios fenomenológicos nos pautamos na proposição central da fenomenologia de que não é preciso analisar ou explicar os fenômenos, mas descrevê-los e compreendê-los possibilitando um processo de diálogo entreaberto, onde se é possível compreender que a porta estará sempre propensa a se abrir, jamais se fechará com verdades fixas e imutáveis. Portanto, como salienta Sato & Passos (2005, p. 219-220) a percepção que tentamos inferir nessa trajetória “trata-se de um olhar de chanfradura no sentido bachelardiano, não em um olhar cartesiano”. Portanto, é com a permissão de Bachelard que ousamos olhar pela janela, na tentativa de vislumbrar um olhar desprovido de convenções, mas isso não significa deixar de lado o campo investigativo e científico, muito pelo contrário, para o autor essa relação íntima da poesia com a ciência não só é possível como necessária. Ou seja, mesmo que haja um método que orienta com mais veemência a construção da pesquisa, o hibridismo e a imbricação são elementos primordiais para um diálogo científico. Nesse contexto, Bachelard (1998), nos incita a reflexão sobre a visão e o sonho costumeiro, que não ousa sair do casulo, por meio de questionamentos que nos instigam a reflexão sobre nossa condição de seres passivos, cômodos, e que, portanto, não nos permitir o novo, a surpresa e a magia contida no universo:

O pensamento humano, o sonho humano como a visão humana sempre recebe apenas as imagens superficiais das coisas, apenas a forma exterior dos objetos. [...] como pode este ceticismo dos olhos ter tantos profetas, quando o mundo é tão belo, tão belo em suas profundezas e matérias? Como não ver que a natureza tem sentido de uma profundidade?

A poética de Manoel de Barros traz como possibilidade a dinâmica do devir por meio de imagens poéticas; não se trata de uma linguagem simples ou de fácil compreensão, mas de palavras corriqueiras e habituais que brotam do poeta por intermédio de imagens surreais, que suscita no interlocutor um poder de transgressão e de novas possibilidades de leitura do mundo. Essas imagens permitem a comunhão entre o autor e seu interlocutor, como seres libertos do olhar hegemônico, como na passagem onde o poeta descreve a vida do andarilho Andaleço, declarando: “A minha direção é a pessoa do vento. Meus rumos não têm termômetro. De tarde arborizo pássaros. De noite os sapos me pulam. Não tenho carne de água” (2004, p. 85).

É possível observar, com respaldo nos estudos já evidenciados, que não há uma lógica estereotipada, que é preciso nos despir das regras e normas convencionais para compreendermos a linguagem do poeta. A esse respeito Breton salienta que “as palavras, as imagens não se oferecem senão como trampolim ao espírito de quem a escuta”. Manoel de Barros apresenta uma linguagem que não se entende a priori, mas que levanta imagens que nos instigam a compreensão. Como bem salienta Paz (1982, p. 208), “não existe eu, não existe criador, mas uma espécie de força poética que sopra onde quer e produz imagens gratuitas e inexplicáveis”. Portanto, quando falamos em deixar emergir ou fluir pelas palavras o sentido ético e estético da produção barroca, estamos inferindo pela ação instigante que sua linguagem incita no interlocutor. Uma linguagem que grita por compreensão, sem o reducionismo do mundo capitalista.

A atividade surrealista denunciou a penúria de muitas de nossas concepções – especialmente aquela que vê em toda obra humana um fruto da “vontade” – e mostrou a frequência suspeita com que as ‘distrações’, as ‘casualidades’ e os ‘descuidos’ intervêm nas grandes descobertas (PAZ, 1982, p. 211).

Desta forma, sai de foco a linguagem instituída que apresenta uma resposta já formulada para todas as perguntas possíveis, em prol da surpresa e da diversidade de olhares, se desvencilhando de receituários na reconstrução de novas percepções, afinal como ressalta Merleau-Ponty (1999, p.572), “o múltiplo é penetrado por nós e que, todavia, não somos nós que efetuamos sua síntese”. Ou, ainda, tomando como

referência as proposições do educador Paulo Freire (1987), o ser humano ao refletir sobre si e sobre o mundo, por meio de um movimento recíproco, constrói uma percepção mais generosa de si e do outro. Ou seja, mesmo que no âmbito da objetividade esse outro já existisse, ele não é percebido na sua essência sem essa percepção de que ser humano/mundo é unívoco. Com isso queremos enfatizar a diferença considerável entre essência e aparência, tanto no que tange a compreensão das coisas do mundo como quando nos referimos à linguagem, haja vista que estas compreensões só podem ser consideradas na sua ambiguidade de sentidos. Vale, portanto, nos reportar, novamente, à fenomenologia, quando Bachelard (2002b), expõe sobre os dois grandes movimentos do imaginário, tomando como referência o elemento água, com ele o autor apresenta a poeticidade que veicula nos recônditos do imaginário, mostrando que tudo é eco no universo:

Todos os corpos da natureza produzem gigantes e anões, o rumor das ondas enche a imensidão do céu ou o interior de uma concha. São esses dois movimentos que a imaginação viva deve viver. Ela ouve apenas as vozes que se aproximam ou se distanciam. Quem escuta as coisas sabe bem que elas vão falar demasiado forte ou demasiado suavemente. É preciso empenhar-se em ouvi-las (BACHELARD, 2002b, p. 201).

Ao transitar por entre os princípios da fenomenologia do imaginário é possível fortalecer nossa proposição ao discorrer sobre a poética ambiental. Esta pode ser vista como a amplitude de sentidos expressa na essência das coisas presentes no cosmo, mas que nem sempre é percebida pelo ser humano. São sentidos que ao primar pelo “eu” empreende o “nós”, enquanto seres participantes de um mesmo universo. Ou seja, na inocência da natureza pode estar inscrita nossa própria identidade. Dessa forma, pensamos que a Educação Ambiental, nesse viés po-ético, pode contribuir para que compreendamos que é necessário repensar nossos princípios e percepções sobre o mundo.

Breton (1924), em seu manifesto já declarava que “o surrealismo consiste no nosso não-conformismo absoluto para que possa ser discutido trazê-lo, no processo do mundo real. [...] é o raio invisível que um dia nos fará vencer os nossos adversários”. No entanto, a ‘revolução’ não se pauta apenas no âmbito externo, social ou político, como nos quer fazer acreditar a percepção hegemônica do mundo moderno pautado em princípios utilitários e funcionais, mas na possibilidade de novas percepções individuais que se escorrem para o coletivo e vice versa. Portanto, ao atribuir a

percepção surrealista nesse diálogo tem-se como premissa “restabelecer o diálogo em sua verdade absoluta, [...] sem procurar tirar daí um prazer dialético particular nem se impor a seu vizinho, de forma alguma” (BRETON, 1924), mas suscitar que esses e outros olhares são possíveis na teia complexa que é o mundo/ser humano.

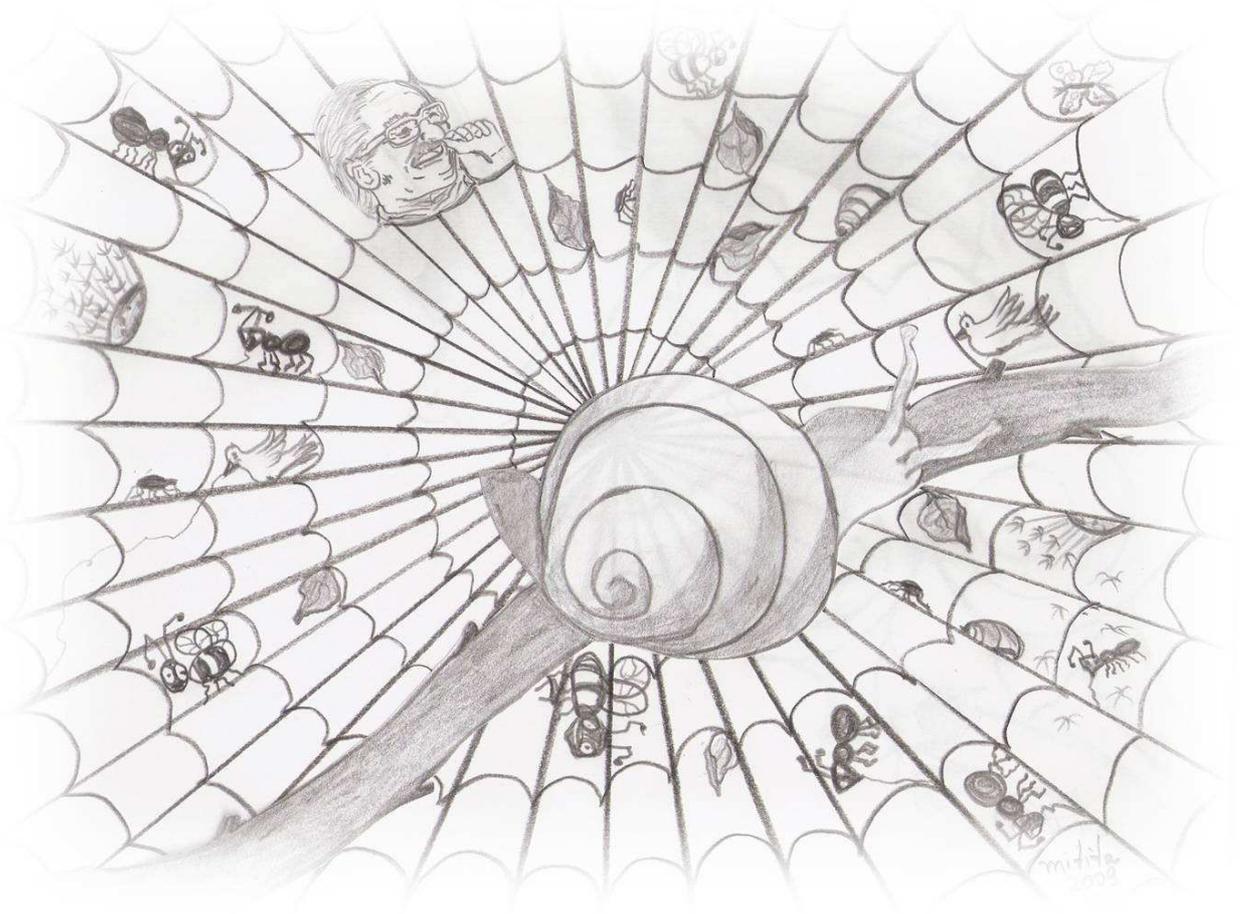
No cerne dessa proposição de diálogos entre a Educação Ambiental e a poética de Manoel de Barros, pautada nos princípios surrealistas, ancoramos em Sato (2009), quando em *A cartografia do imaginário* (2009), discorre de forma poética, sem deixar de lado o rigor científico, a intrincada rede de elementos que percorrem por entre uma pesquisa, principalmente, aquela que ousa caminhar por entre a fenomenologia do imaginário.

Abordar um campo investigativo exige uma enorme responsabilidade e grau de comprometimento para além de nós mesmos. Representa uma viagem científica de aprendizagens singulares e infinitas, e que talvez jamais consigamos responder velhas e novas perguntas sobre os universos que habitamos - ou de um multiverso em plena descoberta? Uma aventura em risco onde cada qual escolherá o seu itinerário de pesquisa. Fixando o destino, é possível escolher o meio do transporte pelo qual queremos chegar. Mas na cartografia do imaginário, entretanto, o que talvez importe não seja o destino final, mas a rota e a viagem realizada nos percalços de uma longa viagem (SATO, 2009, p. 04).

Portanto, é de acordo com essa proposição de Sato que buscamos delinear nossa trajetória de estudo, pautada, principalmente, na percepção de que o mundo é uma fonte inesgotável de sentidos. No entanto, com respeito a nossa subjetividade e autonomia, vamos traçando nossa trajetória de estudo em meio ao Grupo Pesquisador em Educação Ambiental/GPEA que sonha em fazer valer a utopia dos autores já mencionados, que vislumbraram e vislumbram um mundo que prima pela justiça ambiental. Vamos, desta forma, marchando na (in)direção dos ventos, conduzidos pela poesia de Manoel de Barros, iluminada pela fenomenologia do imaginário de Gaston Bachelard, buscando um porto, se é que é possível encontrá-lo, mas sem pressa de aportar.

### 3 CAPÍTULO

## CONSTRUINDO LINGUAGENS



Estou pousado em mim  
Iguar que formiga  
Sem rumo.

Manoel de Barros

### 3.1 O ESBOÇO DA PESQUISA

Esta profundidade do ser pela poesia tem uma marca fenomenológica que não engana. A exuberância e a profundidade de um poema são sempre fenômenos do par ressonância-repercussão. É como se, com sua exuberância, o poeta reanimasse profundezas em nosso ser.

Gaston Bachelard

Essa abordagem, conforme nos aponta Bachelard (2005) faz perceber que a ação psicológica de um poema, nos leva a seguir dois eixos de compreensão fenomenológica, que apontam para as exuberâncias do espírito, e nos conduzem às profundezas da alma. Trata-se de um estudo bibliográfico de teorias, que fundamentam as percepções sobre o fenômeno poético de Manoel de Barros, dialogando com as questões ambientais e literárias no contexto contemporâneo. Isso imbrica com as relações e perspectivas que nos conduzem à literatura mato-grossense, expressa pela linguagem do poeta.

Procuramos delinear o estudo, na tentativa de focalizar uma trajetória onde a literatura pudesse suscitar para a compreensão dos entremeios que articulam o viver humano, em consonância com a natureza criadora do artista, que ressignifica o chão pantaneiro e imprime a este um caráter universal, por meio dos deslimites do pantanal. Nesse cenário, surgiu à seguinte instigação: como podemos encontrar percepções para compreendermos o enlace entre Educação Ambiental e a poesia, tomando como objeto de estudo a produção de Manoel de Barros? Assim, por meio de um estudo efetivo, foi possível perceber, que a produção desse poeta singular, traz uma diversidade de elementos, presentes na natureza, envoltos em sua cosmologia poética. Portanto, a fenomenologia do imaginário de Gaston Bachelard poderia subsidiar esses devaneios, compreendendo que esta aliança pode construir espaços para diálogos, não como mero instrumento de conhecimento social ou linguístico, mas como possibilidade para perceber que a ética e a estética presente nessa relação, podem contribuir para a fluência de novas percepções humanas, no que se refere à natureza.

Na pesquisa, de cunho qualitativo, foi possível entrelaçar uma teia de informações, obtidas com base na leitura cuidadosa dos poemas de Barros. Visão que

permitiu entender que a percepção particular pode, muitas vezes, fazer submergir as imagens que visualizam o sentido criativo expresso pelo poeta, um dos interesses do fenomenólogo da criação poética. Os encadeamentos e ligações conduzidos pela leitura, vistos como um exercício de acesso mediano. Portanto, estes elos tomaram dimensões muito mais profundas, no momento de construir as proposições escritas. Os sentidos da poesia enveredavam por diversos caminhos e se abriam para novas vias de aprendizagens, que permitiam uma multiplicidade de outros elos, tão flexíveis e complexos quanto os percebidos no início do trabalho.

Tomamos como via de acesso a leitura atenta das poesias e tentamos particularizar tais instâncias, na compreensão de que elas iriam aparecer de maneira mais detalhada e profícua. Foi um ensaio vão de buscar possibilidades de respostas para este devaneio do imaginário. Este desmembramento mostrou o quanto nosso olhar estava limitado às partes do fenômeno, viciado no cartesianismo, que propõe colocar cada objeto na sua gaveta particular. Resolvemos, então, deixar provisoriamente a poesia e voltar o olhar para as teorias que iriam subsidiar a pesquisa, foi quando percebemos que a práxis/teoria é indissociável, e que a poesia de Barros necessitava de um olhar destituído de valores e normas convencionais.

Ao fazer emergir o estranhamento, a poética do autor nos colocou em suspensão, a fim de nos despir, para um retorno virgem, no intuito de que pudéssemos delirar em conjunto com ele, as possibilidades de um mundo ideal. Portanto, são elos que tornam a poesia manoelina compreensível no emaranhado sugestivo criado pelo autor. O retorno à leitura dos poemas nos deixou embevecidas com as probabilidades que fluíam, onde os diálogos faziam-se presentes e possíveis. As teorias estudadas fortaleciam nossas leituras e se articulavam aos sonhos plurais, que ora buscávamos delinear, e que, no momento, pareciam saltar da poética manoelina. Essas percepções deram sustentáculo para a pesquisa na perspectiva da Educação Ambiental, na qual os saberes aparecem em espiral, na construção de olhares que visam à unicidade entre indivíduo/natureza. Porém, não minimizaram as dificuldades em selecionar os sentidos que seriam pertinentes à pesquisa.

A meta na construção deste trabalho surgiu da indagação de como o elemento sensível poderia subsidiar uma visão de mundo menos utilitarista; tendo como hipótese que apenas informações técnicas não conseguem tornar compreensiva a

condição humana, e muito menos, vem a ser, sozinhos, elementos capazes de inferir na reconstrução da identidade e do mundo almejado pelo ser humano. Este é fruto de relações e, portanto, ser constituído no entremeio dessas riquezas socioambientais. Estes fatores permitem olhar a produção poética de Barros por várias vertentes, o que deu vazão à construção desta possibilidade de pesquisa pela via da rede imaginária.

### 3.1.1 A sinestesia ambiental: desenhos de uma voz

Manoel de Barros trabalha com elementos presentes no ambiente natural, mas numa perspectiva surrealista que aguça os sentidos. A sinestesia presente no mundo, em Barros extravasa, já que é possível *ouvir o cheiro da manha*. Desta forma, o poeta atribui múltiplo sentido às palavras, e possibilita percepções sobre a dinamicidade das linguagens. Assim, nos fazem compreender que trabalhar com a sua produção poética, nos tira do senso comum e abre novas possibilidades de ver, tocar e sentir as coisas do mundo.

Importante Ressaltar, novamente, que com este enfoque fenomenológico da poética ambiental, não temos a pretensão de solucionar os problemas ambientais, visto que a estes está atrelada uma complexidade de outros fatores, nem mesmo temos a intenção de esgotar os sentidos da poética manoelina. Fator que, compreendemos, seria impossível e, caso contrário, seria a condenação de sua morte. Nosso objetivo é, sim, tecer diálogos com a poética de Manoel de Barros na interface da educação ambiental, que contribuam para a percepção de que os sentidos sempre podem ser outros. Pretendemos, assim, instigar um novo olhar sobre a natureza. Vale frisar, que para a efetivação da proposta, foi necessário compreendermos as tessituras que compõem o liame da produção poética de Manoel de Barros. Bem como buscar aparatos teóricos que fortalecessem os diálogos entre a poesia e a Educação ambiental, que tinham como hipótese fazer surgir a trama polissêmica das vivências e sentidos, advindos tanto do ambiente natural como de outros saberes imbricados nas imagens poéticas, e que poderiam ser acionados pela linguagem do autor, pois:

A linguagem, como o universo, é um mundo de chamadas e respostas; de fluxo e refluxo, união e separação, inspiração e expiração. Algumas palavras se atraem, outras se repelem, e todas se correspondem. A fala é um conjunto de seres vivos, movidos por ritmos semelhantes aos que regem os astros e as plantas (PAZ, 1982, p. 62).

As etapas que ora descrevemos, foram subsidiadas pelos caminhos trilhados pelo poeta, os quais serviram para compreender a heterogeneidade dos seres humanos, que, mesmo partindo de uma mesma sociedade, apresentam subjetividades que os complementam e os divergem. São essas diferenças e conflitos que permeiam as relações humanas, que ampliam a visão que temos do mundo e de nós mesmos, nos oferecendo possibilidades para ressignificar os diferentes olhares. Ou seja, as diferenças e as similaridades podem ser pensadas, por meio de reflexões, que apontam sempre para um olhar outro e/ou outros, que implementam nossos conhecimentos. Ao contrário, da visão dogmática sobre a realidade, a percepção libertadora requer um rigoroso planejamento por parte das pessoas, no sentido de ouvir o outro ou os outros, compreendendo que, neste foco, o conhecimento está sempre em construção; o que caracteriza um processo sempre inconclusivo de aprendizado.

A tarefa, portanto, não foi fácil, já que tivemos que compreender, dentro das limitações, alguns labirintos da poesia e da fenomenologia. Portanto, também procuramos âncora em seminários, encontros, colóquios e semicursos que traziam como pauta algumas das proposições com as quais pretendíamos dialogar durante a pesquisa, como: identidade, infância, natureza, sociedade, amorosidade, temporalidade, resíduos e mundos. As percepções advindas desses encontros, bem como as leituras que tinham como pauta os elementos citados, forneceram subsídios para desenhar respostas às inquietações que subsidiaram a compreensão de que a dinâmica filosófica e social da Educação Ambiental, inserida no movimento surrealista da poética de Manoel de Barros, contribui no olhar sensível sobre a vida no planeta. Portanto, na percepção de que é possível refletir não apenas no mundo concreto, mas também no mundo sonhado, é que descrevemos a compreensão dos diálogos entre Manoel de Barros e outros autores que coadunam para que a poesia da Educação Ambiental possa se fazer presente, suscitando a importância da valoração do meio ambiente, que compõe não só o mundo, mas também a identidade dos seres humanos.

A pesquisa, ao buscar os sentidos das coisas na interpretação da poética de Manoel de Barros, e ao suscitar o fenômeno pela subjetividade humana, se configura na perspectiva híbrida entre estudos bibliográficos e fenomenológicos, fatores que respaldam e fundamentam as tendências utilizadas nas produções poéticas de Manoel

de Barros. Portanto, são teorias que dialogam com as questões ambientais e literárias no contexto contemporâneo, a fim de fundamentar a proposição de que a aprendizagem tende a ser mais efetiva, se construída na interação entre saberes múltiplos. Na busca de compreender essa possível imbricação entre literatura e educação ambiental, encontramos na pesquisa qualitativa, meios para alcançar os objetivos almejados, que tinham como intuito compreender essa relação dialógica, na perspectiva de estabelecer diálogos possíveis, que viessem fortalecer a importância da integração entre a imaginação, a criatividade e o meio ambiente.

Ao abordarmos estas relações, buscamos espaço para tecer diálogos que permitissem a apresentação da produção poética, como possibilidade de articular um saber ético acerca das coisas e do ser humano na contemporaneidade. A premissa era enfocar relações que favorecessem a ampliação do conhecimento sobre as implicações humanas diante dos dilemas ambientais, a partir da poética barreana, a fim de apontar a importância do conhecimento local, dos saberes e culturas do povo na construção de novas aprendizagens, com foco na sensibilidade. Assim, além das leituras dos livros do poeta, buscamos aprofundar o conhecimento sobre a Educação Ambiental no Brasil, com seus avanços e recuos, bem como a concepção de alguns teóricos acerca da fluência da literatura.

Tendo como sustentáculo a pesquisa qualitativa, tomamos como material de estudo dados empíricos sobre o subjetivo do ser humano, como seus valores, crenças, atitudes e sonhos, visualizando construir processos de aprendizagem que contemplassem as questões ambientais, visto que a pesquisa foi organizada com etapas de compreensão e interpretação do fenômeno, considerando as diversas possibilidades de sentidos e olhares. Nessa compreensão do material escolhido, buscamos inferências que possibilitassem uma interpretação das vivências geradas nas relações humanas, a fim de estabelecer um enfoque da relevância deste estudo para com o universo científico; pois acreditávamos que essa compreensão e interpretação dos fenômenos consideram que estas sempre podem ser apreendidas sob novos e múltiplos sentidos.

A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2002, p. 72).

Nesta perspectiva, em que sujeitos e objetos são apresentados como elementos indissociáveis, que se complementam, e negando a cristalização em sistemas únicos e fechados, é que buscamos a fluência na poesia de Manoel de Barros. Porém, com a percepção de que enveredar por esta trilha seria caminhar por entre um campo minado, pois se trata de um campo abstrato e de um universo múltiplo de significados, já que ao trabalhar com poesia somos convocados a conotar sentimentos e vivências a partir da nossa lente, muitas vezes, míope. Importante frisar que, desde o início da trajetória, embora com algumas limitações, não tínhamos a pretensão de analisar ou tentar ver com o olhar referencial, se é que existe, a contribuição do poeta às questões socioambientais. Com a nossa subjetividade, pretendíamos dialogar com a produção do autor e com as teorias que subsidiam o estudo, no intuito de traçar caminhos que ressaltassem a necessidade do retorno à sensibilidade, que considerasse e valorizasse as identidades humanas, pois acreditamos que isso é possível e educativo.

Com as leituras, fomos percebendo que o poeta conta com fios que percorrem e tecem sua produção, os quais poderiam permitir nossa trajetória de estudo. Desse momento em diante, fomos trabalhando com a atenção voltada para a tessitura dos sentidos provenientes desses fios. Percebendo que, os dispositivos que a estabelecem, bem como a produção teórica dos autores estudados, construíam significações que se entrelaçavam. Assim, a trajetória do estudo foi delineada por meio de correlações que:

- ① *Levantam pontos sobre as teorias acerca da Educação Ambiental e da literatura, que convergem com a poesia de Manoel de Barros.*
- ② *Evidencia as teorias empregadas na trajetória da pesquisa, bem como a metodologia utilizada, traçando elos com a produção do poeta.*
- ③ *Busca relatar a efetividade da contribuição da poesia do autor à Educação Ambiental, propondo, por intermédio do diálogo poético, construído com os poemas, possibilitar o contato com os pontos abordados nas etapas anteriores.*

Nesse prisma, a última correlação foi organizada com base em quinze questionamentos, no intuito de possibilitar percepções sobre a profícua relação entre a Educação Ambiental e a poesia. Na descrição da abordagem dessa etapa, buscamos

apresentar a efetividade da relação entre a poesia de Barros e Educação Ambiental, trazendo as questões que seguem logo abaixo.

As escolhas das questões, bem como a disposição destas, foram organizadas considerando a percepção de reconstrução, de recomeço, sugeridas pela poética barreana e pela teoria consultada. Ou seja, buscamos entrelaçar cultura e natureza com o alicerce fértil da poesia e da educação ambiental, na tentativa de fazer emergir a espiral caracoliana, onde o novo e o velho estão sempre em processo de fertilidade e renovação.

1. *Quem é Manoel de Barros e como a Educação, cultura e natureza se aliam em sua vida e obra?*
2. *Em seus textos, as coisas cotidianas assumem uma consistência (im)palpável por meio da retomada de sua infância. Vale, talvez, retomar as palavras de Paulo Freire quando este diz “Quanto mais me volto à infância distante, tanto mais descubro que tenho sempre algo a aprender com ela”. Para você esta é também a pertinência da memória, na amplitude de sua poética?*
3. *A casa, para Guattari e Deleuze, é a primeira das artes, pois o oikos revela nossa identidade em territórios. Sua poética dialoga com a Educação Ambiental na construção polissêmica do cuidado da casa?*
4. *Conforme sua poética, há possibilidades de um perceber o mundo para além da ordem funcional que lhe impõe o capitalismo. O que essa maneira de enxergar o mundo permite vislumbrar?*
5. *Contemplando suas palavras e frases, é possível atentar para inúmeras metáforas. Este é um modo de suscitar para a necessidade de se olhar para o lado inverso das coisas mecanicistas e funcionais? Ser humano e inovação tecnológica: quais os limites e os potenciais?*
6. *Manoel, na dinâmica da temporalidade, de que maneira podemos aprender com o passado e ressignificar o erro?*
7. *Na busca por um mundo mais justo, vários autores abordam que é necessária a presença da sensibilidade humana. Porém, a cada dia ela se distancia. É possível entrever, na sua poética, a urgência do sensível?*

8. Sabemos que você é um manipulador de palavras, porém é um confesso adepto do silêncio. Qual a importância do inefável na constituição e valoração poética?

9. Ao desafiar o conceito sobre a vida, de que maneira as palavras conseguem transcender cultura e natureza, numa ressonância poética de subversão à obviedade gramatical e/ou biológica?

10. De que maneira a poética de Manoel de Barros dialoga com a amorosidade educativa de Paulo Freire?

11. Um dos desejos da Educação ambiental é transcender a dicotomia entre cultura e natureza. Qual o jogo sensorial da sua linguagem, que instaura uma poética surrealista?

12. A transmutação entre o ser humano e a natureza é um dos princípios surrealista. De que maneira a sua poética enlouquece a palavra, para que a Educação Ambiental possa se fazer presente?

13. As palavras, vazio, nada e inútil, são constantes em sua produção e abarcam outros significados para além do convencional, do literal. É possível dizer que, com isto, você sugere um novo olhar para as coisas “desprezíveis”. Portanto, na sua percepção, o lixo pode servir de matéria prima para a poesia e para a Educação Ambiental?

14. A linguagem manoelina subverte o mundo-vivido, transcendendo o óbvio. Considerando a poética da Educação Ambiental, como se apresenta na sua produção literária este mundo-inventado?

15. O primitivo Oswaldiano contribui para revisitar o amor e superar a visão utilitária das coisas, da vida, da poesia ou da educação ambiental? Nesta perspectiva de que maneira o velho e o novo se entrelaçam?

Essas indagações, acrescidas de algumas das possíveis reflexões e percepções sobre as respostas encontradas na poética de Manoel de Barros, ancoradas no conhecimento adquirido nas disciplinas do programa, nas orientações da pesquisa e na frequente contribuição das teorias já citadas, serão retomadas no quarto capítulo. Nele, elas aparecem marcadas por capas de livros do autor, para que o leitor possa visualizar o material impresso, porém como não fizemos recorte de uma ou outra obra, e tendo em vista que a produção poética do autor perpassa as quinze questões,

o critério de seleção partiu de escolhas, sentidos e silêncios fenomenológicos. Quanto aos desenhos que ilustram os poemas, e que serviram de possibilidades para responder às questões, são rabiscos e imagens que fluíram por meio das leituras, dos diálogos e das respostas poéticas. Outros são imagens recolhidas em sites da internet. Logo, após esses diálogos, seguem as considerações que fecham essa etapa da pesquisa, mas que abrem outras possibilidades. Na percepção de que o mundo é a poesia, que é o ser humano, e que devem ser todos acolhedores, entreabertos e inconclusivos. Essa é uma das prováveis mágicas da natureza.

### 3.2 A ORQUESTRA FENOMENOLÓGICA NA POESIA AMBIENTAL

A fenomenologia deve fazer-se fenomenologia da arte, [...] porque a imanência do vivido a um sujeito transcendental precisa exprimir-se em funções transcendentais que não determinam somente a experiência em geral, mas que atravessam aqui e agora o próprio vivido e se encarnam nele constituindo sensações vivas.

Deleuze & Guattari

A fenomenologia do imaginário foi adotada para fortalecer as respostas das indagações fomentadas com a pesquisa qualitativa, imprimindo crédito aos elementos sensíveis, que foram incitados por meio da subjetividade da pesquisadora com as leituras dos poemas. A opção por essa trajetória pautou-se na própria natureza do fenômeno, do qual surgem sentidos e olhares diversos, como forma de conhecimento a ser desenvolvido, com ênfase, principalmente, na perspectiva da poética ambiental. Desta forma, o fenômeno se ajusta em um enfoque metodológico filosófico, ou seja, na aplicação de fundamentos filosóficos da fenomenologia à poética de Barros. O fenômeno interrogado abre inúmeras possibilidades de percepções, que permitem o entrelaçamento com a Educação Ambiental, mostrando a amplitude de abertura a novas compreensões. Para tal, nos fundamentamos nas abordagens teóricas de Bachelard (1998, 2002a, 2002b, 2005), Freire (1987, 1996, 2008), Passos e Sato (2002, 2005, 2006, 2008), entre outros.

A fenomenologia respeita a compreensão do fenômeno, visto sobre a perspectiva do/a pesquisador/a, cabe a ele/a, a tarefa de descrever as unidades de significados, de acordo com a interrogação articulada. Assim, após a leitura cuidadosa

das poesias e das teorias, buscamos compreender tais unidades de significados e suas relações com a visão libertadora, proposta pela Educação Ambiental. Este entrelaçamento se deu de forma criteriosa, já que o que procurávamos era a compreensão do poético, ou seja, a compreensão das linguagens da poesia de Manoel de Barros, vistas na vertente da Educação ambiental, e não a busca da poesia com função específica de ensinar Educação Ambiental. Nesta perspectiva, o objeto de estudo apareceu envolto em uma rede de significações, que só pode ser compreendida a partir das limitações e da abertura ao diálogo e às subjetividades. Pois, de acordo com Michèle Sato e Luiz Passos (2008, p. 26):

Toda fenomenologia reside na dança dos contrários. Os seres humanos não têm sua origem suficiente e causal em si mesmos. São os *outros* que me constituem, que me julgam, que me interditam a possibilidade de minha constituição começar num solitário ato autoprodutivo de suficiência. Toda consciência emerge e se apreende a si própria porque negada. O limite me conduz a um campo perceptivo de identidade própria, que jamais teria sem ele. É pelo conhecimento do limite que dou conta de que sou o outro do outro.

Pretendíamos, portanto, apresentar a compreensão do fenômeno no entremeio de um mundo regido pelas aparências e ambiguidades. Estas, por sua vez, nos (des)acomodam ao revivermos interrogações e horizontes, nos enredam em uma teia de significações que nos permite entrar em contato com a força e o movimento da linguagem. E, na circularidade deste movimento, foi possível perceber que os recursos utilizados pelos autores, geram novos significados, abrem novas possibilidades, nos incita a uma busca incessante de compreensões, que são seguidas de outros questionamentos. Este movimento circular também nos possibilitou destacar alguns pontos significativos de encontro e distanciamento, entre eles, percebendo que a dialética entre ser humano e mundo não pode ser compreendida na perspectiva cartesiana, que só a indagação permanente e inesgotável dos fenômenos pode não explicar, mas apaziguar o espírito humano no que se refere à interpretação de sua existência (MERLEAU-PONTY, 1999).

A trajetória, em fenomenologia, não é um caminho que se faz *a priori*, mas que se mostra apenas no caminhar, ou, como aborda Freire (1995), não é conscientizando que se organiza a luta, mas na luta que surge a conscientização. Assim, no estudo fomos incitadas a despir de pré-conceitos e a lançar-nos em outras descobertas. Estas, no entanto, não ocorreram sem uma dose de resistência, pois a pesquisa, muitas vezes,

nos fez tropeçar, e isso acarretou algum desânimo, porém nos restabelecemos e retomamos o caminho. Assim, a trajetória da pesquisa se deu a partir de deslocamentos, de rupturas, de contradições, que implicaram sempre um (re) pensar, um reconstruir a estrada, para depois voltar à caminhada. Percebemos que as implicações que envolvem a relação entre o ser humano/natureza, vão além da dimensão convencional, pois a compreensão do processo, na ótica das pesquisadoras, não esgota as percepções do objeto, já que elas não podem ser todas compartimentadas, mas vistas a partir de um encadeamento de sentidos que nos fornecem outras dimensões possíveis. Portanto, as tensões que estão fora e dentro do objeto, no caso, a poesia de Manoel de Barros, é que lhe movimentam e dão vida. Dessa forma, o objeto mobiliza outras vozes, que se contrapõem ao sentido hegemônico.

O diálogo com o fenômeno se estabeleceu a partir das leituras, que por sua vez, descortinaram alguns dos sentidos e deram um pouco de visibilidade ao propósito da pesquisa. Portanto, podemos pensar que os sentidos se organizam ou desorganizam de acordo com a concepção do sujeito no mundo, que implica, além do material, os sonhos e devaneios do ser humano. Na literatura, o processo sugere observar as inúmeras possibilidades da palavra, que emergem a partir da polissemia da linguagem, que não se esgotam em si, devido às inúmeras interpretações que podem passar despercebidas pelo sujeito/leitor. Assim, na perspectiva da fenomenologia, as questões foram levantadas durante os próprios devaneios que surgiram com as leituras, que puderam ser expandidas com o olhar outro. Embora nossa identidade marque e demarque nosso território interpessoal e intransferível, ficando o nosso ver diante do objeto, há sempre a possibilidade de outros olhares e sentidos. Portanto, a nossa compreensão será descrita como uma das versões possíveis, que inferimos de acordo com a nossa subjetividade, o que seria um mundo fabricado por nós, mas que, esperamos, possa entrar em consenso com o outro.

Manoel de Barros é unívoco em aliar coisas e gentes. E, portanto, o mundo não é somente aquele vivido. É também o imaginado, sonhado, delirado e inventado. Assim, como podemos compreender os movimentos da fenomenologia do imaginário na produção desse ser humano pantaneiro? Podemos dizer que ele apresenta o princípio vital da fenomenologia, pois nos proporciona visualizar as coisas do mundo,

envoltas nos seus sonhos e delírios mobilizados por suas percepções sensoriais. Portanto, fazer ciência não implica mostrar a objetividade dos fenômenos, haja vista que tudo é passível de contestação, mas implica compreender a diversidade de aspectos que englobam o interior e o exterior, na perspectiva de romper com a visão estagnada do mundo. Assim, a orquestra fenomenológica, sugerida pela produção desse poeta, parte de inúmeras dimensões do fenômeno, um compreender a partir destas redes de significações que o determinam. Este, talvez seja o movimento mais importante da fenomenologia e o que a diverge de outras correntes teóricas, uma vez que ela prima pelo compreender, enquanto que as outras priorizam o analisar. Neste emaranhado de compreensões, que tem como foco o mundo vivido e/ou sonhado do ser humano está intrincada a possibilidade de diálogos que se organizam, acerca não apenas do pensar individual, mas, sobretudo, acerca da significação que o saber acadêmico e local imprime no sujeito; e estes saberes são movediços<sup>17</sup>.

O cenário da literatura mato-grossense foi imprescindível para compreendermos que os mundos encantados, vividos e delirados, podem acionar dispositivos que tornam profícuo o processo de aprendizagem, principalmente, no que se refere à Educação Ambiental libertadora, capaz de se preocupar com as causas sociais, culturais e ambientais. O estudo traz o chão dialogante de Manoel de Barros, no caso, o pantanal de Mato Grosso, e sua possível aproximação com o sonho e o cotidiano das pessoas, na compreensão de que este dialoga com o mundo imaginado, descrito por Gaston Bachelard, e sua pertinência na ampliação de conhecimentos. Esta etapa foi permeada por uma leitura minuciosa da fenomenologia do imaginário, bem como por leituras e percepções acerca da produção do poeta.

Apesar de Manoel de Barros ter recebido comparações de críticos com a produção de outros escritores, apresenta características ímpares, que nos deixam, enquanto leitores e pesquisadores, à vontade para relatar que estamos falando de um dos escritores mais importantes da contemporaneidade. Esta afirmação se fundamenta nas leituras e nos entrelaçamentos que pudemos criar a partir das palavras do próprio autor. Acreditamos na importância de abordar algumas das percepções advindas das produções manoelinas, no intuito de ir enfocando pontos de convergência com as

---

<sup>17</sup> Essa imprecisão, ambiguidade ou indeterminação de sentidos, segundo Merleau-Ponty (1999), faz parte da lógica do mundo percebido, pois se trata de um processo fundamental da percepção, um paradoxo entre a imanência e a transcendência.

poesias. Nesse sentido, percebemos a necessidade de trazer as impressões sobre alguma obra do poeta, a fim de apresentar as relevâncias para o estudo. O relato seguinte destaca duas obras do autor, porém, é necessário perceber que não se trata de fragmentar, pois no percurso da descrição, tentaremos trazer poemas que permeiam sua ampla produção, na perspectiva de mostrar as fluídos decorrentes de suas palavras. Ou seja, de que há fios que se unem um a outro, e apesar de citarmos, no momento, apenas duas de suas obras, apresentamos uma interpretação possível acerca do conjunto de sua produção, também estudadas por outros pesquisadores.

Segundo Castro (1991), Barros publicou seu primeiro livro no ano de 1937, o qual se intitula - Poemas concebidos sem pecado - porém é a partir da década de 80 que o autor começa a ter o respaldo da crítica, com algumas ressalvas, já que o poeta não é adepto a grandes badalações. O autor aborda, ainda, que a não adesão de Manoel de Barros ao conturbado mundo do estrelismo, pode ser percebida no seu perfil tímido, na própria poesia e nas entrevistas, onde o autor faz questão de mostrar o modo simples com que vive e viveu suas infâncias. Em suas poesias, como já abordado, o poeta traça seu itinerário biográfico, a partir de uma conexão entre o ser e o mundo em que vive, ou seja, entre o Manoel e o pantanal de Mato Grosso. Neste ensejo, relata por intermédio da produção poética, que sua formação enquanto leitor se deu no entremeio de produções de literatos consagrados, que lhe abrem caminhos para colocar em prática as travessuras que já tinham abrigo em seu imaginário.

Já em 1969, com a publicação do livro *Gramática expositiva do chão*, o poeta, de acordo com Castro (1991), mostra um maior amadurecimento, e coloca em ação o projeto de uma poesia que versa sobre as coisas ínfimas. O poeta mostra a magnitude das coisas desprezadas pela sociedade mercantilista, trazendo aspectos que passam despercebidas pelo ser humano, embora sejam relevantes para o equilíbrio do planeta. Com essa projeção poética, Barros começa a fortalecer seus escritos, com uma visão mais aguçada, que se organiza na confluência entre os dados descartáveis pela sociedade de consumo e a emergência dos sentimentos humanos. Este fato ressalta a importância de ficar à espreita, pois poderão sempre surgir novas possibilidades de percepções que nos impulsionará a criar outros sentidos, ao contrário, do meramente explícito. O autor impulsiona-nos a perceber na leitura uma trilha que o conduz pela mágica do mundo surrealista, o seu nada repleto de luminosidade.

Manoel oferece ao ser humano o seu lugar de direito, independentemente dos títulos. Para ele, o que importa é o ser, portanto não discrimina um em detrimento do outro, trazendo todos para o diálogo com características comuns, usuais, mas contagiantes e poéticas. Isto acontece com crianças, lavadeiras, prostitutas, andarilhos e com outras pessoas com as quais cruza pelo caminho; estas personagens ilustram e dão vivacidade ao fazer literário do autor. A produção de Barros se fortalece, mais precisamente, quando este traz à poética, a figura do pantanal imbricada na sua criação, quando a memória faz reviver a infância. Mais adiante em seus escritos poéticos, ele estabelece um diálogo intertextual com a obra de *Guimarães Rosa*, que também reinventa vocábulos, e com figuras de linguagens e termos que se afastam dos padrões da língua escrita; são produções que possibilitam o contato direto com as coisas do chão, é cheiro de poesia que exala pelos poros dos espaços que ocupam, ou, melhor dizendo, pelos poros da Educação ambiental. As produções de artistas como Barros transcendem a fronteira do Estado de origem. Assim, o diálogo que propomos com o autor e a poética ambiental se estabelece na leitura das metamorfoses, das imagens e da metáfora, que instauram amplas possibilidades de aproximação.

Barros parte da premissa do primitivo e trajeta do interior para o exterior e vice-versa, traçando um caminho profícuo em prol da universalidade. Desta forma, nos incita à compreensão do mundo a partir das peculiaridades que fazem parte do estar no mundo; fator este, que embora pareça fazer parte do senso comum, se articula a partir de uma complexa teia de significação.

O poeta, como tantos outros, sonha atrás da vidraça. Mas no próprio vidro descobre uma pequena irregularidade que vai propagar a irregularidade no universo. [...] Guiado pelo poeta, o sonhador, deslocando o rosto, renova o seu mundo (BACHELARD, 2005, p. 165).

A visão poética, de acordo com nossos estudos, possibilitou um intercâmbio com a nossa utopia, e aguçou os sentidos para uma reflexão acerca dos problemas socioambientais, subsidiando a compreensão de que o ser humano não é apenas quantificável, ele está imerso também num mundo de sonhos e devaneios, que ao ser convocado faz emergir a necessidade de reconstrução. É com os elementos corriqueiros, que fazem parte tanto do nosso cotidiano quanto do nosso imaginário, que o autor dá vida aos seus poemas. E é esta magia, expressa na poética, que permite

ultrapassar o já instituído e nos conduz a percebermos outras possibilidades, de ver e de pensar o mundo em que vivemos.

Para delinear essa trajetória, centrada nos princípios fenomenológicos, foi preciso nos desnudar, visto que aceitar os diferentes olhares sobre o mundo para nós e, às vezes, contraditórios; requer uma árdua tarefa de reconstrução de percepções. Esta iniciativa fez com que nossa visão tivesse um alcance um pouco mais longínquo sobre as dúvidas, angústias e sentidos. Tal fator propiciou a compreensão que a dialética entre o distanciamento e o maravilhamento; a subjetividade e a objetividade; o entusiasmo e a monotonia; são contrários que coexistem nas pessoas e que, portanto, é impossível concebê-las fora dessa espiral, constituídas por esferas, ora dissociadas, ora conjugadas.

A abertura fenomenológica permite a projeção do ser, enquanto humano, com todos os seus anseios e, assim, é também o fazer literário, que, mediado por aspirações humanas, como sensações, desejos e sonhos, admite sempre novas intervenções e, portanto, sugere a reconstrução. Porém, tais aspectos vem sendo deixados em segundo plano, devido às aptidões mecanicistas da sociedade, ao descaso com os ideais humanos, ao materialismo em demasia. Isso acaba por angustiar os seres humanos, até o mais alto grau de aniquilamento das pessoas, como a depressão e o suicídio.

A percepção sensitiva da fenomenologia do imaginário que respalda a arte poética precisa emergir, para que possamos perceber o elo que temos com a natureza. Talvez assim, possamos viver com menos impacto psicológico e contribuir para minimizar as pressões do mundo contemporâneo, de modo que percebamos que a ação humana é o que nos afeta, em grande escala, de forma irreversível. Quem sabe, assim, poderemos ajudar na construção de um saber-fazer crítico o estar no planeta, valorizando o diálogo entre as ciências e o mundo, no qual possa aparecer a reciprocidade entre as coisas, onde os barulhos e silêncios trazidos pelas asas das borboletas possam permitir que o sensível toque às notas do saber, Sato & Passos (2003).

Ciências e poesias, anelo e seqidão do carinho. Lutam pela vida contra a satisfação mortal, o sorver da flor e o milagre da dádiva, é necessário romper com a dicotomia do espírito e da matéria, permitindo que os sujeitos da EA pensem com os corações, ou seja, permitam unificar a racionalidade na sensação, oferecendo simultaneamente, o estranhamento ao lado do maravilhamento (PASSOS & SATO, 2008, p. 19).

Acreditamos que, os autores que trazemos para o diálogo reivindicam a fenomenologia do ser e possibilitam a reconstrução de sociedades sustentáveis. E que, independentemente da abordagem individual, o que fica para nós é a impressão de que suas percepções se associam com Barros e, portanto, permitem a teia que construímos. Nesse contexto, propomos diálogos com a produção poética de Manoel de Barros, na compreensão de que é viável pensar na poesia como aliada na busca de sociedades sustentáveis. Portanto, segue a apresentação dos diálogos entreabertos, que traçamos com a poética do autor, elucidando que se trata de um dos olhares possíveis na emaranhada teia dos sentidos.

## 4 CAPÍTULO

## TESSITURA DE SENTIDOS



Com fios de orvalho  
aranhas tecem a madrugada.

Manoel de Barros

## ***Tecendo a Manhã***

*Um galo sozinho não tece uma manhã:  
 ele precisará sempre de outros galos.  
 De um que apanhe esse grito que ele  
 e o lance a outro; de um outro galo  
 que apanhe o grito de um galo antes  
 e o lance a outro; e de outros galos  
 que com muitos outros galos se cruzem  
 os fios de sol de seus gritos de galo,  
 para que a manhã, desde uma teia tênue,  
 se vá tecendo, entre todos os galos.*

*E se encorpando em tela, entre todos,  
 se erguendo tenda, onde entrem todos,  
 se entretendendo para todos, no toldo  
 (a manhã) que plana livre de armação.  
 A manhã, toldo de um tecido tão aéreo  
 que, tecido, se eleva por si: luz balão.*

### ***João Cabral de Melo Neto***

A escolha pelo poema **Tecendo a Manhã**, que inaugura este capítulo, se efetivou na percepção de que o mesmo empreende uma rede de sentidos, onde só se pode chegar ao sonho individual por meio de elos. Portanto, os sonhos e utopias de uma sociedade autônoma e justa, só podem ser vislumbrados a partir de uma práxis coletiva. Vale abordar que Manoel de Barros em um de seus livros, faz referência a este poema de João Cabral de Melo Neto, mostrando a efetividade do diálogo no anúncio de um novo mundo. Percebemos assim, que as distâncias nem sempre são tão grandes quanto parecem, principalmente, se o caminho for delineado na parceria, na busca por um sonho coletivo.

O poema abre vias para a percepção de que o mundo é constituído por meio de teias de relações e que, portanto, surge a urgência em tirar a centralidade das normas rígidas e padrões convencionais na busca de delinear outro/s olhar/es acerca do saber e do apreender, e, assim, construir entrelaçamentos que permitem entender que:

A relação dialógica, não anula, como às vezes se pensa, a possibilidade do ato de ensinar. Pelo contrário, ela funda este ato, que se completa e se sela no outro, o de aprender, e ambos só se tornam verdadeiramente possíveis quando o pensamento crítico, inquieto, do educador ou educadora não freia a capacidade de criticamente também pensar ou começar a pensar do educando (FREIRE, 2008, p.118).

De acordo com o dicionário Aurélio (2001), o vocábulo educação tem origem no latim *educere*, que significa atualizar potencialidades latentes, o que incita um movimento de dentro para fora. Nesse prisma, é inverso ao saber técnico, instrutivo que se dá no sentido contrário e que implica imputar às pessoas valores de fora para dentro. Na ótica capitalista as relações são homogeneizadas, e são retiradas desse processo as culturas antigas e tradicionais, visto que, a maioria delas, ainda sobrevive pela tradição oral ou por meio de escritores que desbravam a cultura dominante e mostram a riqueza que envolve o saber local. Este é o caso do poeta Manoel de Barros.

A Educação Ambiental abre vias para diálogos concebidos no espaço de aprendizagens coletivas, como território de luta, onde ações transformadoras passam a ser possíveis na compreensão dos mecanismos utilizados pelas ideologias dominantes (SATO & PASSOS, 2006). São perspectivas que nos instigam às ações coletivas, que visam o fortalecimento para iniciar a ruptura com os paradigmas tradicionais. Essa luta, no entanto, requer fortes duelos, já que, normalmente, se efetiva de forma desigual e injusta. Porém, esse embate na utopia da Educação Ambiental, que visa sociedades sustentáveis, não é uma luta sangrenta, mas sim, se organiza no respeito e no acolhimento dos diferentes, para que juntos possamos tecer e contemplar um novo amanhecer (figura 6), repleto de *inéditos viáveis*.

## 4.1 A POESIA DO CICLO DAS ÁGUAS PANTANEIRAS

A água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra. (...) A água assim dinamizada é um embrião, dá à vida um impulso inesgotável.

Gaston Bachelard

### *Mundo renovado*

*No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limites. E o Pantanal não tem limites. Nos pátios amanhecidos de chuva, sobre excrementos meio derretidos, a surpresa dos cogumelos!*



**Figura 6:** O espelho  
Elizabeth Oliveira 2008

*Na beira dos ranchos, nos canteiros da horta, no meio das árvores do pomar; seus branquíssimos corpos sem raízes se multiplicam.*

*O mundo renovado, durante a noite, com as chuvas. Sai garoto pelo piquete com olhos de descobrir. Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas sem nome sem esquinas.*

*Incrível a alegria do capim. E a bagunça dos periquitos! Há um reffer de insetos por baixo da casca úmida das mangueiras.*

*Alegria é de manhã ter chovido de noite! As chuvas encharcaram tudo. Os baguaris e os caramujos tortos. As chuvas encharcaram os cerrados até os pentelhos.*

*Lagartos espaceiam com olhos de paina. Borboletas desovadas melam. Biguás engolem bagres perplexos. Espinheiros emaranhados guardam por baixo filhotes de pato. Os bulbos das lixeiras estão ensangüentados. E os ventos se vão apodrecer!*

*Até as pessoas sem eira nem vaca se alegram. E as águas irrompem no cio os limites do pátio. Um cheiro de ariticum maduro penetra as crianças. fugiram dos buracos cheios de águas os ofídios lisos. E entraram debaixo dos fogões de lenha. Os meninos descobrem de mudança formigas-carregadeiras. Cupins constroem seus túneis. E há os bentevis-cartolas nos pirizeiros de asas abertas.*

*Um pouco do pasto ficou dentro d'água. Lá longe, em cima da peúva, o ninho do tuiuiú, ensopado. Aquele ninho fotogênico cheio de filhotes com frio!*

*A pelagem do gado está limpa. A alma do fazendeiro está limpa. O roceiro está alegre na roça, porque sua planta está salva. Pequenos caracóis pregam saliva nas roseiras. E a primavera imatura das araras sobrevoa nossas cabeças com sua voz rachada de verde (BARROS, 2003, p. 29-30).*

A abundância das águas é o retrato potencializador de sentidos do Pantanal Mato-grossense. Nela é possível ver o reflexo luminoso da fertilidade da vida, que segue o seu curso se renovando sempre na dinâmica do lugar. Nos períodos de chuva, em que não se permite ver a extensão das águas. A natureza se recompõe e mostra a festa maravilhosa dos seus elementos. Manoel de Barros potencializa essa generosidade da natureza por intermédio da vivacidade das palavras. O poeta utiliza-se de prosopopeias, para mostrar a criancice de um mundo pronto para recomeçar o ciclo da vida, fator que pode ser exemplificado com a seguinte expressão “O mundo renovado [...] sai garoto pelo piquete com olhos de descobrir”. Nesse mundo, trazido pela poética ambiental, fauna/flora/ser humano se enlaçam, num processo matriarcal que não tem fim, onde as águas pantaneiras não destacam prioridade, são todos convidados para a festa, independentemente de títulos. “Até as pessoas sem eira nem vaca se alegram [...]. A pelagem do gado está limpa. A alma do fazendeiro está limpa. O roceiro está alegre na roça”. A água é o espelho da vida no pantanal, ela revela a exuberância da natureza e o poder das coisas ínfimas.

As águas constituem um dos fios que tecem a poesia do pantanal, na qual o ciclo renovador da linguagem utilizada pelo poeta é capaz de fazer emergir no silêncio do seu retrato, a potencialidade de sentidos advinda do chão pantaneiro. É a extensão de renovação e fertilidade apresentadas no cerne do contexto local. Na poesia de Barros, elas nos permitem compreender a luta da Educação Ambiental pela valoração das vidas que compõem o universo, respeitando a diversidade, pois apresentam características que iluminam essas vidas. Ao trazer a imagem das águas, o poeta mostra, também, o sentido inesgotável da linguagem, que aguça a sensibilidade, para que percebamos a poeticidade que transita por entre os *elementos naturais*.

O ciclo das águas é um dos movimentos principais que ocorre no pantanal mato-grossense. Ele é responsável pela proteção da biodiversidade e favorece as espécies vegetais e animais da região. É um processo circular da natureza, que evidencia a autônoma reconstrução desse universo. Os vegetais que germinam e crescem na fase da seca, morrem na inundação, porém fornecem nutrientes e sais

minerais à água, que irá contribuir para o desenvolvimento de outras espécies. Enquanto alguns animais sofrem neste período, outros agradecem a abundância de água. É também o período do encantamento dos ninhais, que embelezam as margens dos rios com a diversidade de cantos e encantos da fauna mato-grossense.

*[...] Meninos pescam das varandas da casa.  
Com pouco, esse rio se entedia de tanta planura, de  
tanta lonjura, de tanta grandura – volta para sua caí-  
xa. Deu força para as raízes. Alargou, aprofundou al-  
guns braços ressecos. Enxertou suas areias. Fez brotar  
sua flora. Alegrou sua fauna. Mas deixou no Pantanal  
um pouco de seus peixes.  
E emprenhou de seu limo, seus lanhos, seu húmus  
-- o solo do Pantanal.  
Faz isso todos os anos, como se fosse uma obrigação.  
Tão necessário, pelo que tem de fecundante e re-  
novador, esse rio Taquari, desbocado e malcomportado,  
é temido também pelos seus ribeirinhos.  
Pois, se livra das pragas nossos campos, também  
leva parte de nossos rebanhos.  
Este é um rio cujo estragos compõem  
(BARROS, 2003, p. 20).*

O poema expressa a circularidade de renovação do ciclo das águas pantaneiras e, embora cite o rio Taquari, as características expressas por ele são percebidas em todos os outros rios que compõem o pantanal. A ação que o autor imprime ao rio nos aguça a visualizar imagens perspicazes, que se associam aos termos que ele utiliza, engrandecendo ainda mais a fertilidade do ambiente pantaneiro. Além disso, o vocábulo *emprenhou* efetiva a relação íntima do rio com as coisas que o compõem.

Na vazante, as águas da cheia aportam nos rios que fazem parte da planície pantaneira, terminando o curso no Rio Paraguai, principal rio do pantanal mato-grossense, que é um dos atrativos da cidade de Cáceres/MT. Nesse período, os peixes buscam o retorno para os rios, mas, muitas vezes, não conseguem, pois os caminhos secam e os deixam presos em lagoas e baías temporárias, fator que traz alegrias a crianças e ribeirinhos que vivem às margens do rio. É nesse período também, que ocorre o nascimento de gramíneas, que servem de alimento para uma grande maioria, da ampla e diversa fauna da região.

Com a chegada da seca, os campos mudam a paisagem, os animais se deslocam à procura de água e as queimadas se intensificam, causando perdas incalculáveis para a

biodiversidade. No entanto, trazem a magia das floradas do Ipê-amarelo/Paratudo e do Ipê-roxo/Piúva [termos científicos e populares], árvores nativas do solo pantaneiro, que exalam beleza, com suas floradas abundantes e majestosas, a colorir o ambiente. Logo após o período de estiagem, começa novamente o período da cheia e reinicia-se o ciclo da vida no pantanal, que rege o equilíbrio da biodiversidade pantaneira. As características das águas desse ecossistema se associam com os fios de água que escorrem por toda a produção do poeta, desconstruindo e reconstruindo rumores e silêncios. Podemos perceber estes fatores em outros escritos do autor e na apresentação do andarilho, que, segundo ele tem a trajetória de vida marcada por períodos de chuva, pois na cheia ele arrancha para retornar à estrada na época da seca. Enfim, a criação poética de Manoel de Barros, sela o acorde da poesia inscrita na natureza.

#### 4.2 AS CORRENTEZAS DAS ÁGUAS POÉTICAS DE MANOEL DE BARROS

Arrastados pelo rio de imagens, roçamos as margens do puro existir e adivinhamos um estado de unidade, de união final com nosso ser e com o ser no mundo. [...] o diálogo é mais que um acordo - é um acorde.

Octávio Paz

A produção de Manoel de Barros apresenta fios condutores, que percorrem as páginas de seus livros, fator que ofereceu subsídios para emprendermos a abordagem. Vale ressaltar que a repetição de vocábulos na poética desse autor se efetua sempre com nova roupagem e significação, fato que fortalece o argumento sobre o poder criador do poeta, sua subversão a padronização e sua arte singular, e ao mesmo tempo, universal. Com este olhar, que compartilha com o outro, buscamos apresentar o entrelaçamento das coisas do cosmo, que se tornou compreensível por meio do diálogo com a poética desse ser humano pantaneiro. Pois: [...] Olho é uma coisa que participa/ o silêncio dos outros (BARROS, 2002, p. 47).

Na perspectiva de fertilidade e da renovação, não só do ambiente, mas da linguagem, e, portanto, das pessoas, é que iremos abordar a correnteza das águas poéticas de Manoel de Barros. Para tal, adentramos na brincadeira do poeta com a linguagem, por meio das passagens de suas criações líricas sobre as inúmeras

proposições advindas dessa matéria líquida tão importante na sobrevivência do planeta.

Descrevemos, a seguir, as criações de um ourives da palavra, que apresenta a água com suas várias roupagens, elocuições provenientes de diversos livros escritos pelo autor. Neste cenário, a protagonista é a maior planície alagadiça do mundo, o pantanal de Mato Grosso e, se considerarmos o processo da metamorfose descrita pelo poeta, ela se constitui em nós, seres humanos. Eis alguns fragmentos poéticos de Barros, que se torna patente esta temática:

- ☉ *Com águas me alinhavo – Arranjos para assovio*
- ☉ *Água não era ainda a palavra água – Poemas rupestres*
- ☉ *Até que as águas se ajoelhem – O guardador de águas*
- ☉ *Este é um rio cujos estragos compõem – Livro das pré-coisas*
- ☉ *Os homens deste lugar são uma continuação das águas – idem*
- ☉ *Estas águas não tem lado de lá – Livro das ignoranças*
- ☉ *Sou o passado obscuro destas águas? – idem*
- ☉ *Águas estavam iniciando rãs – idem*
- ☉ *O homem de lata foi marcado a ferro e fogo pela água – Gramática expositiva do chão*
- ☉ *O menino que carregava água na peneira – Brincadeiras de criança*
- ☉ *O menino caiu dentro do rio, tibun, ficou todo molhado de peixe... A água dava rasiinha de meu pé – idem*
- ☉ *Escuto o meu rio: é uma cobra de água andando por dentro de meu olho – Compêndio para uso dos pássaros*
- ☉ *A água lírica dos córregos não se vende em farmácia – Concerto a céu aberto para solos de ave*
- ☉ *Desse tempo adquiri a mania de mirar-me no espelho das águas – Poemas concebidos sem pecado*

*As águas verdes destruídas corriam sobre tijolos – **Matéria de poesia***

☉ *Eu sou quando e depois entro em águas... – idem*

☉ *Para infantilizar formigas é só pingar um pouquinho de água no coração delas – **Livro sobre nada***

☉ *Escutei o perfume do sol nas águas – idem*

☉ *Águas que sabem de pedras sabem a rãs – **Tratados das grandezas do ínfimo***

☉ *Esse menino vai passar a vida enfiando água no espeto! – **A segunda infância***

☉ *Nas enchentes nem quase que não entravam as águas para dentro do pote – **A terceira infância***

As águas polissêmicas do poeta são corredeiras, percorrem páginas, compõem coisas e gente. Impõem asas às palavras e apresentam um manancial de sentidos. Assim, é possível perceber a projeção do ser no mundo. O poeta surge como doador de possibilidades e “a voz das águas tem sotaque azul<sup>18</sup>”. Nessa percepção, Barros apresenta o infinito e nos reporta ao pantanal de Mato Grosso, envolto na sua capacidade de fertilidade e renovação das águas. São com estas asas, capazes de romper fronteiras, que o poeta contempla, mira e poetiza as águas do pantanal matogrossense.

Os delírios poéticos de Barros embevecem o leitor, e contribuem para que ele consiga enxergar a magia e o encanto das coisas cotidianas. São águas que recriam trastes, águas que encantam seres, águas que servem de espelho... Águas de poesias, águas de suor, águas de chuva, enfim. Com o intermédio da conotação permitida pelo deslimites de sua linguagem e pela metalinguagem criadora, o poeta reconstrói sentidos e mostra o poder transformador das águas do pantanal. São águas que sempre aparecem no estado virgem, que são renovadas e purificadas a cada abordagem, como os vocábulos que se apresentam sem as sequelas e os ranços dos padrões gramaticais. Nessa perspectiva, nos reporta à valoração do elemento água na concepção bachelardiana, que está escrita como o principal elemento do cosmo, ao qual se engendram todos os outros.

---

<sup>18</sup> <http://onaviodeespelhos-livraria.blogspot.com/2005/08> - Acesso em 03/02/09.

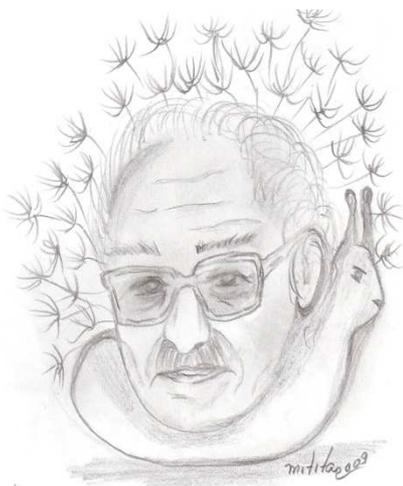
As palavras poéticas de Manoel de Barros, como as águas, são as asas da imaginação criadora do poeta, nelas podemos encontrar o porto de passagem para ultrapassar os limites do olhar habituado às coisas comuns. Com elas, o autor esboça um novo mundo, com recriações originais na sua singularidade. Pela linguagem da compreensão, trazida pela poética manoelina, as coisas podem se manifestar em sua plenitude, pois o autor que habita o mundo das coisas, por meio da metamorfose transforma-se na própria coisa e, por isso, consegue apresentar as particularidades que engendram o cosmo.

Essa experiência permite ao fazedor de sonhos, introjetar o sentido original das coisas e projetá-las perante as expectativas de seu intérprete/sonhador, mostrando a poética da natureza na linguagem surreal que oferta aberturas para que ele transgrida as percepções apresentadas e construam outras. No cerne da capacidade criadora das águas da poética barreana, subjaz a metáfora que transcende o universo pantaneiro e se entrelaça na utopia da Educação Ambiental. O poeta apresenta a natureza como algo que apresenta a dignidade das pessoas: “os homens deste lugar é uma continuação das águas” (BARROS, 2003, p. 13).

Há períodos em que, tanto a seca como as águas em demasia no pantanal trazem dissabores, mas a poética de Barros nos faz compreender que são eles que permitem o ciclo da vida. A luta da Educação Ambiental, contra o poder hegemônico que desrespeita os direitos e valores das comunidades biorregionais, também acontece na circularidade de vitórias e conflitos, mas esta se configura cada vez mais forte no cenário mundial: “pessoas que ouvem com a boca no chão seus rumores dormidos, pertencem das águas” (BARROS, 2003, p. 44). O ser humano “pertencente de águas” compreende as mazelas com as quais convivem seus semelhantes, desta forma, também vivencia o ciclo de renovação das águas e de sua transformação pessoal (figura 7).

Compreendemos que as águas manoelinas, são capazes de metamorfoses e não permitem a descrição da sua totalidade. Esse querer abarcá-las seria como *carregar água na peneira*. Portanto, é com esta incompletude que apresentamos a compreensão dessa pesquisa.

#### 4.3 LEITURAS DE MUNDOS POÉTICOS



### Caramujos-flores

Os caramujos–flores são um ramo de caramujos que só saem de noite para passear  
 De preferência procuram paredes sujas onde se pregam e se pastam  
 Não sabemos ao certo, alias, se pastam eles essas paredes ou se são por elas pastados  
 Provavelmente se compensem  
 Paredes e caramujos se entendem por devaneios  
 Difícil imaginar uma devoração mútua  
 Antes diria que usam de uma transubstanciação: paredes emprestam seu musgo aos caramujos-flores e os caramujos-flores às paredes sua gosma  
 Assim desabrocham como os bestegos

Manoel de Barros

**Figura 7:** conexão  
 Elizabete Oliveira 2009

A contribuição do poeta mato-grossense Manoel de Barros à Educação Ambiental, traz à tona a discussão sobre a urgência da sensibilidade humana em prol da sustentabilidade planetária. Assim, ele apresenta a conexão mútua entre as coisas do mundo, mostrando que por meio da reciprocidade podemos construir um mundo mais acolhedor. O sentido de gratuidade da poesia encaixa-a na esfera dos bens imateriais, que foge da funcionalidade prática e convida o leitor à recriação de sentidos. Portanto, ao extrapolar os dados meramente informativos, a produção poética mostra a língua como patrimônio coletivo, como uma organização ética e estética da linguagem, que invoca um viver dentro de nós. Principalmente, quando recorre ao primitivismo que estupra os veios da linguagem academicista.

A busca incessante pela funcionalidade e acúmulo de bens materiais, aumenta as causas referentes aos distúrbios emocionais e psicológicos, tais como: stress, depressão, entre outros, ligados à sensação de não pertencimento, falta de alternativas e estranhamento diante dos seus semelhantes e das coisas que os rodeiam, dificultando as relações internas e externas do ser humano com o ambiente no qual está inserido. Pensamos na poesia como auxiliar na inversão destes distúrbios, pois, ao apresentar o mundo sensível ao leitor esta o aproxima do outro, do mundo e de si mesmo, tendo em vista que mobiliza o ser humano a repensar suas concepções de mundo. A poesia, assim, possibilita uma forma de trama invisível, que liga o ser humano ao mundo.

Muito além da imposição insípida ou da memorização de normas gramaticais, a poesia permite ao leitor autonomia para reconstruir, com suas subjetividades, suas

culturas e valores outras percepções. Nesta vertente, a poesia pode ensinar história, geografia, biologia, enfim. Esta, no entanto, não deve ser sua premissa maior e nem única. Ela não é produzida com a finalidade de ensinar conteúdos curriculares ou como estratégia de ensino. Porém, é nesse entremeio que assume sua posição inversa e emerge. Saindo da visão cartesiana do ensino é que ela subverte os padrões convencionais de aprendizagens e nos afeta os sentidos, mostrando outra possibilidade de aprender. A poesia invoca o ser humano a ser agente construtor do seu conhecimento e, assim, mobiliza-o a sair da estagnação e ir à luta em favor da sua formação humana, com vistas à emancipação.

A palavra poética ao aguçar os sentidos, efetiva uma ação libertadora de ensino. É uma forma indireta de apreender que incomoda as pessoas que procuram na poesia de Barros algo palpável, pois este carregar água na peneira, trabalhado pelo próprio autor, não apresenta sentido funcional e objetivo. Ao procurar objetivos claros e práticos, a essência poética se perde. Tal como se apresenta à poética manoelina, queremos alertar para o inter-relacionamento entre os dados cognitivos, imaginários, afetivos e sensoriais que permeiam o mundo sonhado. E, que tecem diálogo com o autor, na confluência com outros saberes advindos da subjetividade e da dinâmica local.

O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro. O diálogo, por isso mesmo, não nivela, não reduz um ao outro. Nem é a favor que um faz ao outro. Nem é tática manhosa, envolvente, que um usa para confundir o outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua (FREIRE, 2008, p. 118).

Tendo em vista esta afirmação de Freire, enveredamos pela trilha da natureza dialógica, com base na fenomenologia, que prioriza não apenas o saber convencional, mas também a subjetividade do ser humano, na amplitude da dinâmica da vida. As indagações que seguem surgiram na inquietante busca da compreensão de que a aprendizagem será mais efetiva por intermédio da curiosidade, da procura incessante, que pode ser implementada pela cooperação entre os seres humanos. Trazemos possíveis respostas aos questionamentos, com base nos mundos inventados pelo poeta Manoel de Barros, aproximando-as com as percepções acerca de Educação Ambiental e a poesia, a fim de apresentar similaridades, na busca por um mundo menos desigual.

O movimento das águas pantaneiras permite coesões com as constelações fenomenológicas, que iluminam as poesias manoelinas. É possível, portanto, ver a imbricação eu/outro/mundo, no respeito que o autor lança seu olhar sobre a circularidade do interior/exterior. Tentaremos, deste modo, apresentar, o mosaico que permitiu este diálogo entre mundos sonhados. Para tal, abordamos, nas questões abaixo, as seguintes instâncias: identidade, temporalidade, espaço, poesia e educação ambiental. Nesse cenário, segue a apresentação do diálogo entreaberto na crença que, “o que desabre o ser é ver e ver-se” (BARROS, 1998, p. 23).

- 1. Quem é Manoel de Barros e como a Educação, cultura e natureza se aliam em sua vida e obra?*
- 2. Em seus textos, as coisas cotidianas assumem uma consistência (im)palpável por meio da retomada de sua infância. Vale, talvez, retomar as palavras de Paulo Freire, quando este diz “Quanto mais me volto à infância distante, tanto mais descubro que tenho sempre algo a aprender com ela”. Para você esta é também a pertinência da memória, na amplitude de sua poética?*
- 3. A casa, para Guattari e Deleuze, é a primeira das artes, pois o oikos revela nossa identidade em territórios. Sua poética dialoga com a Educação Ambiental na construção polissêmica do cuidado da casa?*
- 4. Conforme sua poética, há possibilidades de um perceber o mundo para além da ordem funcional que lhe impõe o capitalismo. O que essa maneira de enxergar o mundo permite vislumbrar?*
- 5. Contemplando suas palavras e frases, é possível atentar para inúmeras metáforas. Este é um modo de suscitar para a necessidade de se olhar para o lado inverso das coisas mecanicistas e funcionais? Ser humano e inovação tecnológica: quais os limites e os potenciais?*
- 6. Manoel, na dinâmica da temporalidade, de que maneira podemos aprender com o passado e ressignificar o erro?*
- 7. Na busca por um mundo mais justo, vários autores abordam que é necessária a presença da sensibilidade humana. Porém, a cada dia ela se distancia. É possível entrever, na sua poética, a urgência do sensível?*

8. Sabemos que você é um manipulador de palavras, porém é um confesso adepto do silêncio. Qual a importância do inefável na constituição e valoração poética?

9. Ao desafiar o conceito sobre a vida, de que maneira as palavras conseguem transcender cultura e natureza, numa ressonância poética de subversão à obviedade gramatical e/ou biológica?

10. De que maneira a poética de Manoel de Barros dialoga com a amorosidade educativa de Paulo Freire?

11. Um dos desejos da Educação ambiental é transcender a dicotomia entre cultura e natureza. Qual o jogo sensorial da sua linguagem que instaura uma poética surrealista?

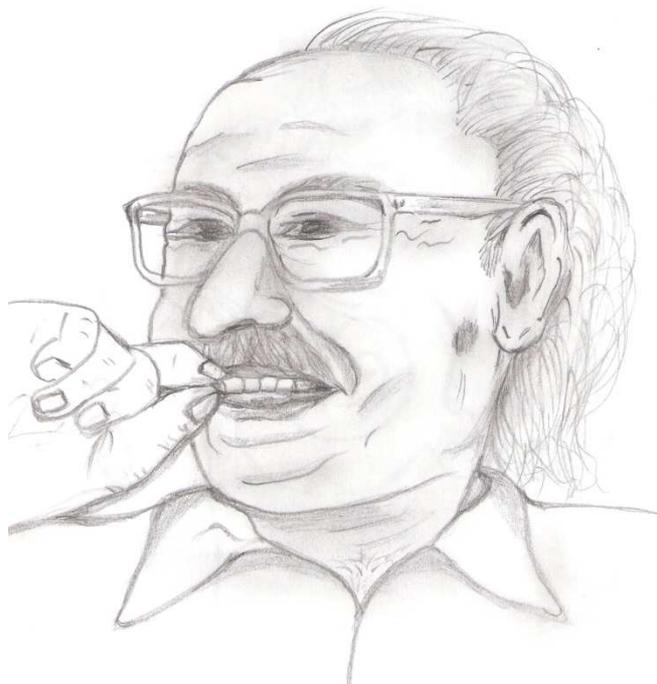
12. A transmutação entre o ser humano e a natureza é um dos princípios surrealistas. De que maneira a sua poética enlouquece a palavra, para que a Educação Ambiental possa se fazer presente?

13. As palavras, vazio, nada e inútil, são constantes em sua produção e abarcam outros significados para além do convencional, do literal. É possível dizer que, com isto, você sugere um novo olhar para as coisas “desprezíveis”. Portanto, na sua percepção, o lixo pode servir de matéria prima para a poesia e para a Educação Ambiental?

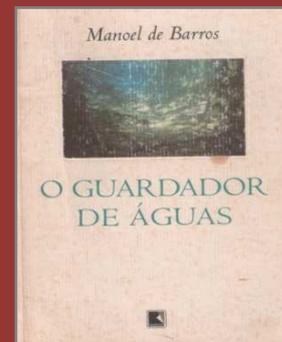
14. A linguagem manoelina subverte o mundo-vivido, transcendendo o óbvio. Considerando a poética da Educação Ambiental, como se apresenta na sua produção literária este mundo-inventado?

15. O primitivo Oswaldiano contribui para revisitar o amor e superar a visão utilitária das coisas, da vida, da poesia ou da educação ambiental? Nesta perspectiva de que maneira o velho e o novo se entrelaçam?

Vejamos, a seguir, as percepções tecidas acerca de cada um desses questionamentos, iniciadas pela identidade do poeta (figura 8).



**Figura 8:** autorretrato  
Elizabeth Oliveira 2009



1. Quem é Manoel de Barros e como a Educação, cultura e natureza se aliam em sua vida e obra?

### **AUTO-RETRATO FALADO**

*Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.*

*Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.*

*Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.*

*Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos.*

*Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.*

*Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou abençoado a garças.*

*Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo.*

*Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.*

*Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam.*

*Agora eu sou tão ocaso!*

*Estou na categoria de sofrer do moral, porque só*

*Faço coisas inúteis.*

*No meu morrer tem uma dor de árvore*  
(BARROS, 2001a, p. 103).

A autobiografia poetizada por Barros nos possibilita perceber os sentidos sob uma ótica de polivalência da linguagem, isto pode ser percebido a partir da recorrência de elementos primitivos, que compõem a identidade do autor, como o caso o pantanal de Mato Grosso. Este, por sua vez, muito bem entrelaçado ao itinerário biográfico do autor, que tem a natureza como complementar ao seu aprendizado, é o refúgio que completa as lacunas que o ter deixa no ser. A sensibilidade humanística é também algo instigante; pois o autor se apresenta fenomenologicamente onde o saber e a experiência são mobilizados pelos elementos que compõem o seu cotidiano, e pelas linhas não tênues da sua imaginação criadora. Fica perceptível, por meio dos termos *me criei*, *me procurei*, que cada um constitui o seu olhar sob si próprio e sobre o mundo, e que este, por sua vez, é produzido tanto pelo vivido quanto pelo sonhado.

O vocábulo *desonrado* sugere que, ao tornar pública a sua poesia, é como se houvesse um “estupro”, pois esta sai do âmago da sua intimidade e, portanto, só voltando às origens ele consegue se nutrir novamente. Observa-se que o autor tem conhecimento aguçado do meio em que vive e não se percebe alheio às questões ambientais. O ser humano/natureza está inerente de maneira indissociável em seu poema, no qual o conhecimento do ser está sempre se renovando, em construção. Por mais que se procurem caminhos que favoreçam a compreensão do mundo, estaremos sempre no centro de um labirinto, em que os saberes são infinitos, incompletos e permanentes, pois, “todos os caminhos levam à ignorância”. Tal noção é pertinente ao seguinte fragmento do poema; “Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo. Descobri que todos os caminhos levam à ignorância”.

O poeta desfaz a teoria de que as coisas pertencem a um lugar imóvel, abalando a estrutura convencional. Sua poética é uma das vias para a (des)organização de olhares instituídos, sendo necessário descortinar muito dos olhares já produzidos e organizados. O prefixo des é atribuído com o sentido de (re)começo, tendo em vista a necessidade de trilhar novas possibilidades de aprendizado, que poderão ser construídas, criadas pelo ser humano, de maneira livre, independente. Essa construção

do saber movimenta a possibilidade de um ser humano múltiplo, num mosaico de realidades e devaneios distintos São saberes complementares entre si e que se aliam às utopias da Educação Ambiental, que visualiza uma “subjetividade orientada por sensibilidades solidárias com o meio social e ambiental [...]”. Tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça social” (I. CARVALHO, 2004, p. 19).

A origem/identidade do autor se fixa no pantanal mato-grossense, que é vasto, inalcançável pelas lentes humanas. Assim acreditamos ser o poeta, na sua (in)definição biográfica. Barros tem aversão às normas convencionais. Sua vida se intensifica na poética de cunho surrealista e se perde, pois “a existência comporta sentido, o sentido da situação de mundo tal como vivido pelo sujeito que percebe e dá sentido ao seu ser-no-mundo” (REZENDE, 1999, p. 24-25). Portanto, ao apresentar-se, Barros incita a percepção de que há entre ele e a natureza uma unicidade, um elo que abre possibilidade para compreender a incompletude do ser humano e a aventura sem fim de quem está aberto às aprendizagens.

Nesse processo, aberto e aventureiro de estar no mundo, somos sempre inconclusos e o fenômeno também o é, pois o meu ver é limitado diante do objeto. De acordo com Merleau-Ponty (1999, p. 105), “ver é entrar em um universo de seres que se mostram, e eles não se mostrariam se não pudessem estar escondidos uns atrás dos outros ou atrás de mim”. Portanto, o fenômeno sempre busca outros sentidos, a parte que vemos é apenas aquela que nos é apresentada.

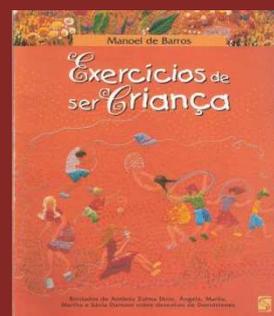
Há uma grande ponte a ser construída não apenas pelo conhecimento, mas pelo *re*-conhecimento. *Re*-conhecer implica conhecer o que há no outro de mim e o que há de mim no outro e, portanto, saber que, para além da diferença, há entre nós também continuidades, campos de referência mútua, de alianças e de similitudes que nos circunscrevem como semelhantes. Conhecer e re-conhecer é campo da ética (SATO & PASSOS, 2008, p.26).

A visão do objeto é tudo aquilo que os outros, além de nós, pode ver dele. Essa incompletude pode ser compreendida como a capacidade do objeto de dissimular, mas também como uma das formas de se desvelar. Ao conhecer as faces do objeto podemos passar por *desfolhamentos*, renovando-nos sempre numa constante atividade de reflorestamento humano. Esta possibilidade de identidade entre a vida e arte, expressa no poema, é um ideal que permeia a crítica de Baudelaire, nas teorias surrealistas e nas utopias da Educação Ambiental.

Enfim, a identidade do autor pode ser percebida na identidade com outras histórias de mundos, que, por sua vez, abarcam um conjunto de relações mediadas e interpretadas pela temporalidade, além da visão linear e dos espaços que a constituíram, bem como por entre as relações de poder que elas permeavam. Mundo este, constituído, por meio da primazia do saber infantil (figura 9).



**Figura 9:** a criança e o mundo  
Elizabeth Oliveira 2008



2 - Em seus textos, as coisas cotidianas assumem uma consistência (im)palpável por meio da retomada de sua infância. Vale, talvez, retomar as palavras de Paulo Freire, quando este diz “Quanto mais me volto à infância distante, tanto mais descubro que tenho sempre algo a aprender com ela”. Para você esta é também a pertinência da memória, na amplitude de sua poética?

*Eu tenho um ermo enorme dentro do olho. Por motivo do ermo não fui um menino peralta. Agora tenho saudade do que não fui. Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância. Faço outro tipo de peraltagem. Quando era criança eu deveria pular muro de vizinho para catar goiaba. Mas não havia vizinho. Em vez de peraltagem eu fazia solidão. Brincava de fingir que pedra era lagarto. Que lata era navio. Que sabugo era um serzinho mal resolvido e igual a um filhote de gafanhoto. Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.*

*Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. **Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela.** Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores  
(BARROS, 2008, s/p.).*

O autor nos mostra, pela lente da memória, um adulto que não se deixou corromper pela ciência ou pela tecnologia operante. Ele dialoga com a criança que nunca foi, se arrepende das peraltagens que não praticou, e deixa entrever que a sua solidão o ajudou na relação estreita que manteve com a natureza. Já no título do poema é possível perceber o paradoxo entre a criança adulta e o adulto/criança, que nos incita para ver um entrecruzamento na linha não tênue da temporalidade. Ou seja, passado e presente são apresentados num diálogo mútuo, no qual não há linearidade. O ser criança o desnuda e mostra seu lado direito e avesso, sem medo de ir contra as regras estabelecidas. Segundo Bachelard (2005):

Como os arquétipos do fogo, da água e da luz, a infância é uma água, que é um fogo, que se torna uma luz, determina uma superabundância de arquétipos fundamentais. Nos nossos devaneios voltados para a infância, todos os arquétipos que ligam o homem ao mundo, que estabelecem um acordo poético entre o homem e o universo, todos esses arquétipos são, de certa forma, revivificados (BACHELARD, 2005, p. 119).

A infância nos permite uma licença poética, que é cultivada de forma primorosa na poesia de Manoel de Barros. Ela emerge nos poemas como potenciadora de seus devaneios e invenções, trazendo sob o signo da ingenuidade, que permeia o ver infantil, a renovação do mundo, onde o devir das coisas e do mundo são apresentados pela força lúdica da linguagem, que se levanta na brincadeira com as palavras. A infância apresenta, pela lente do fazer lúdico, as coisas do cosmo, com intermédio do encantamento proveniente da simplicidade, do seu olhar *ingênuo*, despido das imposições sociais.

Nesta perspectiva, pode-se reconhecer que os elementos que fazem parte do cotidiano podem se apresentar por outra ótica, na qual seja possível refletir sobre a importância de ressignificar as coisas, atribuindo-lhes sentidos menos estáticos. Porém, este ato exige um processo permanente de novas aprendizagens. Portanto, é preciso fazer ressurgir o olhar de criança para ver a beleza impressa na natureza, compreendendo que para Manoel a criança não é um ser apático, ingênuo; ao contrário, é inventiva, transgressora, capaz de ver além do limite do olhar comum. Com este olhar sobre o fazer infantil problematiza-se o presente, percebendo que, nas brincadeiras e ações infantis, está uma das chaves para nos despirmos das convenções estabelecidas pela sociedade que tudo cristaliza, mostrando a liberdade inventiva das nossas *raízes crianceiras*. Nesta espiral de saberes é que a lembrança pode ser não só reconhecida, mas reconstruída e fortalecida de acordo com outras percepções. Desta forma, o olhar infantil de Barros aponta não apenas para fatos passados ou lembranças; mas para um exterior que fortalece as lembranças e faz com que se ultrapasse a fronteira do tempo.

O autor apresenta um mundo infantil relacionado a um ambiente interno e externo. Neste reconhecimento de que o meio ambiente permeia diferentes dimensões, é possível compreender as manifestações individuais e coletivas, nas quais a Educação Ambiental se faz por meio da integração entre a vida humana e não humana. O olhar infantil, na percepção das imagens que permeiam a produção poética do autor mato-grossense, em consonância com o mundo sonhado pelas pessoas, apresenta os elementos naturais como parte integrante do ser humano. Há, neste sentido, uma humanização da natureza, em contraponto com a coisificação do

ser humano, o que deixa brecha para entendermos que na poética de Barros as coisas do mundo têm um caráter *caracolizado*, em que o princípio é o fim, e vice-versa. É uma visão autônoma do fazer literário, em que, muito além do espelho da realidade circundante, é possível compreender as relações internas e externas, numa perspectiva coletiva e humana, pois:

A infância, soma das insignificâncias do ser humano, tem significado fenomenológico próprio, um significado fenomenológico puro porque está sob o signo do maravilhamento. Pela graça do poeta, torna-nos o puro e simples sujeito do verbo maravilhar-se (BACHELARD, 1999, p. 122).

A linguagem do poeta transita pelo mundo infantil onde a fantasia evoca o passado por meio de blocos de sensações presentes, pois são reavivadas pelo ser: “Hoje completei 10 anos. Fabriquei um brinquedo com palavras. Minha mãe gostou. É assim: De noite o silêncio estica os lírios” (BARROS, 2004, p. 33). A memória relembra os fatos passados e a fantasia criadora altera e refaz as lembranças de modo que se tornam novas vivências. Por meio de uma sinestesia de movimentos ele apresenta outro ver, sentir e tocar as coisas do mundo. Para Bachelard (1989), “meditar na origem da existência humana, recordar o tempo da infância significa poetizar a gênese da vida. A existência só se mantém criativa, renovando incessantemente o ato poético que a inaugurou” (BACHELARD, 1989, p. 56). Assim, a infância, é uma presença viva na alma humana, que no instante de uma experiência poética é reavivada para o ser, daí esse processo cíclico que incrementa a poética barreana. Deleuze e Guattari (2007) relatam que esses blocos de sensações presentes devem a si mesmo sua própria conservação e, ao contrário da memória, não comemoram um passado.

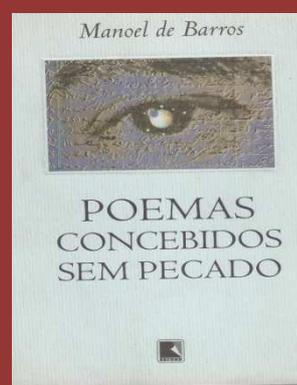
O poeta encontra na infância o lugar/tempo ideal, onde as ações/experimentos, num ritmo delirante de liberdade, apresentam a surpresa do novo. A inocência, a mansidão, os jogos e brincadeiras da infância fazem-se presente em vários momentos da poética do autor, que, num estado primordial, mostra a potência do ser e inaugura um mundo de possibilidades. Portanto, a poesia de Barros “não se escreve com lembranças de infância, mas por blocos de infância, que são devires-criança do presente. Para tanto, é preciso não memória, mas um material complexo que não se encontra na memória, mas nas palavras, nos sons” (DELEUZE & GUATTARI, 2007, p. 218).

O devir-criança, que em Barros se faz presente, no discurso se reconstrói por meio da percepção do leitor. Há olhares que se deslocam em direção ao mundo/imaginado pela via do olhar infantil. Estes sentidos estão imbricados na imagem e se fazem presente a partir de um reviver que permeia o ambiente natural. O mundo ideal sonhado pelo poeta (figura 10), desta forma, entra na história, faz parte do cotidiano e, como tal, torna-se possível no mundo presente de seus interlocutores.



**Figura 10:** casacaracol  
Elizabete Oliveira 2008

*Minha casa era caminho de um vento  
Comprido comprido que ia até o fim do mundo.  
O vento corria por dentro do mundo  
corria lobinhando – ninguém  
não via ele  
com sua cara de alma.  
(BARROS, 2006, p.22).*



3- A casa, para Guattari e Deleuze, é a primeira das artes, pois o *oikos* revela nossa identidade em territórios. Sua poética dialoga com a Educação Ambiental na construção polissêmica do cuidado da casa?

*Que a palavra parede não seja símbolo*  
*De obstáculo à liberdade*  
*Nem de desejos reprimidos*  
*Nem de proibições na infância*  
*Etc. (essas coisas que acham os*  
*Reveladores de arcanos mentais)*  
*Não.*  
*Parede que me seduz é de tijolo, adobe*  
*Preposto ao abdômen de uma casa.*  
*Eu tenho um gosto rasteiro de*  
*Ir por reentrâncias*  
*Baixar em rachaduras de paredes*  
*Por frinchas, por gretas – com lascívia de hera.*  
*Sobre o tijolo ser um lábio cego.*  
*Tal um verme que iluminasse*  
*(BARROS, 1998, p.51).*

A casa representa o universo do ser, é o lugar ideal do aconchego, da contemplação, da intimidade, da plenitude; é dela que parte a energia que nos revigora após uma grande etapa de trabalho. O mundo é a casa maior que aconchega todas as coisas. A poética do autor nos afasta do sentido familiar do vocábulo casa, e, ao nos distanciar permite um olhar mais pleno, mais profundo. Percepção que a existência temporal, linear, da forma como foi construída ao longo de décadas, nos nega. Ao trazer novas possibilidades de releitura, o poeta nos coloca à deriva, já que transcende o sentido comum da linguagem. Essa possibilidade permite visualizar a identidade entre a vida e a arte. Além disso, essa união fortalece o sentido identitário do ser humano, pois a visão homogeneizadora, ao particularizar, o torna egoísta e incapaz, de se preocupar com o outro.

O pantanal, na sua dinamicidade, oferece permissão a Manoel de Barros para habitá-lo e mostrar a pulsação do cosmo. Por meio dele, o poeta expande a parede de sua casa individual e mostra a circularidade infinita das coisas do mundo, onde não se é possível dissociar pantanal/mundo. Essa casa/espço, vista sob a ótica da

sensibilidade, derruba o arquétipo da casa comum, fazendo surgir um mundo/casa novo, que abriga todas as coisas.

Segundo Bachelard (2005), a casa, mesmo não mais habitável, não fica circunscrita no passado, pois a força criadora da memória permite que o ser humano a revise, trazendo-a para o presente, ao sabor da novidade. A fenomenologia da imaginação exige que façamos esta transposição, pois a imagem nova nos permite visualizar também um mundo novo. Essa imagem dinâmica da casa integra os elementos da natureza e fornece possibilidades para ultrapassar os limites da parede. Pois:

Abordando as imagens da casa com cuidado de não romper a solidariedade entre a memória e a imaginação, podemos esperar transmitir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove em graus de profundidade insuspeitados. Pelos poemas, talvez mais que pelas lembranças, chegamos ao fundo poético do espaço da casa (BACHELARD, 2005, p. 26).

A imagem da casa, em Manoel de Barros, flui por meio de sensações. É uma casa universal, que abriga todos os seres que compõem o cosmo, num processo onde as diferenças ampliam as semelhanças e os conflitos geram sementes para se pensar que um mundo sonhado é possível, pois, “quando um sonhador reconstrói o mundo a partir de um objeto que ele encanta com seus cuidados, convencemo-nos de que tudo é germe na vida de um poeta” (BACHELARD, 2005, p. 82). Na poesia de Barros o conhecimento do mundo está inscrito na leitura do próprio mundo, nas suas vivências e devaneios, com conhecimentos que partem do eu poético, mas que, na singularidade, primam pelo coletivo.

O autor mutila a realidade e cria novas possibilidades de leituras para as coisas banais do cotidiano. Com expressões recriadas, reinventa a natureza e permite perceber que sua dor está aberta à dor universal. A força da palavra se imprime na retomada das emoções e sentimentos que permeiam o mundo sonhado pelo poeta, onde as imagens apresentam características emergentes, por meio da polissemia que envolve sua produção. O poeta brinca com os deslimites do pantanal, revisita as coisas e os seres que fizeram e fazem parte de sua casa: os passarinhos, os ventos, os vermes, entre outros. E, nesse aspecto, declara Bachelard (2005, p. 67) que:

A imagem dessas casas que integram o vento, que aspiram a uma leveza aérea, que abrigam na árvore de seu inverossímil crescimento um ninho prestes a voar, tal imagem pode ser rejeitada por um espírito positivo,

realista. Mas, para uma tese geral sobre a imaginação, ela é valiosa porque tocada, sem que provavelmente o poeta o saiba, pelo apelo dos contrários que dinamizam os arquétipos.

A temática do pantanal, abordada por Barros, perpassa a região de mato grosso e se universaliza, ao suscitar a subjetividade do sujeito: “uma casa tão dinâmica permite ao poeta habitar o universo. Ou, noutras palavras, o universo vem habitar a sua casa” (BACHELARD, 2005, p. 67). A sua poesia, tal qual o pantanal, fica repleta de novas possibilidades de interpretações. Neste sentido, a fenomenologia, ao abordar a poesia como objeto de estudo, não se preocupa em analisar a natureza humana, mas busca compreender aquilo que a transcende, a exemplo dos fenômenos que estão intrincados no fazer poético, como: as imagens, as expressões e impressões decorrentes da imaginação do artista. São projeções criadas pela sensibilidade de um ser humano que percebe na concretude de uma parede, a mágica que ultrapassa as barreiras e é capaz de enxergar as asas livres da imaginação, onde “a casa participa de todo um devir. Ela é vida, ‘vida não orgânica das coisas” (DELEUZE E GUATTARI, 2007, p.233).

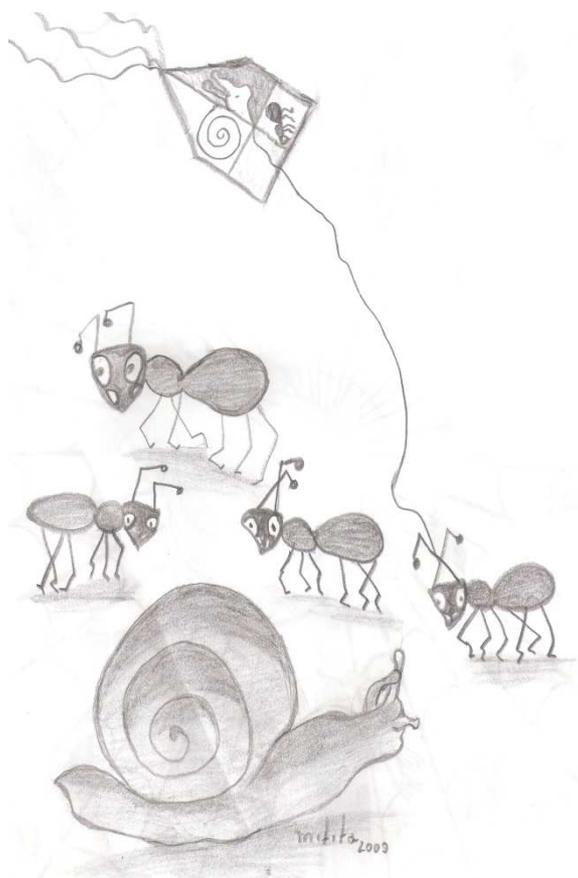
A fenomenologia do imaginário “estuda o fenômeno da imagem poética no momento em que ela emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade” (BACHELARD, 1998, p. 341). Portanto, as novidades que imprimimos às coisas dependem da elasticidade que atribuímos aos nossos devaneios. O cuidado com a casa implica no olhar e cuidado que devemos lançar sobre o cosmo. No entanto, a busca incessante pela funcionalidade tecnicista das coisas, ou pela explicação, nos impede, muitas vezes, de percebermos as aberturas que se inscrevem nos textos poéticos e, assim, perdemos a oportunidade de aceitar o convite provocador da linguagem metafórica da poesia, para com o cuidado com a casa. O poeta incita-nos a partir da metáfora da casa a expandir as paredes que nos impedem de *transver o mundo*. Ele nos instiga a aceitar e compreender o devaneio do repouso, pois:

A casa é, a primeira vista, um objeto rigidamente geométrico. Somos tentados a analisá-la racionalmente. [...] Mas a transposição para o humano ocorre de imediato, assim que encaramos a casa como um espaço de conforto e intimidade. Como um espaço que deve condensar e defender a intimidade. [...] Mas o complexo realidade-sonho nunca é definitivamente resolvido. Mesmo quando começa a viver humanamente, a casa não perde toda a sua objetividade. É preciso analisar melhor como se apresentam, na geometria do

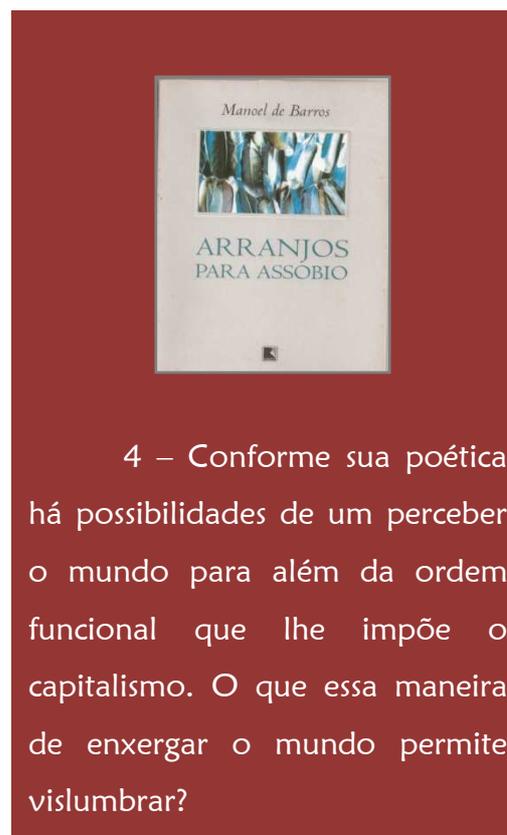
sonho, as casas do passado, as casas onde vamos reencontrar, em nossos devaneios, a intimidade do passado (BACHELARD, 2005, p.63-64).

Barros, ao relatar sua conexão cósmica com o passado, nos mostra na primitividade do refúgio, na busca pelo desconhecido, o seu eu mais profundo. A viagem, no entremeio de sua produção, nos possibilita caminhar por entre os seus devaneios, onde as imagens, muitas vezes, não foram vividas, mas criadas pelo artesão da palavra, que admite viver o não-vivido e se abre às novidades que a linguagem propicia. Estas imagens são articuladas no contexto da casa/pantanal e se abrem ao cosmo, pela via dupla de sua poesia.

Segundo Deleuze e Guattari (2007) “a arte começa, não com a carne, mas com a casa; é por isso que a arquitetura é a primeira das artes” e, portanto, “se a natureza é como a arte, é porque ela conjuga de todas as maneiras esses dois elementos: a casa e o universo”, nos permitindo viver os nossos devaneios em busca de um mundo ideal, onde seja possível nos desnudar ou fortalecer os conhecimentos que temos das coisas, compreendendo, conjuntamente, que o meio ambiente está intrínseco em nós, que é preciso percebermos o encontro entre as coisas ínfimas (figura 11) para que a vida se torne mais plena e bela.



**Figura 11:** o encontro  
Elizabete Oliveira 2009



4 – Conforme sua poética há possibilidades de um perceber o mundo para além da ordem funcional que lhe impõe o capitalismo. O que essa maneira de enxergar o mundo permite vislumbrar?

*As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: elas desejam ser olhadas de azul -*

*Que nem uma criança que você olha de ave.*

*Poesia é voar fora da asa.*

*Um grilo é mais importante que um navio*

*(Isso do ponto de vista dos grilos)*

*(BARROS, 2001a, p.21).*

*Tudo aquilo que a nossa civilização rejeita e mijá em cima, serve para a poesia*

*(BARROS, 2007b, p. 13).*

*O homem que deixou a vida por se sentir um esgoto.*

*Acho mais importante do que uma Usina Nuclear.*

*Álias, o cu de uma formiga é também muito mais importante do que uma Usina Nuclear.*

*As coisas que não tem dimensões são muito importantes.*

*Assim, o pássaro tu-you-you é mais importante por seus pronomes do que por seu tamanho de crescer.*

*É no ínfimo que eu vejo a exuberância*

*(BARROS, 2004c, p.55).*

O mundo percebido pela ótica da poesia de Manoel de Barros permite vislumbrar uma sociedade mais humana, na qual os seres humanos adquiram importância não pelo ter, mas pelo ser. Nessa perspectiva, as diferenças não são motivos para exclusão, mas, sim, iluminam novas formas de aprendizagens. Ao pensar na poética como aliada da Educação Ambiental, pensamos na possibilidade de releitura sobre a visão capitalista tentando possibilitar outro olhar para o mundo, a fim de que se pense na transgressão dos valores cultuados pela modernidade, em prol de sociedades sustentáveis.

Acreditamos que a compreensão da poética suscita uma multiplicidade de sentidos, que permitem perceber que, em Barros, coexistem outras possibilidades de convivência com as coisas do mundo, que aparecem entrelaçadas. Ao refletir sobre, por exemplo, o ponto vista do grilo, pode-se pensar que, tanto a linguagem, quanto a compreensão/interpretação, são dinâmicas e, portanto, estão sempre em busca de (re)construção. Nesta heterogeneidade de textos e contextos advindo do mundo, o ser humano é mais um e não o ‘todo poderoso’, capaz de responder, sozinho, à problemática envolta no mundo.

A leitura sensível dos poemas nos faz refletir sobre o valor que se está destinando ao modelo de exploração dos ‘recursos naturais’ e do individualismo, na qual o opressor descarta os valores humanos e valoriza, apenas, a máquina, o navio descrito por Barros, pela sua utilidade funcional. Ao pensarmos do *ponto de vista dos grilos*, nos despidendo dos valores tradicionais, podemos começar a *olhar as coisas de azul*, fora da visão utilitarista, e assim estaríamos não só produzindo poesia, mas visualizando um mundo mais poético e, portanto, um lugar melhor para se convIVER.

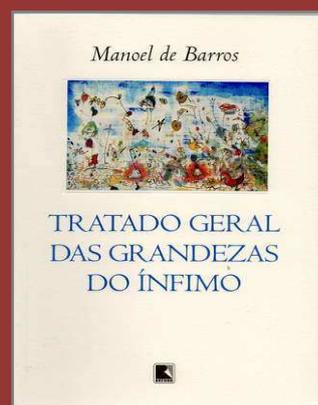
Nesta perspectiva, apresenta-se uma aprendizagem que permite voar fora da asa ou transpor os limites evocados pelo regime tradicional, na qual “tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado como, por exemplo, o coração verde dos pássaros” (BARROS, 2007, p. 12) possa servir não apenas para a poesia, mas também para nos tornar mais humanos. O poeta, ao trazer à tona as

coisas ínfimas do mundo, sugere que pensemos na criação de um mundo poético, onde o espaço da técnica seja ocupado pela sensibilidade.

O olhar sensível do ser humano sobre as coisas do mundo permite vislumbrar uma sociedade acolhedora e íntegra no que tange às diversas culturas presentes no cosmo; uma das propostas do nosso diálogo. Portanto, é urgente colocar o ser humano ao usufruto da poesia. No sentido de que, ao colocarmos diante dele o objeto, a imagem recorrente reconstitui o momento do encontro e incita o contemplador a tocar suas intimidades. Surge daí, a possibilidade de transformação (figura 12).



**Figura 12:** transformação  
Elizabeth Oliveira 2008



5 – Contemplando suas palavras e frases, é possível atentar para inúmeras metáforas. Este é um modo de suscitar para a necessidade de se olhar para o lado inverso das coisas mecanicistas e funcionais? Ser humano e inovação tecnológica: quais os limites e os potenciais?

*Sou leso em tratagens com máquina.  
 Tenho desapatite para inventar coisas prestáveis.  
 Em toda a minha vida só engenhei 3 máquinas como sejam:  
 Uma pequena manivela para pegar no sono  
 Um fazedor de amanhecer para usamentos de poetas  
 E um platinado de mandioca para o fordeco de meu irmão.  
 Cheguei de ganhar um prêmio das indústrias automobilísticas pelo Platinado de  
 Mandioca.  
 Fui aclamado de idiota pela maioria das autoridades na entrega do prêmio.  
 Pelo que fiquei um tanto soberbo.  
 E a glória entronizou-se para sempre em minha existência.  
 Quem não tem ferramentas de pensar, inventa  
 (BARROS, 2001b, p.09).*

O ser humano, no mundo atual, necessita das inovações tecnológicas, e essa percepção não é alheia às concepções dos educadores ambientais. O que se discute, no entanto, é o valor exacerbado que o ser humano está destinando a ele e o acesso permitido apenas a minoria elitizada. Assim, o poeta Manoel de Barros clama pelo olhar para a classe marginalizada, que não tem acesso e, que, portanto, não sabem manipular este tipo de máquina. Porém, Barros destaca, por meio de metáforas, as outras aprendizagens oportunizadas a esses seres.

As metáforas criadoras, recorrentes na poesia de Barros, não são apenas *imagens fabricadas* pela perspicácia do autor frente às palavras, mas decorrem também de um alto grau de imaginação que tem contribuição da dinamicidade do ambiente local. A partir de imagens como a do caracol, a da pedra; o autor convida para um olhar universal, em que a metáfora transcende o sentido comum da linguagem e nos coloca à deriva, exprimindo o óbvio pela lente do delírio lúdico.

Manoel não trata apenas, por meio da liberdade oferecida pela metáfora, de uma comparação subjetiva entre as coisas do mundo. O poeta, sendo as coisas, caminha pelo dialeto do chão, inventa novos vocábulos, que imprimem ludicidade a seus escritos. É o desprendimento, a libertação das coisas e dos objetos, pela linguagem

criadora do artista da palavra. O jogo metafórico do autor permite que as pedras voem, que os rios beijem, que a nuvem coma árvores, que a raiz entre nos orvalhos. A metáfora surge do inusitado, permitindo que a linguagem se revista em fecundidade e germine no *agroval*, no mundo mágico das metamorfoses, afinal:

A partir do momento em que o homem se serve da linguagem para estabelecer uma relação consigo mesmo ou com seus semelhantes, a linguagem não é mais um instrumento, não é mais um meio, ela é uma manifestação, uma revelação do ser íntimo e do elo psíquico que nos une ao mundo e aos nossos semelhantes (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 266).

Em Barros, a linguagem não se constitui meramente como transmissora em potencial das informações veiculadas pela tradição cartesiana. Ela apreende outras dimensões, na sua ação indefinida de significar, pois os sentidos, que surgem, comunicam-se, e abrem outras possibilidades de apreensão, o fenômeno literário não se restringe ao lugar ou à época em que foi criado, mas transcende, projetando o leitor para o universal. Portanto, imputar a ele, um ou outro período seria um equívoco, visto que o próprio autor relata que não pertence a nenhum período específico.

Ao fechar a obra literária em um momento histórico seria como se colocássemos uma venda nos olhos do leitor, que o impossibilitaria de ver o futuro amadurecimento da obra, no decorrer dos tempos, limitaria o olhar apenas no mundo/vivido e o distanciaria da possível grandeza do enunciado. Longe disso, a metáfora presente na poesia barreana, apresenta, muitas vezes, os avessos da palavra, que na sua dinâmica permitem que os sentidos apresentem-se em espiral, à procura de moradas no ser, pois.

A palavra é ativa, produtiva, instituinte das relações das consciências em mundo. A palavra é onde os sentidos circulam e habitam. [...] Ela é a alta tensão que circula e expressa o ser e o nada. É o alimento e é o agasalho do ser. É a fonte, o ponto de partida e o ponto de chegada. A palavra é o que representa e, sobretudo, o que faz o que representa. Ela não é só o que interpreta, ela é também o interpretante (PASSOS & SATO, 2005, p. 225).

A consciência engajada do autor, na busca da singularidade de cada ser humano, abre via para a universalidade e possibilita uma nova cosmovisão, em que as coisas deixam de ter função específica. Vivemos em uma sociedade utilitarista, que nos impede de perceber, valorizar e refletir sobre o amor, a amizade, enfim, sobre a valoração do ser enquanto humano. Estas reflexões estão em segundo ou terceiro

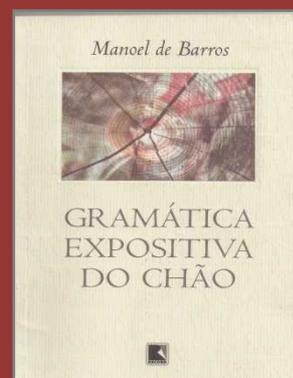
plano e, assim, cada vez mais impera o individualismo e a busca desenfreada por bens materiais, que, por sua vez, corrobora para a perpetuação de uma sociedade caótica, no que se refere às relações humanas.

A ideologia dominante é atualmente, quem rege e dá sentido às coisas e (en)cobre, legitima as diferenças e reforça a exclusão de seres humanos como: negros, índios, ciganos, entre outros. Portanto, a poesia pode ser uma das vias para despertar e aguçar o elemento sensível, capaz de possibilitar um novo (re)aprender as relações entre as coisas do mundo. O lado sensível da poética de Barros vislumbra um novo horizonte para as questões socioambientais, no qual estão enredados outros sentidos, que circulam em outros tempos. O autor, por meio de vareios, apresenta, no dizer, a vida de maneira múltipla e intensa, trazida pela estética da linguagem e pelo diálogo, pois “ter a experiência de uma estrutura não é recebê-la em si passivamente: é vivê-la, retomá-la, assumi-la, reencontrar seu sentido imanente” (MERLEAU-PONTY, 1999: 348).

A produção poética de Manoel de Barros ganha nas asas do passarinho, da borboleta, da mosca, dos mosquitos e da imaginação criadora, a leveza que esculpe sua palavra. É a metáfora que nasce do estranhamento, que permite o encontro com as outras coisas existentes no cosmo (figura 13), que ressignifica o mundo para que possamos viver melhor e, impelidos por outros olhares, possamos respirar um ar menos poluído pelas injustiças sociais.



**Figura 13:** vitória régia  
Elizabeth Oliveira 2008



6 – Manoel, na dinâmica da temporalidade, de que maneira podemos aprender com o passado e ressignificar o erro?

*Nas metamorfoses, em duzentas e quarenta fábulas,  
Ovídio mostra seres humanos transformados em pedras, vegetais, bichos, coisas.  
Um novo estágio seria que os entes já transformados  
Falassem um dialeto coisal, larval, pedral etc.  
Nasceria uma linguagem madruguenta, adâmica, edênica, inaugural –  
Que os poetas aprenderiam – desde que voltassem às crianças que foram  
Às rãs que foram  
Às pedras que foram.  
Para voltar à infância, os poetas precisariam também de reaprender a errar a  
língua.  
Mas esse é um convite à ignorância? A enfiar o idioma nos mosquitos?  
Seria uma demência peregrina  
(BARROS, 1998, p. 64).*

O ser humano é um ser inconcluso e, por assim ser, deve estar sempre se reconstruindo. Portanto, o passado é um de seus aliados para ressignificar o presente e o poeta nos instiga a voltar à fonte original para reaprender a viver. Essa aprendizagem é uma busca infundável, pois temos sempre o que melhorar, o que reconstituir. Barros, em vários momentos, nos instigam a pensar no erro como perfeição.

A metamorfose é um componente presente, de forma efetiva, em quase toda a produção poética Manoel de Barros que faz emergir a sensibilidade. A voz solícita do sensível contagia o autor e o mergulha num mundo surreal, no qual tudo se metamorfoseia. É onde o sapo é de pau e pode virar chão, o boi pia e tem folhas, enfim o poeta sofre a transformação que lhe permite comungar com as coisas ínfimas, que lhe permite deixar de ser humano para ser mundo, coisa, louco, chão, bichos, vegetais. Essa vivência possibilita que o poeta, sendo as coisas, metamorfoseie-se em linguagem e, muito mais que apresentar a voz do mundo, ele se apresenta como o próprio mundo. “A poesia é metamorfose, mudança, operação alquímica, e por isso confina com a magia, a religião e outras tentativas para transformar o homem e fazer ‘deste’ ou ‘daquele’, esse ‘outro’ que é ele mesmo” (PAZ, 1982, p. 137-138). Portanto, a recriação consiste em trazer à tona percepções que são inseparáveis do nosso ser.

Uma nova leitura, acerca da responsabilidade socioambiental, está presente na poética contemporânea que também se ergueu em meio a uma revolução, na ruptura de valores instituídos pela burguesia. Ao tratar das metamorfoses presentes nas obras de *Ovídio*<sup>19</sup>, Barros provoca o ser humano a visualizar os elementos naturais corporificados, ou seja, se a natureza estiver protegida, o ser humano também estará. A metamorfose é um dos princípios surrealistas que amplia a possibilidade do devir, da constante transformação do mundo. A poética de Barros propõe uma retomada, ao ser de cada um, para que compreendamos que os pressupostos de uma sustentabilidade planetária estão diretamente relacionados à nossa postura enquanto seres humanos. Importante frisar, ainda, que a abertura em aceitar o diferente, em

---

<sup>19</sup> Segundo Paschoal Mota, no site do Jornal Poiésis, Ovídio era um poeta latino que viveu aproximadamente 43 a.C. Tinha sua produção voltada à subjetividade e comportamento humano com intuito de conhecer a natureza e os seres que a compunha.

Barros, abre caminhos para um reaprender, visto que seus poemas se levantam na diversidade.

A partir destas peculiaridades, o autor mostra a unicidade entre meio ambiente/poesia com todas as suas possibilidades de aproximação. Ele nos incita à compreensão do mundo a partir das particularidades que fazem parte do estar no mundo. Em sua transmutação, o poeta imbrica na coisa cotidiana uma complexa teia de significação, que emerge da subjetividade de ser pantaneiro. Vale ressaltar, também, que a conexão entre o ser humano e a natureza é relevante nas obras do poeta para além do ambiente local, pois, em vários momentos, o autor, sem distinção ou preconceitos, narra a importância de outros conhecimentos e culturas que adquiriu em contato com outros mundos, como por exemplo, quando descreve que:

*De 1940 a 1946 vivi em lugares decadentes onde o mato e a fome tomavam conta das casas, dos seus loucos, de suas crianças e de seus bêbados. Ali me anonimei de árvore. Me arrastei por beiradas de muros cariados desde Puerto Suarez, Chiquitos, Oruros e Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. Depois em Barranco, Tango Maria (onde conheci o poeta César Vallejo), Orellana e Mocomonco - no Peru. Achava que a partir de ser inseto o homem poderia entender melhor a metafísica. Eu precisava de ficar pregado nas coisas vegetalmente e achar o que não procurava. Naqueles relentos de pedra e lagartos, gostava de conversar com idiotas de estrada e maluquinhos de mosca. Caminhei sobre grotas e lajes de urubus. Vi outonos mantidos por cigarras. Vi lamas fascinando borboletas. E aquelas permanências nos relentos faziam-me alcançar os deslimes do Ser. Meu verbo adquiriu espessura de gosma. Fui adotado em lodo. Já se viam vestígio de mim nos lagartos. Todas as minhas palavras já estavam consagradas de pedras. Dobravam-se lírios para os meus tropos. Penso que essa viagem me socorreu a pássaros. Não era mais a denúncia das palavras que me importava mas a parte selvagem delas, os seus refolhos, as suas entraduras. Foi então que comecei a lecionar andorinhas (BARROS, 2001a, p. 101).*

De acordo com José Castello (2009), o poeta Manoel de Barros é um daqueles seres humanos que podemos reverenciar como um ser entreaberto a novas aprendizagens. Uma pessoa estudiosa não apenas das artes clássicas, mas da arte impressa na vida, pois, embora tenha estudado: artes, língua portuguesa, etimologia, filosofia, não deixou de aprofundar sua aprendizagem nas coisas do chão, do inútil, do nada. O poeta destaca, em sua produção, vários autores que passaram pela sua vida e com os quais acredita que absorveu a inspiração para suas despavras. Sempre evoca

por meio da memória a aprendizagem concebida nas andarilhagens, por meio das quais teve contato com pessoas de todas as classes sociais e políticas.

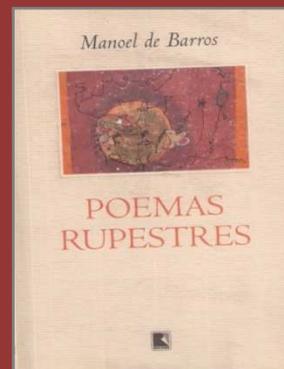
A formação poética de Manoel de Barros é marcada pela ousadia nas construções, pela abertura que sempre evoca, ao abordar autores das mais diversas formações, e quando relata o quanto aprendeu com eles. Esses são alguns dos fatores para reconhecermos que se trata de um poeta que manteve sempre viva a humildade e a abertura para aprender. Assim, com todos os créditos que merece, podemos caracterizá-lo como um dos maiores representantes das manifestações literárias do nosso tempo.

Segundo Octávio Paz (1982, p. 50), a ruptura com os padrões tradicionais é o traço característico da sociedade atual, que rompe com o equilíbrio de um sistema que, mesmo de forma precária, foi mantido durante o século XIX. A arte literária de Manoel apresenta-se como a simbologia de um vulcão, de dentro para fora. Com toda a sua plenitude, apresenta a valorização da cultura ou das culturas pantaneiras, agregando o valor devido às subjetividades humanas, que por muito tempo ficaram sufocadas pelo poder hegemônico.

A poesia de Barros nos dá sustentáculo para engrossarmos a voz que canta o Pantanal mato-grossense com vistas à universalidade, na qual é possível rever o erro e reconstruir. A esperança é nos fazer ouvir em escala planetária, pois, embora na particularidade de seu substrato: a terra, os dejetos, a lama, enfim as coisas deixadas e desprezadas pelo ser humano contemporâneo, o poeta clama e evoca a universalidade, por meio do viés fenomenológico da Educação Ambiental e da poesia. Nas quais, a amorosidade permita a tessitura de novas possibilidades (figura 14).



**Figura 14:** tessitura  
Elizabete Oliveira 2009



7 – Na busca por um mundo mais justo, vários autores abordam que é necessária a presença da sensibilidade humana. Porém, a cada dia, ela se distancia. É possível entrever, na sua poética, a urgência do sensível?

*Para entender nós temos dois caminhos:  
[o da sensibilidade que é o entendimento  
do corpo;  
e o da inteligência que é o entendimento  
do espírito. Eu escrevo com o corpo.  
Poesia não é para compreender,  
[mas para incorporar.  
Entender é parede; procure ser árvore  
(BARROS, 2002, p. 37).*

### **INFANTIL**

*O menino ia no mato  
E a onça comeu ele.  
Depois o caminhão passou por dentro do corpo do Menino*

*E ele foi contar para a mãe.  
A mãe disse: mas se a onça comeu você, como é que  
O caminhão só passou renteando meu corpo  
E eu desviei depressa.  
Olha, mãe, eu só queria inventar uma poesia.  
Eu não preciso de fazer razão  
(BARROS, 2005, p.29).*

Há urgência em perceber que os elementos sensíveis estão imbricados no ser humano, pois o corte brusco entre a sensibilidade e a racionalidade está gerando o campo de tensão que estamos vivenciando no mundo moderno. Dessa forma, as pessoas, em sua grande maioria, não conseguem se desvencilhar ou delinear o seu próprio caminho. É preciso compreender que essa ruptura se estabelece em consenso com as forças de poder que imperam no âmbito social, se solidificam, como regime de verdade, e que são acolhidas pelo ser humano, como algo natural.

O ser humano, muitas vezes, é conduzido pela força dominante e esta se desvencilha da imaginação, da sensibilidade, percorre apenas o âmbito da “racionalidade” que visa os bens lucrativos. Ou seja, privilegia apenas os interesses da burguesia, que, por sua vez, trabalha em prol de desmontar os aparatos que nos aproximam dos outros seres que compõem a dinâmica da vida. Estes fatores tornam os seres humanos mecânicos e incapazes de se posicionar diante do que é imposto. Agimos e reagimos de acordo com a chave de ativação do sistema, isto é, apenas de acordo com as leis e as normas previamente estabelecidas, na ilusão de que somos nós quem fazemos as escolhas.

Na busca pelo lucro excessivo, esquecemos os outros seres que nos constituem. Surge o egoísmo humano e a visão da natureza como um bem a ser consumido em benefício próprio. Nessa guerra de valores, *os elementos naturais* são utilizados para reafirmar as relações de poder, daí a necessidade da sensibilidade, pois como aborda Deleuze e Guattari (2007, p. 261-262), “a arte luta efetivamente com o caos, mas para fazer surgir nela [...], uma Sensação. [...] se ela se bate contra o caos, é para emprestar dele as armas contra a opinião, para melhor vencê-la com armas provadas”. Afinal:

[...] as questões ecológicas não estão imunes às nossas crenças, aos nossos valores morais, éticos, religiosos, econômicos, políticos, aos nossos conceitos científicos, ao nosso senso comum, às nossas ideologias... Enfim, são criações autônomas e, ao mesmo tempo, dependentes de nossa cultura, nosso tempo, de nossos processos de vida e morte... Enfim, como afirma Paz, são nossa história, pois, segundo ele, os seres não estão na história: são a história (BARCELOS apud SATO, 2005, p. 80).

O mundo é constituído também de seres humanos, mas não só deles, portanto, é necessário perceber que estamos no entremeio de outros elementos que compõem o cosmo. E, sendo nós, seres, capazes de agir não só pela razão, mas também pelo coração, é fundamental olharmos para o coletivo, que percebamos que atreladas às nossas necessidades estão as do outro. Nesse contexto, acreditamos no papel da poesia como possível mediadora da Educação Ambiental, no que se refere à busca pela sensibilidade humana, pois é possível que a arte poética seja uma articuladora capaz de suscitar, por meio da subjetividade, os elementos sensíveis, no mesmo nível de importância e significação dos elementos ditos racionais. O poeta, ao apresentar em espiral as coisas do mundo, pode fazer reaviver pelo sensível, estas percepções, e permitir ao ser humano a *disponibilidade para sonhar*.

Tornar imprevisível a palavra não será um aprendizado de liberdade? Que encanto a imaginação poética encontra em zombar das censuras! Antigamente, as Artes Poéticas codificavam as licenças. Mas a poesia contemporânea colocou liberdade no próprio corpo da linguagem. A poesia surge então como um fenômeno de liberdade (BACHELARD, 2005, p.11).

É perceptível, portanto, a necessidade de trazer à tona os elementos sensíveis num período em que o tecnicismo e a falta de solidariedade permeiam o ideário do ser humano. Por isso, abordamos a poesia manoelina, a fim de aguçarmos a interferência, por intermédio da literatura mato-grossense, para a sensibilização advinda das coisas ínfimas e que podem contribuir significativamente com a sustentabilidade planetária. Neste sentido, o caminhar entre as trilhas do viver do ser humano enobrece a obra de Barros, pois, com paisagens cotidianas que se julgam previamente decodificadas, visto que são imagens que circulam no senso comum, o autor faz surgir fontes desconhecidas e instigantes, que enobrecem a arte, a imaginação e a poesia.

O poema de Barros, em sua criativa estrutura, nos incita à prática criadora, em que o artista se posiciona contra a forma fixa e imóvel, e assume ativamente a sua linguagem, a partir dos diversos movimentos que apresenta em sua produção. Ele

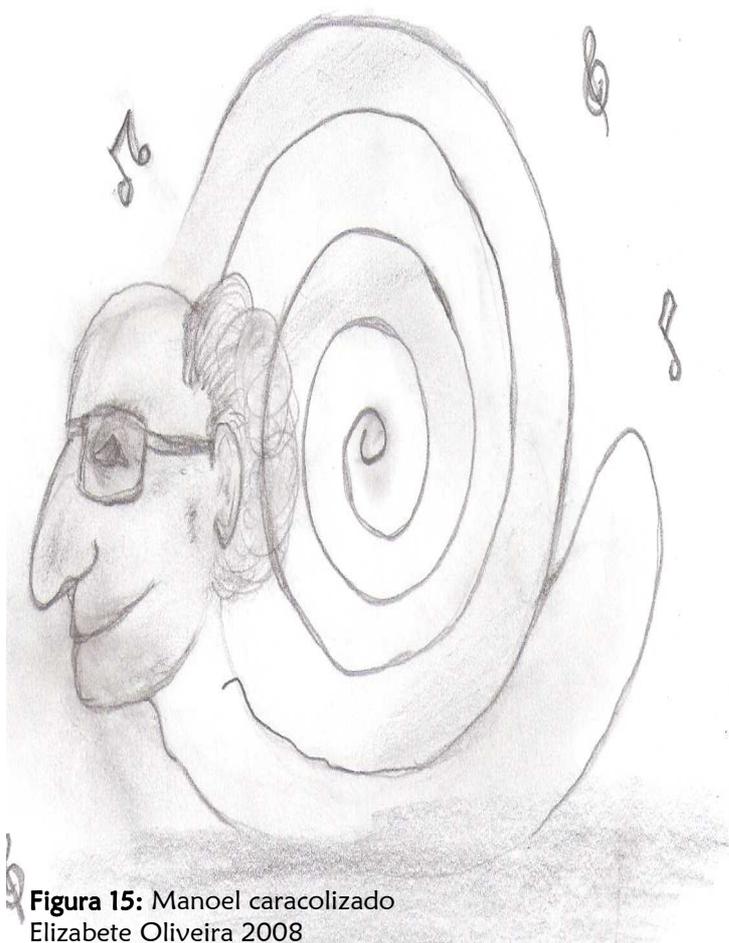
coloca espaço e tempo em movimento, e o ser humano, seu habitat e a poesia dialeticamente intrincados em sua cosmovisão. Os objetos assumem vez e voz própria, se corporificam e ganham movimentos que surpreendem o leitor, pois permitem que se estabeleça um diálogo, sem medo de trazer a subjetividade, assumindo um trabalho de coautoria, em consonância com a experiência vivida. Assim, na poética de Barros é possível perceber os sentidos dos sentidos, sob uma ótica de polivalência da linguagem, que nos impele a ir à busca da sensibilidade. A palavra do autor não se centra apenas na estética ou na semântica da linguagem, mas na percepção ética que marca ou (de)marca a possível identidade do ser humano, sua ideologia.

O ser humano, com o avanço da tecnologia foi se distanciando dos valores humanos, como o amor e a sensibilidade. Ao chamar a atenção para a poética da natureza, Barros, com sua perspicácia e suscetibilidade, faz emergir a utopia de uma educação que desmonte os paradigmas cartesianos e, muito além de concepções instituídas, perceba a infinidade de sons, saberes e sabores que podem ser mobilizados a partir da dinâmica local. Portanto, não buscamos racionalizar a poética barreana, pois seria retirar a essência que a faz ímpar, mas apresentá-la em sua plenitude de expressão.

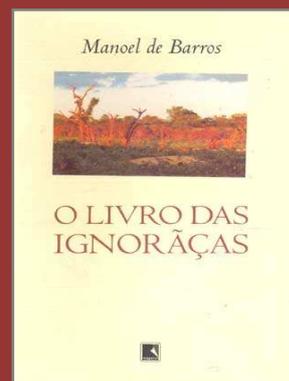
O pensamento objetivo recusa os pretensos fenômenos do sonho, do mito e, em geral, da existência, porque os considera impensáveis e porque eles não significam nada que ele possa tematizar. Ele recusa o fato ou o real em nome do possível e da evidência. Mas ele não vê que a própria evidência está fundada em um fato (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 388).

A sensibilidade humanística do autor é instigante, pois apresenta o ser humano no seu árduo e prazeroso viver cotidiano, e, assim, o saber e a experiência são mobilizados, deixando perceptivo que cada um constitui o seu olhar e, que este, por sua vez, é produzido pelo vivido, mas também pelo sonhado. A poesia, assim, apresenta-se aberta e possibilita a participação ativa e criadora do leitor/coautor, promovendo essa relação dialógica que nos torna ímpares enquanto seres humanos. O fazer poético de Barros é completamente singular, mas espelha a universalidade, evoca sempre novos sentidos. Portanto, o poeta, mesmo, trabalhando, muitas vezes, com vocábulos corriqueiros, sempre suscita outros significados que emergem de sua subjetividade e também, daquela do leitor no tempo presente. Pode-se aqui, novamente, retomar os princípios de Paulo Freire, ao abordar o ser inconclusivo e

sempre aberto a novas aprendizagens, como na sugestão de abertura e continuidade da espiral do caracol (figura 15), visto que os elementos apresentados pelo poeta se renovam constantemente, pelo olhar do leitor criador.



**Figura 15:** Manoel caracolizado  
Elizabeth Oliveira 2008



8 - Sabemos que você é um manipulador de palavras, porém é um confesso adepto do silêncio. Qual a importância do inefável na constituição e valoração poética?

*[...] Deus deu a forma. Os artistas desformam.*

*É preciso desformar o mundo:*

*Tirar da natureza as naturalidades.*

*Fazer cavalo verde, por exemplo.*

*[...]*

*Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por*

*Aí a desformar*

*(BARROS, 2004c, p. 75).*

*Só o silêncio faz rumor no voo das borboletas*

*(BARROS, 2001b, p. 17).*

*[...] que nos ensinava a ser interior,  
como silêncio nos retratos.  
A lua faz silêncio para os pássaros,  
- eu escuto esse escândalo!  
(BARROS, 2001a, p. 69).*

O inefável se constitui como algo que não podemos verbalizar no seu sentido literal. No entanto, é de fundamental importância para aguçar a sensibilidade humana e, por isso, é um substrato valioso para a poesia. As coisas indizíveis abrigam fabulosas joias, onde é possível sentir a beleza da simplicidade. A poesia, ao abrigar o inefável, busca incitar o ser humano para dar visibilidade às coisas que lhe trazem prazer, enquanto ser no mundo, ou seja, procura instigá-lo a sentir os elementos que poderão fazer com que ele tenha uma amorosidade maior pelas coisas do mundo.

O silêncio apresentado por Barros não é mudo ou passivo, é um silêncio que grita por significação, que, na intimidade da coisa possuída vai revelando suas vozes e se desvelando. A coisa ao ser habitada pelo poeta obriga seu hóspede a escutá-la e, na ausência do som, torna-o capaz de sentir e aprender a ouvir, sem interrupções. Essa aprendizagem é que o possibilita a apresentar, por meio da linguagem, a dialética entre o interior e o exterior. A linguagem das coisas, portanto, constituída no silêncio, pela capacidade ímpar de um saber sentir proveniente da ética do autor, permite que as coisas lhe falem: são perfumes, formas, cores, vida... O poeta é o portador dessas linguagens. “O dizer do poeta se inicia como silêncio, esterilidade e secura. É uma carência e uma sede, antes de ser uma plenitude e um acordo; em seguida, é uma carência ainda maior, pois o poema se desliga do poeta e deixa de lhe pertencer” (PAZ, 1982, p. 198).

No silêncio está outra brincadeira que o poeta articula com as palavras, com elas estabelece um compromisso ético com as coisas do mundo, onde a mágica da natureza se apresenta também no inefável, com grande valoração estética. A palavra se constitui na sua aliada, para que ele possa se apresentar em sua magnitude. Esta imagem, a beleza ínfima da natureza trazida pelo poeta, é outra inovação da poesia, na qual o olhar sensível se apresenta por meio da linguagem. Sendo o silêncio um elemento de grande importância na poética barreana, com ele é possível contemplar,

sentir, cheirar e criar, ou seja, ele aparece como propulsor de imagens. Elas permitem que o inefável tome forma e sentido, permitem ao contemplador/ator *puxar o alarme do silêncio* para que possamos *ver a lua fazendo silêncio para os pássaros*. Portanto, como aborda Paz (1982, p. 319) a imaginação poética não é invenção, mas descoberta da presença.

Segundo Manoel de Barros (2007), “O dever do poeta é modificar o mundo através da palavra. Não existe outra maneira de mostrar o mundo”. Com esta ferramenta é que o poeta desforma o mundo, inova as linguagens e constrói teias de integração. Perplexo diante do descaso do ser humano com a natureza, o poeta mostra a magnitude do meio ambiente, a partir da trans/formação, ou seja, apresenta-se como a própria natureza, por meio de metamorfoses, contribuindo para que se torne mais efetiva essa relação unívoca. Assim, nosso poeta mergulha na fonte primordial e se mistura ao substrato pantaneiro, para germinar logo após com seus delírios verbais, na tentativa de fazer fluir uma nova visão de mundo, por intermédio das linguagens que emergem da poesia. É esse silêncio do qual joram sentidos, que encontramos na produção de Manoel de Barros, pois, “o silêncio humano é um calar e, portanto, é uma comunicação implícita, um sentido latente. O silêncio de Mallarmé nos diz nada, que não é o mesmo que nada dizer. É o silêncio anterior ao silêncio” (PAZ, 1982,67-68).

A relação entre silêncio e rumor ou silêncio e escândalo nos leva a pensar na transgressão dos sentidos da língua, pois estes aparecem como sentidos complementares e não divergentes. Ao propor ver o interior a partir do silêncio presente nos retratos, o autor nos conduz a pensar na memória, visto que a partir desta há a possibilidade de o leitor voltar-se para o interior, o que lhe permite vislumbrar uma infinidade de sentidos. Nessa perspectiva, o rumor dos silêncios pode ser ensurdecedor, já que faz submergir elementos do mundo vivido/sonhado que não precisam, concretamente, estar no presente, mas que evocam vozes que ficaram latentes no ser. O silêncio assume uma característica germinal, que busca os sentidos na própria criação. Portanto, seria um silêncio a conquistar, onde interior e exterior dialogam, num processo cíclico de aprendizagens. O sentido da coisa a habita, por isso há a necessidade do poeta voltar à origem primordial.

O silêncio que entremeia a produção literária é um silêncio convidativo que grita junto com o discurso poético. Ao potencializar o som e os sentidos, novas maneiras, de ver e sentir as coisas do mundo, desabrocham, abre-se outros horizontes de significações. A poesia de Barros possibilita a participação ativa e criadora do leitor/co-autor promovendo uma relação dialógica, na qual o fazer poético é completamente singular, mas migra para o coletivo, já que o poeta trabalha num processo de constituição do humano. Nesse prisma, “a atividade poética busca uma relação direta com o mundo vida, tal como Husserl definia o estado pré-categorial da existência” (BOSI, 2004, p. 132). Portanto, o significado do vocábulo silêncio relacionado à falta de ruídos, de movimentos; em Barros anda às avessas, pois, por muitas vezes denota sentidos estrondosos.

A poética de Manoel nos permite ver a luminosidade trazida pela palavra que fulgura nas coisas desprezíveis, e nos coloca diante da plenitude da vida. Esse fator nos permite a repensar na valoração extrema que dispensamos aos bens materiais, e assumir uma nova postura diante das imagens ambientais, que nos fazem perceber os diversos ângulos das coisas, sem a necessidade de buscar explicações para o fenômeno. O ver, inquietante, estimula o processo criador de seres humanos em busca de conhecimentos, do devir ou das metamorfoses. Esse processo de reconstrução, ou transformação, se fundamenta nos princípios da Educação Ambiental, em que é preciso que o ser humano se conheça, para conhecer o mundo. Nesse reconhecimento, surge a necessidade de transpor barreiras (figura 16), em busca de novas possibilidades.



**Figura 16:** cem fronteiras  
Elizabeth Oliveira 2009

*Não tenho bens de acontecimentos.*

*O que não sei desconto nas palavras.*

*Entesouro frases. Por exemplo:*

*- Imagens são palavras que nos faltaram.*

*- Poesia é a ocupação da palavra pela Imagem.*

*- Poesia é a ocupação da Imagem pelo ser.*

*Ai frases de pensar!*

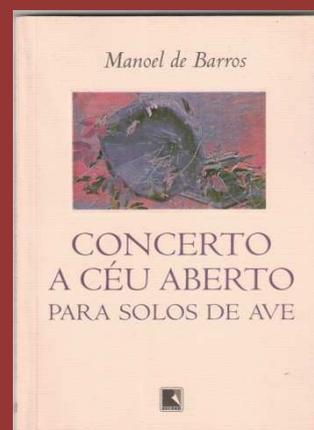
*Pensar é uma pedreira. Estou sendo.*

*Me acho em petição de lata (frase encontrada no lixo).*

*Concluindo: há pessoas que se compõem de atos, ruídos, retratos.*

*Outras de palavras.*

*Poetas e tontos se compõem de palavras*



9 - Ao desafiar o conceito sobre a vida, de que maneira as palavras conseguem transcender cultura e natureza, numa ressonância poética de subversão à obviedade gramatical e/ou biológica?

*(BARROS, 1998, p.57).*

*O sentido normal das palavras não faz bem ao poema.*

*Há que se dar um gosto incasto aos termos*

*(BARROS, 1998, p.63).*

*- as palavras invadem esse ermo como ervas. Todas as coisas passam a ter desígnios. Não há o que lhes andem por documentos. Enxergam borboletas apertando rios. Escutam o luar comendo árvores. [...] Criam peixes nos bolsos. Há cogumelos paridos em seus ressaíos. E vozes de rios e rãs em suas bocas. Águas manuseiam seus azuis. E, viver roça no corpo deles.*

*- E as palavras, têm vida?*

*- Palavras para eles têm carne aflição pentelhos – e a cor do êxtase*

*(BARROS, 1998, p. 28).*

A palavra ingênua, primitiva, desprovida de convenções é o elemento fértil e produtivo da poesia de Manoel de Barros, pois, para ele, “as palavras, todas as palavras, cumprem honestamente o seu ofício nas realidades mais comuns, não perdem por isso suas possibilidades poéticas” (Bachelard, 2005, p.87). São estas simplicidades que embelezam e possibilitam o seu lapidar poético, porque os vocábulos não fazem distinção, também acompanham os *trastes*, não faz objeção em nomear os seres comuns. As palavras imprimem ritmo ao mundo, fazem viver coisas que, pela ótica da razão, não tem vida. Elas são os principais elementos, o cerne, o substrato da poética barreana. É com as palavras que o autor tem relações íntimas que lhe permitem criar e atribuir graciosidade e leveza às coisas do chão, que ganham voz ao serem revestidas com a emoção e a sensibilidade do poeta.

Em princípio, o contato com as palavras de Manoel de Barros é desconfortável, pois o leitor experimenta o estranhamento, que o coloca diante do inesperado, que o instiga a perceber outras possibilidades do fazer, que se organiza por meio da linguagem surrealista. No entanto, o poeta consegue enredá-lo numa linguagem convidativa, já que se utiliza de palavras corriqueiras que permitem a aproximação com os mundos do leitor. Esta abertura nos faz vivenciar outro polo, que, aos avessos do tradicionalismo, busca perceber a plenitude das coisas comuns. Depois desse entendimento, há um maravilhamento que o provoca a atribuir sentidos às palavras de

Barros, porque são palavras que nascem do meio ambiente coletivo, que perfazem um diálogo com nossos anseios de coesão com as coisas do mundo. É um discurso que se distancia de normas, que nos tiram as amarras do convencional e, assim, nos deixam livres para fazer as rupturas que almejamos, em busca dos nossos sonhos, que transcendem limites. É a sensação do devir<sup>20</sup>, sempre incessante, produzida pela palavra poética. “Ela nos dá a impressão de juventude ou de rejuvenescimento ao restituir ininterruptamente a faculdade de nos maravilharmos. A verdadeira poesia é uma função de despertar” (BACHELARD, 2002a, p.17). Esse caminho trajetaria por entre um campo, onde é emergente compreender as falas do outro, despir-se de convenções, percebermos as relações e fluidez do vocabulário e da sintaxe utilizada na poética. E, embora o poeta crie neologismos, estes são produtos do seu contato com a dinamicidade do linguajar do povo e dos elementos que compõem a dinâmica do lugar, o que não complica, mas facilita a compreensão do interlocutor.

Mas isso não significa que as falas agem suscitando em mim “representações” que lhes seriam associadas e cuja reunião terminaria por reproduzir em mim a “representação” original daquele que fala. Não é com “representações” ou com um pensamento que em primeiro lugar eu comunico, mas com um sujeito falante, com um certo estilo de ser e com o “mundo” que ele visa (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 249).

A compreensão do texto transcende o ser; no caso da poesia barreana vai além dos signos linguísticos, ela está nos acordes da natureza. O poeta, ao retratar os elementos naturais, suga destes a magia do seu estado interior, ou seja, a partir da sensibilidade, o poeta dialoga intimamente com as coisas, e, neste diálogo, sente seu cheiro, sua cor, seu gosto; enfim, suas reentrâncias. É deste contato íntimo com as particularidades das coisas que o autor cria seus lampejos poéticos. Nesta sinestesia da dinamicidade som/musicalidade do ambiente local vai compondo os acordes da linguagem poética. Barros estrutura esta oferta da natureza com maestria, principalmente, ao deixar implícita, a relação íntima que tem com as coisas do chão, dialogantes em de suas poesias. Neste sentido, o poeta coloca sentidos nas palavras de Bachelard (2005):

---

<sup>20</sup> O devir sensível consiste na percepção de que há coexistência dos tempos, que é um processo inesgotável de sentidos que se fazem presentes, é “o ato pelo qual algo ou alguém não pára de devir-outro”. (DELEUZE & GUATTARI, 2007, p. 229). A filosofia desses autores consiste na constante atenção ao mundo e ao tempo presente, eles colocam em dúvida os estudos que se dão por meio de divisões do ser, sendo os pequenos detalhes, tal qual a percepção presente na poética de Manoel de Barros, o fato que realmente importa.

O sentido comum reside no rés-do-chão, sempre pronto para o “comércio exterior”, no mesmo nível de outrem, desse transeunte que nunca é um sonhador. Subir a escada na casa da palavra é, de degrau em degrau, abstrair. Descer ao porão é sonhar, é perder-se nos distantes corredores de uma etimologia incerta, é procurar nas palavras tesouros inencontráveis. Subir e descer nas próprias palavras é a vida do poeta. Subir muito alto, descer muito baixo é permitido ao poeta que une o terrestre ao aéreo (BACHELARD, 2005, p.155).

Manoel de Barros é um transeunte que vai abrindo trilhas por entre os mundos da palavra descritos por Bachelard, pois desce ao porão das palavras e ressignifica as coisas desprezíveis, mostrando os tesouros que se pode encontrar nas coisas ínfimas; mas também sobe alto, ao permitir que o leitor vá, aos poucos, visualizando os deslimites de sua poesia. As palavras, os seres, parecem atender aos desígnios do poeta, pois, em nada, se associam aos valores instituídos, há uma subversão às normas, que inferem um alto nível de poeticidade.

Octávio Paz (1982) afirma que a criação poética violenta a linguagem. Esse ato consiste em arrancar dela as conexões e misteres habituais, para retirar delas, os mais recônditos sentidos. Ao violentá-las, afirma que os vocábulos se tornam únicos, como se tivessem acabando de nascer. Porém, ainda de acordo com o autor, essas palavras não mostram a realidade que nomeiam, já que entre elas interpõe-se a subjetividade de seu construtor; elas são, na nossa verdade, pontes que tentam superar as distâncias entre ser humano/mundo. Com os poemas que respondem o questionamento, Manoel de Barros mostra as entranhas da palavra, pois percorre suas intimidades mais recônditas, fortalecendo as percepções dos autores.

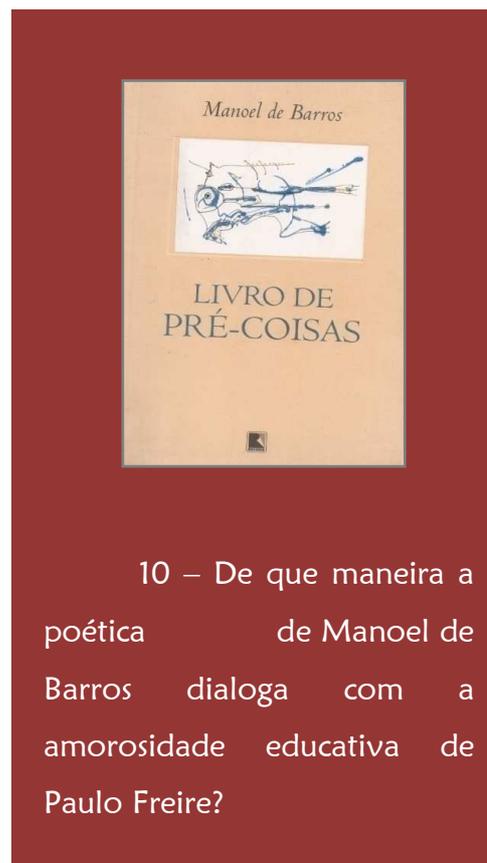
Segundo Passos (2008, p. 240-241), é imprescindível essa nova leitura do mundo, por meio de palavras que, ligadas ao contexto, podem ser engravidadas “de sentidos íntimos e coletivos”. Relata, ainda, que toda pedagogia que se pauta na divulgação e explicação do real, como princípio para todos, está difundindo a opressão e o genocídio. Passos aborda, ainda, que essa leitura opressora não pode tudo; ao contrário, “será sempre alter-ada pelos sentidos contra hegemônicos dos excluídos, grávidos de sonhos e desejos”, percepção que se agrega à contribuição generosa do Educador Paulo Freire (figura 17), no que tange à educação libertadora.



**Figura 17:** Paulo Freire  
Elizabeth Oliveira 2008

*Para fazer pessoas ninguém  
ainda não inventou nada  
melhor que o amor.  
Deus ajeitou isso pra nós de presente.  
De forma que não é aconselhável trocar  
o amor por vidro  
(BARROS, 2001b, p.04).*

*Então – os meninos descobriram  
que o amor  
Que amor com amor  
Que um homem riachoso  
escutava os sapos  
E o vento abria o lodo dos pássaros  
(BARROS, 2007b, p. 19).*



10 – De que maneira a  
poética de Manoel de  
Barros dialoga com a  
amorosidade educativa de  
Paulo Freire?

A amorosidade educativa de Paulo Freire permeia pelo trato do poeta com todas as coisas, no respeito e acolhimento da diversidade, sem sobrepor grau de importância a “este” ou “aquele”. O poeta inspira e transpira amorosidade ao retratar a poética do mundo pela lente da sua imaginação criadora.

Barros, com suas brincadeiras de criança, com a linguagem, nos convida a pensar sempre, em primeiro plano, nas questões humanas, na consciência de que estas contêm valores insubstituíveis. Essa consciência, engajada na busca da singularidade do humano, abre via para a universalidade, e possibilita uma nova cosmovisão em que as coisas deixam de ter função específica. Vivemos em uma sociedade utilitarista, em que tudo que nos rodeia objetiva uma função; porém, a grande maioria das pessoas, não reflete sobre a função humanitária do amor, da amizade, enfim, da valoração do ser enquanto humano. A poética de Manoel nos move em direção a um sentimento de amor entre todas as coisas, amorosidade capaz de fazer emergir, pelo sensível, as injustiças sociais que imperam na sociedade moderna, capaz de erguer bandeiras e incitar os seres humanos a lutar em prol de trilhas que minimizem as iniquidades.

Paulo Freire (2005), na luta por uma educação libertadora, aborda que o amor conduz o ser humano à busca de alternativas para os seus e que, portanto, não existe educação sem amor ao próximo. Para Freire, este sentimento implica na luta contra o egoísmo, já que quem não ama não compreende, não respeita e não é capaz de apreender, pois “o amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito de seu amor. [...] quem ama faz amando os defeitos e as qualidades do ser amado” (FREIRE, 2005, p. 29). Estas reflexões, muitas vezes, são ignoradas e, assim, cada vez mais impera o individualismo e a busca desenfreada por bens materiais, o que, por sua vez, corrobora com uma sociedade caótica, no que se refere às relações humanas. A ideologia dominante é, atualmente, quem rege e dá sentido às coisas e esta (en)cobre e legitima a tirania social.

A amorosidade, na concepção freireana, é um devir, uma busca de princípios ético-políticos, que nos fazem melhores, enquanto seres humanos. Por meio do amor é possível sermos generosos com nossos semelhantes, redescobrimos valores, como: a solidariedade, a rejeição da violência, a preservação e promoção da vida e, principalmente, a prática do diálogo, na busca pela compreensão das coisas do mundo

vivido ou sonhado. Esta iniciativa requer uma viagem para dentro de nós mesmos, na busca de sentidos para nossos modos de ser e estar no mundo.

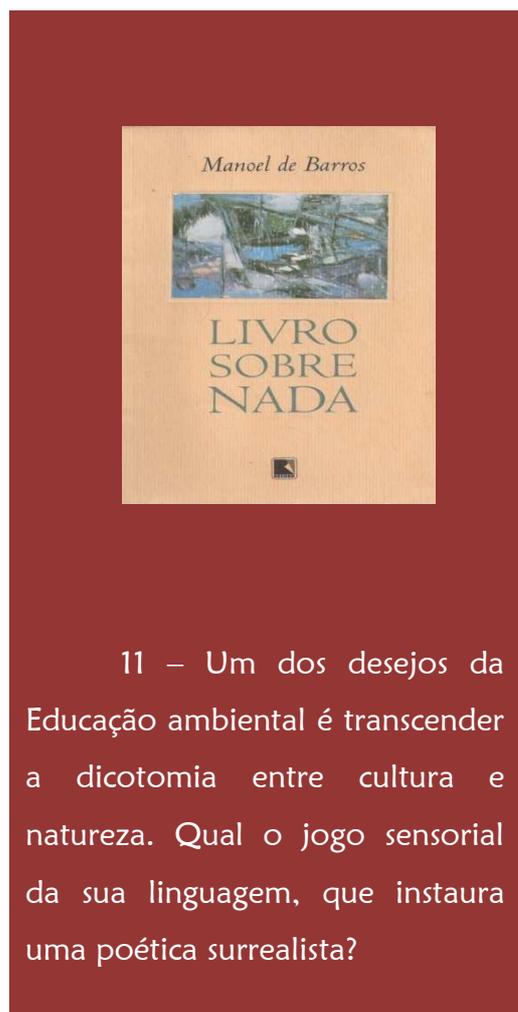
Segundo Freire, ao negarmos a prática social do diálogo, ficamos à revelia da imposição das ideologias dominantes, sem perspectivas de evoluir, enquanto seres humanos. Acreditamos que a busca da sensibilidade, por meio da poética, pode nos aproximar do amor pelo próximo e, conseqüentemente, nos aproximar do outro, que nos constitui enquanto seres sempre inconclusos, abertos a novas experiências. Assim, é preciso ressignificar as relações, centrados nos princípios da amorosidade, tendo a poesia como uma das vias para despertar o elemento sensível, tão necessário ao ser humano moderno, que se vê cada dia mais enjaulado na sua própria trama. A sensibilidade advinda da obra poética poderá ser capaz de possibilitar um novo (re)aprender as coisas do mundo por intermédio do qual as pessoas possam perceber que, com a vida acelerada e a busca por bens materiais foram deixando em segundo plano os sentimentos humanos que os tornam capazes de estruturar uma sociedade melhor para se viver. Nesta sociedade, as diferenças provenientes das culturas, das etnias, dos sonhos e utopias só aumentam nossa capacidade de ser mais, pois “é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arituncs maduros” (BARROS, 2001, p. 87).

Nosso sonho de sociedade é incluir todos em sua diversidade. E, para isso, é fundamental a afirmação concreta do direito de acesso às mediações que possibilitem o exercício pleno de liberdade de ser e de viver. Mediações entendidas como direito, não como caridade. (SOUZA, 1998, p.87).

O sentimento de amor, proposto, tanto na poética de Barros, quanto na teoria libertadora de Paulo Freire, é um amor incondicional, que está nos poros das pessoas. Ou seja, é um amor sinestésico, que podemos sentir, ouvir, cheirar, ver e degustar (figura 18). É um sentimento que rasteja no chão, que voa nas asas das borboletas, que corre com o vento, por dentro do mundo, e que anda por dentro do olho. Os deslimites do amor, tais quais os deslimites da natureza/ser humano, são trabalhados pelos autores por meio da voz estarrecedora que imprimem aos silêncios, fazendo com que sejamos atingidos nos nossos anseios mais íntimos. Os gritos do silêncio mexem com nossas subjetividades e nos induzem a uma tomada de decisão, em favor de uma sociedade menos hegemônica.



**Figura 18:** interação  
Elizabeth Oliveira 2008



11 – Um dos desejos da Educação ambiental é transcender a dicotomia entre cultura e natureza. Qual o jogo sensorial da sua linguagem, que instaura uma poética surrealista?

*Quando as aves falam com as pedras e as rãs  
Com as águas – é de poesia que estamos falando  
(BARROS, 2004, p. 58).*

*A água passa por uma frase e por mim.  
Macerações de sílabas, inflexões, elipses, refegos.  
A boca desarruma os vocábulos na hora de falar  
E o deixa em lanhos na beira da voz  
(BARROS, 1998, p.44).*

*No que o homem se torne coisal- corrompem-se nele  
os veios comuns do entendimento.  
Um subtexto se aloja.*

*Instala-se na agramaticalidade quase insana, que  
empoema o sentido das palavras.*

*Aflora uma linguagem de defloramentos, um  
Inauguramento de falas.*

*Coisa tão velha como andar a pé*

*Esses vareios do dizer*

*(BARROS, 1998, p.62).*

A linguagem sensorial de Manoel de Barros apresenta a metamorfose como base para que se possa instaurar a poética surrealista. Apresenta o novo, na subversão das regras e normas da linguagem. É possível perceber que o significado literal, apresentado pelos dicionários às palavras, não são suficientes para as imagens criadoras das poesias de Barros. É preciso corromper, voltar às origens, tirar as tintas impregnadas pela cultura dominante, dar visibilidade à fala do cotidiano. A poética manoelina instaura uma palavra nova, a palavra do nada, das coisas inúteis, em busca de espaços revolucionários possíveis, numa alquimia que imprime e invoca a sensibilidade pelas vias da poética. E, no caos que dismantela o mundo atual, instaura um espaço de delírio vocabular, na tentativa de tornar possível a reconstrução de um tempo que se perdeu nos labirintos da sociedade moderna, mas que atribui vareios ao olhar.

Meio ambiente não é apenas o somatório das partes que o compõem, mas é também a interação entre essas partes em inter-relação com o todo, ou seja, é um conjunto complexo como uma unidade que contém a diversidade em suas relações antagônicas e complementares de forma muitas vezes simultânea. É tudo junto ao mesmo tempo agora. Da mesma forma, sociedade (como totalidade) não é apenas o resultado da soma dos indivíduos que a compõem (GUIMARÃES, 2008, p. 13).

O texto/imagem apresentado pelo poeta não permite limite à transcendência, pois seduz e reacende a fantasia, transferindo o ser humano para um mundo surreal, gerado pela imaginação/arte, que só significa quando impregnado pela fantasia, pelo inesperado, pela (im)possibilidade. Neste enfoque, “será possível misturar poesia com ciências? – indagariam mentes cartesianas que dominam o mundo da academia. ‘Sem dúvida!’ - responderia Octavio Paz” (SATO & PASSOS, 2008, p. 18). A junção destas possibilita uma revolução no olhar cartesiano acerca da natureza e propicia um

compreender crítico, no qual se percebe que os impactos ambientais estão estritamente relacionados às misérias humanas e que, portanto, antes da degradação do ambiente natural, é emergente pensar nas injustiças que envolvem vários segmentos da sociedade.

A Educação Ambiental pautada na fenomenologia do imaginário nos permite a liberdade de aproximarmos-nos do outro, de rompermos com dogmas instituídos e deixar emergir a capacidade da valoração dos princípios humanos. Nesse contexto, as imperfeições nem sempre aparecem como defeitos; às vezes, implementam as qualidades. É como a representação da fala trazida por Barros, que apresenta incorreções gramaticais, que oferecem vivacidade à língua. De acordo com o autor, são estas imperfeições, que oferecem poeticidade e fazem surgir outra possibilidade de linguagem. Ao utilizar o termo “aflora” e em seguida trazê-lo com outro prefixo e com sufixo – defloramentos – o autor mostra a vivacidade do dizer. Além do que, ao deflorar a linguagem, pressupõe retirar desta a virgindade que a impregna e mostrá-la em sua plenitude de sentidos, ou a ir-a-coisa-mesma, citada por Merleau-Ponty no livro, *Fenomenologia da percepção*. Assim, a experiência vivida e compartilhada com o(s) outro(s) nos possibilita perceber significados distintos dos habituais:

Sujeitos e fenômeno estão no mundo-vida juntos com outros sujeitos, co-presenças que percebem fenômenos. A co-participação de sujeitos em experiências vividas em comum permite-lhes partilhar compreensões, interpretações, comunicações, desvendar discursos, estabelecendo-se a esfera da subjetividade. Esta é dificultada e ao mesmo tempo facilitada pela linguagem, veiculadora do discurso (BICUDO, 2005, p.19).

Temos uma visão superficial do mundo e, de acordo com Merleau-Ponty (1999, p. 250), continuaremos a ter “enquanto não remontarmos a essa origem, enquanto não reencontrarmos, sob o ruído das falas, o silêncio primordial, enquanto não descrevermos o gesto que rompe o silêncio. A fala é um gesto, e sua significação um mundo”. Barros oferece vida nova ao que nos parece comum e apresenta os elementos com imagens construídas por palavras polissêmicas, as quais suscitam para os múltiplos sentidos que podemos atribuir às coisas, e que movimentam a dinâmica ambiental e social. Desta forma, a produção poética do autor nos tira do senso comum, abrindo novas formas de ver, tocar e sentir as coisas do mundo, tornando

possível observar a frequência de elementos que compõem a dinâmica do chão, visto que ele aborda elementos que compõem a natureza pantaneira.

Manoel de Barros, a partir de sua lente de aumento, consegue ver a sua aldeia de forma profunda e, ao fazer a releitura do seu mundo, alcança a universalidade. A poética do autor não explica a realidade circundante, mas cria inúmeras possibilidades de compreensão/interpretação, que une os elementos do meio ambiente, no caso o pantanal mato-grossense, com suas imagens de água, árvores, pássaros e coisas do chão, à polissemia linguística expressa em sua produção. Nesta possibilidade, o autor apresenta o meio ambiente atrelado ao viver, e invoca o ser humano a encontrar respostas no mundo sonhado e/ou vivido, por meio de uma linguagem de gestos, cheiros, sons e cores.

A dinâmica apresentada com os elementos da natureza transforma a lente do ser humano, faz com que este mova sentidos, que até então pareciam estáticos, que estabeleça teias de significações em uma bricolagem de elementos corriqueiros e cotidianos. A imaginação criadora do poeta é, portanto, subsidiada pela contribuição das linguagens, na trajetória da construção de diálogos. Estes podem apontar para uma perspectiva social e emancipatória da Educação ambiental em que a práxis individual se somatize, na utopia de um mundo menos desigual para todos:

Há que se construir uma democracia direta cuja sustentabilidade promova uma Educação Ambiental ampla e consequente. Há que sonhar e transgredir. Nada do tempo é eterno, as estruturas políticas existentes passarão. Vamos sem perder a memória do passado. Vamos rumar para o novo (PASSOS & SATO, 2008, p.19).

A possibilidade de diálogo entre a memória do passado e o presente faz surgir o olhar fenomenológico, no viés de que, tanto na poética, quanto no ambiente natural, as percepções se multiplicam e mobilizam as subjetividades dos sujeitos. Estas ações proporcionam outros saberes, que se somatizam. Desta forma, é possível entrelaçar cultura, conhecimento e linguagens; pois são entrecruzamentos que nos provocam e torna cada vez mais fecunda a ideia de aprofundar a discussão sobre as relações entre o saber local e o clássico, pois “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1987, p.58). São conhecimentos que tecem teias para a

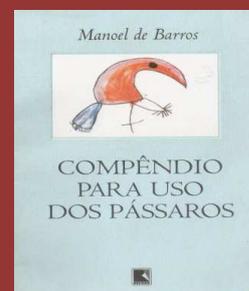
construção de diálogos que privilegiem a dinâmica local, em consonância com a visão autônoma e libertadora da Educação Ambiental, porque:

As convenções são um modo tardio de relação entre os homens, elas supõem uma comunicação prévia, e é preciso recolocar a linguagem nessa corrente comunicativa. [...] não seria mais assim se levássemos em conta o sentido emocional da palavra, [...] que é essencial, por exemplo na poesia (MERLEAU-PONTY, 1999, P. 254).

Barros, ao trazer, pela poesia, sua identidade pantaneira, fortalece o sentido emocional da palavra e aniquila as convenções que se tem sobre a linguagem escrita. Ao desarrumar os vocábulos, também incita a um pensar que valoriza as potencialidades da linguagem, onde as palavras se apresentam, de acordo com Merleau-Ponty (1999, p. 263), “como um fato último pelo qual o homem se transcende em direção a um comportamento novo, ou em direção ao seu próprio pensamento, através de seu corpo e de sua fala”. Transpõe o convencional e busca compreender o cosmo na sua, possível, totalidade (figura 19).



**Figura 19:** ser humano/árvore  
Elizabeth Oliveira 2009



12 – A transmutação entre o ser humano e a natureza é um dos princípios surrealistas. De que maneira a sua poética enlouquece a palavra, para que a Educação Ambiental possa se fazer presente?

[...]

*É pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza.*

*Uma festa de insetos e aves no brejo!*

*(BARROS, 2003, p.23).*

*Bernardo já estava uma árvore quando eu o conheci*

*Passarinhos já construíam casas na palha do seu chapéu.*

*Brisas carregavam borboletas para o seu paletó.*

*E os cachorros usavam fazer de poste as suas pernas.*

*Quando estávamos todos acostumados com aquele sujeito-árvore Ele bateu asas e avoou.*

*Virou passarinho.*

*Foi para o meio do cerrado ser um arãquã.*

*Sempre ele dizia que o seu maior sonho era*

*Ser um arãquã para compor o amanhecer*

*(BARROS, 2001, s.p).*

Bernardo, ao ser apresentado pelo poeta, expressa de forma profunda o sentido da palavra árvore, na concepção bachelardiana, que a aborda como um elemento capaz de alcançar, ao mesmo tempo, a altitude do céu e a profundidade da terra. Nessa transmutação está uma das loucuras que o poeta imprime às palavras e que gera contribuições efetivas do fazer literário à Educação Ambiental, que apresenta o poder cosmogônico das coisas. Ou seja, por meio de uma imagem é possível fazer levantar todas as outras.

Se sonharmos realmente a força do broto, se cada manha formos ver no jardim ou no matagal um broto, e se medirmos aí a atividade de um dia. E, quando uma flor vai se abrir, quando a macieira vai dar sua luz, sua própria luz, branca e rosada, saberemos com certeza que uma única árvore é todo um universo (BACHELARD, 1998, 229).

Manoel de Barros ao apresentar ser humano e natureza, interligados, nos incita a pensar que essa união é natural, portanto indissociável. O autor subverte a ordem estabelecida e retira lirismo de coisas simples e *inúteis*, como no poema apresentado, característica que é aprofundada ao trazer a metamorfose entre os seres e as coisas.

Esta ação subversiva se aproxima da concepção surrealista, pois segundo Michael Löwy (2002, p. 10), o surrealismo é propriamente um movimento de revolta do espírito e uma tentativa eminentemente subversiva de *re-encantamento do mundo*.

A sensibilidade libertadora, que percorre as veias da cultura revolucionária do surrealismo, pode ser percebida na poética barreana, que mostra, de uma maneira lúdica e irreverente, a ruptura com os princípios da modernidade capitalista, numa viagem encantada pelo mundo mágico das palavras e do mundo. É nessa viagem que podemos trazer a Educação Ambiental como pauta para nossas reflexões, visto que esta também problematiza a relação ser humano/natureza, que se apresenta mediante conflitos e idiosincrasias. A vertente fenomenológica da Educação Ambiental não tem como premissa ocultar ou apresentar basicamente as catástrofes ambientais. Ao contrário, ao fazer emergir as subjetividades, busca pelos diálogos com várias áreas do conhecimento, trazer à tona discussões acerca da problemática social, cultural e ambiental, valorizando também os saberes populares.

Barros, ao trazer o lirismo das coisas comuns, possibilita um reaprender, já que é possível que o ser humano, por intermédio da poética, possa ir, por si só, desbravando o caminho para uma aprendizagem emancipatória, aprendizagem que necessita do outro, mas que pode iniciar-se pelo individual, rumo ao coletivo. Vale ressaltar a importância de nos aceitar como o ser entreaberto, proposto por Bachelard, ou inconclusivo, descrito pelo educador Paulo Freire; indivíduos sempre abertos a novas possibilidades de aprendizagens. Neste reaprender é possível perceber a natureza, não apenas como parte ou à disposição de uso do ser humano, mas como o próprio ser. É esta consonância, alcançada pelo autor, que compõe os acordes de seus poemas, tornando-os agradáveis ao corpo e ao coração.

A dialética entre o interior e o exterior, nos possibilita adentrar nas lacunas do universo particular/psicológico/emocional do ser humano, sem conseguir identificar onde está o começo ou o fim, atentando para o fato de que, na poesia, a partir da palavra, o autor torna-se uma espiral, onde circula inúmeras possibilidades de compreensão. A palavra, em Manoel, assume uma roupagem ímpar, que dialoga com o surrealismo, na busca de subverter o que já está instituído, sai da linearidade e rasteja, na procura incessante por novas imagens e sentidos. Nos poemas, a linguagem

assume sua ação dinâmica e criadora, no sentido de que o poeta, ao transmutar para as coisas, deixa que elas falem; é a linguagem dos animais, das plantas, do chão.

Arredonda calmamente a boca, os lábios, o ser do fôlego! O mesmo deve ser dito por um filósofo que crê na substância poética da palavra. E que alegria de mestre, que alegria sonora começar uma aula metafísica, rompendo com todos os ser-lá dizendo: [...]. o ser é redondo (BACHELARD, 1974, p.51).

Nesta vertente, em que há a necessidade de ruptura com a estrutura linear das coisas preestabelecidas e a importância de fazer submergir a sensibilidade humana, a poética surrealista de Barros pode ser uma aliada, na busca pelo sensível, visto que movimentam as subjetividades, por intermédio das surpresas da linguagem. O acaso, na poética barreana, é o guia que possibilita diversos encontros inesperados, mas que, por assim serem, trazem o real sentido da liberdade, possibilitando uma releitura das coisas (im)postas, por intermédio da espiral de sentidos, na qual o fim pode indicar o recomeço .

Ao falar da ruptura pelo sensível, vale ressaltar, a resistência que se encontra no percurso que infringe as normas, porém, não é na aceitação submissa, mas na rebeldia em face das injustiças que assolam as pessoas, que nos afirmamos enquanto seres humanos. O poeta, na sua linguagem criadora e iluminada, faz reacender nossas forças pela amorosidade, frente às coisas que permeiam o mundo sonhado, e incita-nos a defendê-las, com base na esperança de um mundo possível. Tal quais os princípios surrealistas, a poesia é um caso de imaginação criadora. Os poetas estão condenados a reconstruir e os sonhadores a viverem seus sonhos, pois: “as estradas consagradas, os velhos caminhos, as trilhas batidas estão nas mãos do inimigo. Eles precisam encontrar pistas novas ou, antes, traçá-las eles mesmos no chão: é o caminhante quem faz o caminho” (LÖWY, 2002, p.104).

A poesia de Barros marcha entre os dejetos e faz aparecer o mundo mágico das coisas inúteis (figura 20) e, assim, vislumbra uma nova percepção de sociedade, também utopia da Educação Ambiental, que, sabedora das tensões, conflitos e limites que causam as resistências, continua a luta pela sustentabilidade planetária, pois acredita que ainda pode ser *um araquã para compor o amanhecer*, ou para lançar o reencantamento do mundo na estrela da manhã (Löwy, 2002).

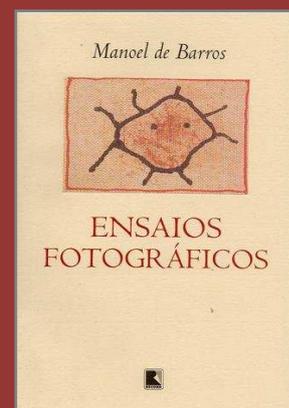


**Figura 20:** a tartaruga e o caracol  
Elizabete Oliveira 2008

*Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma  
E que você não pode vender no mercado  
Como, por exemplo o coração verde  
Dos pássaros,  
Serve para a poesia  
(BARROS, 2007b, 12).*

*Para apalpar as intimidades do mundo é preciso saber:*

- a) Que o esplendor da manha não se abre com faca*
- b) O modo como as violetas preparam o dia para morrer*



13 - As palavras, vazio, nada e inútil, são constantes em sua produção e abarcam outros significados para além do convencional, do literal. É possível dizer que, com isto, você sugere um novo olhar para as coisas “desprezíveis”. Portanto, na sua percepção, o lixo pode servir de matéria prima para a poesia e para a Educação Ambiental?

- c) *Por que é que as borboletas de tarjas vermelhas têm devoção por túmulos*  
 d) *Se o homem que toca de tarde sua existência num fagote, tem salvação*  
 e) *Que um rio que flui entre dois jacintos carrega mais ternura que um rio que flui entre dois lagartos*  
 f) *Como pegar na voz de um peixe*  
 g) *Qual o lado da noite que umedece primeiro.*  
 etc  
 etc  
 etc  
*Desaprender oito horas por dia ensina os princípios*  
*(BARROS, 2001a, p.09).*

A matéria prima da poesia barreana e da Educação Ambiental é as coisas desprezadas pela sociedade consumista, pois são elas que clamam pelo respeito à diversidade. Assim, circunscrito na cultura, o autor reconstrói o seu mundo. A poética de Barros incita para a necessidade de nos despirmos dos pré-conceitos impregnados em nós por outrem, a fim de mostrar a necessidade de se enxergarmos o interior das coisas. Afinal, a natureza é viva, dinâmica e, nas mãos de um bom criador, o *inútil* torna-se primoroso. Pensamos que, para aceitar as possibilidades e a importância que o poeta imprime sobre as coisas que nos passam despercebidas, é preciso, incontáveis exercícios, de pensar e de ser criança. Ou seja, a leitura da poesia pode fertilizar o diálogo com o minhocal de pessoas que existe em cada ser humano, se este se mantiver aberto às experiências diversas com o ser-outro.

Manoel de Barros, com palavras cotidianas e “insignificantes” como: inútil, nada, coisa, tenta reconstruir um novo mundo, não percebido no cotidiano do ser humano, que cada vez mais está atento apenas ao benefício advindo do capitalismo. Nesta perspectiva, o estudo aguça o lado sensível, com a poesia, pois “a poética excita e impulsiona a EA para que as ideias e as emoções, tomando nossa corporeidade, fluam na liberdade do movimento, banhadas nas luzes e nas sombras das iconografias e das linguagens de cada ser” (PASSOS & SATO, 2008, p. 19). Barros possibilita uma visão una entre ser humano/natureza, que é reforçada por Bachelard ao integrá-los na imagem: “[...] uma imagem poética põe em ação toda a atividade linguística. A imagem poética transporta-nos à origem do ser falante” (BACHELARD, 2005, p.7).

Assim, as palavras, nada, vazio, inútil, pedra, entre outras; em Barros germinam, são nadas constitutivos, que assumem outros sentidos para além dos significados descritos no dicionário. Ao abordar o desaprender, é como se o autor nos propusesse nos despirmos das inculcações impostas a nós por outros e começarmos de novo, a enxergar as coisas no seu nascer. Afinal, “todas as palavras, cumprem honestamente o seu ofício na linguagem cotidiana. [...] as palavras ligadas às realidades mais comuns, não perdem por isso suas possibilidades poéticas” (BACHELARD, 2005, p. 87).

Essas realidades, na poesia de Barros, são apresentadas, muitas vezes, por meio dos resíduos e dejetos humanos. Os resíduos são, em grande escala, provenientes do uso exacerbado dos elementos naturais, resquícios descartados pela sociedade capitalista e resultado de processos de diversas atividades humanas, como: indústria, comércio, agricultura, entre outras. Estes restos, sobras inviáveis para a sociedade de consumo, apresentam-se nos estados sólido, gasoso e líquido. Esses materiais, inúteis, são, em Barros, ferramentas de pensar, capazes de produzir poesia. “As coisas jogadas fora têm grande importância – como um homem jogado fora” (BARROS, 2007, p. 14).

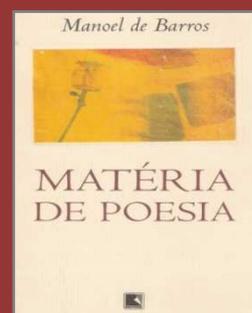
A poética de Barros sofisticada o nada por meio do enlouquecimento da linguagem, tira muitas palavras do sentido *in-significante* do dicionário, dá vida a resíduos rejeitados pela sociedade capitalista e transforma-os em poesia, recriando, a partir do primitivo, novas possibilidades de enxergar as inutilidades do mundo. Ao trabalhar com o lapidar do nada e transformá-lo em obra de arte, o artista nos possibilita a interpretação de que os saberes são movediços, sejam eles acadêmicos ou culturais e que, portanto, se entrecruzam.

Nesta perspectiva, a fenomenologia do imaginário pressupõe que o ser humano perceba que o fenômeno pesquisado só pode ser visto intrinsecamente ao sujeito, e não como objeto físico, com existência própria, apreendida do outro e do mundo que o rodeia. Até mesmo porque, para Manoel, as coisas inventadas são mais bonitas. No entanto, para compreendê-las é necessário outro ver a realidade interior e exterior, ou seja, ao ser interrogado pelo sujeito o fenômeno se mostra numa aparência que conduz à compreensão de sua essência. É necessário atentar que se pode ter uma intuição empírica, mas para apreender a essência é necessário o voltar à origem do mundo.

No mundo moderno, os valores e crenças são impregnados como fixos e imutáveis e as palavras de Barros desmontam o paradigma de verdade incontestável, ao utilizar-se de prefixos contrários para fortalecer o rompimento com o pensamento cartesiano. A poesia desse escritor, que se formou junto com as palavras, no substrato do chão pantaneiro, é a voz da natureza, que incita uma volta às origens, onde a simplicidade da infância e das pessoas comuns traz um emaranhado sugestivo para a criação de outra sociedade. Lugar onde plantas, rios e coisas do chão são percebidos por uma perspectiva diferenciada do olhar mercantilista. Assim, o inútil e descartável, como: latas, parafusos e pregos velhos e enferrujados, pedras, lesmas, sapos e outros elementos que passam despercebidos, nas mãos desse ourives da palavra, transformam-se em joias po-éticas e de grande importância para a educação ambiental. Nesse fazer, outros autores surgem, interagindo coisas e endossando sua voz ao atribuir valor as suas inutilidades (figura 21). Segundo Paz (1982, p.54), cada vez que surge um movimento de poesia contra os valores cultuados pela sociedade, deve-se suspeitar que essa sociedade, sofre de males incuráveis. Portanto, vale a pena direcionar o olhar para poesia moderna, que se opõe aos padrões rígidos do sistema. Na verdade, de ideologia comunista, Paz desafia o capital. Porém, não há utilidade da poesia, essencialmente na poesia de Manoel, o que existe é o contrário, há a desimportância.



**Figura 21:** integração  
Elizabete Oliveira 2009



14 – A linguagem manoelina subverte o mundo-vivido, transcendendo o óbvio. Considerando a poética da Educação Ambiental, como se apresenta na sua produção literária este mundo-inventado?

*CHICO MIRANDA (na rua do ouvidor)*

*--- O poeta é promíscuo dos bichos, dos vegetais das pedras.*

*Sua gramática se apóia em contaminações sintáticas.*

*Ele está contaminado de pássaros, de árvores, de rãs*

*(BARROS, 2007a, p.39).*

*O sapo de pau*

*Virou chão...*

*O boi piou cheio de folhas com água.*

*Eu ia no mato sozinho.*

*O cocô de capivaras era rodelinhas – bola de gude.*

*Eu quebrei uma com meu sapato.*

*Todas viraram chão também*

*(BARROS, 2006,p.13).*

## GARÇA

*A palavra garça em meu perceber é bela.*

*Não seja só pela elegância da ave.*

*Há também a beleza lettral.*

*O corpo níveo da ave*

*Se comungam.*

*Não sei se passo por tantã dizendo isso.*

*Olhando a garça-ave e a palavra garça*

*Sofro uma espécie de encantamento poético*

*(BARROS, 2004, p.49).*

O mundo inventado por Manoel de Barros se constitui no respeito à diversidade que compõe o ambiente pantaneiro, e é essa amorosidade com todas as coisas, uma das utopias da Educação Ambiental. Portanto, a poética é um substrato importante para a Educação Ambiental, pois se insere como aliada, para revermos os valores populares e percebermos como os fenômenos são interpretados. Nessa premissa fenomenológica, não importa se existe verdade ou mentira, mas implica ver como a dinâmica da linguagem e da natureza se entrelaçam nos territórios e identidades das sociedades.

Assim, o “mundo-vivido”, pode ser substituído pelo “mundo-inventado”, na construção, desconstrução e reconstrução dos sentidos polissêmicos da vida. Barros faz emergir outros sentidos nos elementos do cotidiano, o autor apresenta nas coisas comuns novas imagens, que aguçam a imaginação e a fantasia do ser humano. O poeta faz submergir um ambiente novo, que “permite que a palavra penetre não só nos pensamentos, mas também nos devaneios. A linguagem sonha” (BACHELARD, 2005, p. 154).

O autor percebe as coisas conectadas e, pela linguagem, transcende as fronteiras do literal, ressignificando e apresentando o mundo com imagens que permitem aguçar a sensibilidade humana, dando subsídios fortes ao ser humano para que possa viver seus sonhos em busca de uma sociedade que abrigue a diversidade. Portanto, a literatura, poderá evidenciar o diálogo entre os mundos vividos e inventados, sem necessidade de racionalizar ou apontar qual é a única verdade. Manoel de Barros

reinventa a gramática, enlouquece os verbos e dialoga entre o mundo-vivido do pantanal e o mundo-inventado literário. Ao eliminar a primazia entre eles, faz emergir a beleza do mundo de forma mais plena, ainda que inconclusiva.

Manoel de Barros apresenta a poética de um mundo sonhado nas asas de uma Educação Ambiental, libertadora, que por meio de uma trama polissêmica entre vivências e sentidos, faz submergir a ânsia subversiva e revolucionária, que se traduz em militância em prol da sustentabilidade planetária. O poeta é um ser ousado, corrompe as receitas prontas da sociedade capitalista, vai ele mesmo desbravando o insólito, em busca do ingrediente de sua poética, “há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco; a ponto de ninguém e de nuvem. Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida. Na sarjeta” (BARROS, 2002, p.19).

O trabalho de Manoel de Barros tem como temática o Pantanal matogrossense, mas, muito além de ser uma descrição do ambiente pantaneiro, fixa-se no mundo mágico das coisas do chão, das coisas banais retiradas do cotidiano, apresentando-nos um mundo onde a vida está em constante processo de transformação, de reconstrução. E, é nesta condição de transformação que podemos pensar no ser humano sempre em processo de aprendizagens, o que possibilita acreditarmos em uma educação ousada, de reinvenção, de novas maneiras de ler o ambiente. Uma educação que dá asas à imaginação para um mágico voo que conduza à liberdade, advinda da palavra poética, na qual o futuro esteja sendo vislumbrado por uma lente mais justa e igualitária. “Acho que no futuro o homem vai pedir pelo amor de Deus para conhecer uma árvore, um passarinho, um cavalo. Tenho medo que a ciência acabe com os cavalos, com a luz natural, com as fontes do ser”<sup>21</sup>. Portanto, é emergente a busca por um olhar mais sensível onde o medo de Manoel jamais possa encontrar seu lugar, mas que a sua utopia, muito mais que espaço, possa ser os braços e os sentimentos que estruturarão a sociedade futura.

A poética de Manoel apresenta uma comunhão com as coisas do mundo, pois solicita a infância latente no ser humano. De acordo com Bachelard (1999), a infância faz com que amemos as coisas do mundo, sem ela não há verdadeira cosmicidade e, tampouco, a poesia. Um belo exemplo desta cosmicidade da infância pode ser encontrado nas caixinhas que compõem a biografia do autor, nas quais é possível

---

<sup>21</sup> <http://www.revista.agulha.nom.br/castel09.html>

perceber também a não linearidade do tempo, pois impossível datar a infância do autor num tempo preciso, já que, segundo ele próprio nunca deixara de ser criança.

Bachelard (1990) aborda que a imaginação deforma as imagens projetadas pela percepção, pois as imagens destituídas de instabilidade põem fim à ação imaginativa. Portanto, é nesse processo de transformação que a poética Ambiental encontra-se latente na produção barreana, pois a natureza se faz presente na lente surrealista do poeta, que faz nascer, mesmo numa imagem isolada, a impetuosidade das coisas simples e, por meio delas, faz emergir a dinâmica do universo. Pois, tal qual a proposta fenomenológica, essa não concebe o sujeito desvinculado do objeto. Além disso, o surrealismo também é um ataque à concepção objetiva do mundo moderno, pois acredita que a mesma arma que abate o objeto, atinge o sujeito. Nesse sentido, Paz (1982), aborda que os surrealistas manejam a inspiração como uma arma que destrói e, ao mesmo tempo, reconstrói o mundo. Nesse mundo é permitida a inauguração do ser, onde o sapo pode virar chão e todas as coisas podem experimentar o processo mágico da transmutação.

A perspectiva de liberdade, proposta pela Educação Ambiental aliada à poesia surrealista de Manoel de Barros, tem a pretensão de contribuir para que se irrompam as normas e convenções do mundo cartesiano, em direção a outro mundo, com mais responsabilidade humana e ecológica, com novas perspectivas de aprendizagens. Segundo Sato e Passos (2001), o grande desafio da Educação Ambiental é a busca por alteridade, que se constrói no respeito aos diferentes, onde se perceba que o uno e o múltiplo coexistem em nós. Se essa busca por um mundo melhor é, realmente almejada, somos nós que temos a tarefa de realizá-la, como fonte dos nossos sonhos e fantasias.

A fenomenologia expressa na poética de Barros pode ser percebida por meio de uma movimentada dinâmica sinestésica, que pressupõe novos olhares às redes e enredos cotidianos, dos quais fazem parte, não só os seres humanos, mas tudo que compõe e dinamiza as vidas e não vidas do cosmo.

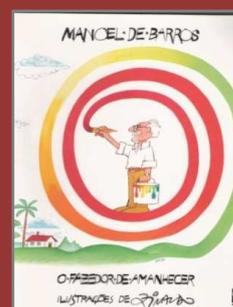
Para que haja essa possibilidade de reinvenção de olhares sobre o mundo, segundo Sato e Passos (2001), precisamos buscar trilhas por outros caminhos metodológicos, que se contrapõem ao “treinamento do capital humano” e que permeiam por alianças participativas, éticas, estéticas e democráticas. Elos que,

acreditamos, poderão ser fortalecidos pela subjetividade e pela sensibilidade advinda da poesia de Manoel de Barros, contribuindo para com a amorosidade fenomenológica, não apenas do poeta, mas também de Freire (1987), Carvalho (2004b), Sato e Passos (2006), Merleau-Ponty (1999), Bachelard, (1989), entre outros, que lutam em prol do acolhimento das diferenças, com todas as suas idiossincrasias.

Nessa percepção, a Educação Ambiental e a poética, na via da fenomenologia, vão desbravando sendas que melhor condizem com as expectativas humanas, ou seja, ambas não ficam à espreita do muro construído pelo cartesianismo, ao contrário, rompem com sua barreira, na expectativa de visualizar novas possibilidades de convivência entre diferentes. A aliança, sugerida nessa pretensa abordagem, visa contribuir para a criação de um novo mundo [figura 22], por meio de diálogos entre autores/leitores, que são múltiplos, porque conjugam sonhos plurais, mas que também são unos, porque apresentam as subjetividades de seres humanos, em seus contextos e referências particulares.



**Figura 22:** o amanhecer  
Elizabeth Oliveira 2009



15 - O primitivismo Oswaldiano contribui para revisitar o amor e superar a visão utilitária das coisas, da vida, da poesia ou da educação ambiental? De que maneira o velho e o novo se entrelaçam?

*Lugar sem comportamento é o coração.*

*Ando em vias de ser compartilhado.*

*Ajeito as nuvens no olho.  
 A luz das horas me desproporciona.  
 Sou qualquer coisa judiada de ventos.  
 Meu fanal é um poente com andorinhas.  
 Desenvolvo meu ser até encostar na pedra.  
 Repousa uma garoa sobre a noite.  
 Aceito no meu fado o escurecer.  
 No fim da treva uma coruja entrava.  
 (BARROS, 2001a, p. 49).*

*Fazer pessoas no frasco não é fácil  
 Mas se eu estudar ciências eu faço.  
 Sendo que não é melhor do que fazer pessoas na cama  
 Nem na rede  
 Nem mesmo no jirau como os índios fazem.  
 (No jirau é coisa primitiva, eu sei,  
 Mas é bastante proveitosa)  
 (BARROS, 2001b, p. 1-2)*

Nos poemas de Manoel de Barros é possível perceber a aliança entre o velho e o novo, eles se entrelaçam na subversão dos valores instituídos, pois, tanto o primitivismo oswaldiano como a poética barreana, sugerem que repensemos os padrões imputados pela sociedade como grau de veracidade incontestável. A dinâmica do mundo não permite a visão estática sobre as coisas e as pessoas, portanto, é imprescindível que se faça surgir à necessidade de restabelecer, de fazer reviver a sensibilidade humana, que está intrincada no nosso corpo, na nossa pele; enfim, no nosso desejo de encontrar coerência frente ao mundo conturbado e mecânico, no qual estamos sendo levados cada vez mais a aplaudir, mesmo não entendendo, muitas vezes, o sentido desses aplausos.

Ao abordar a relação entre o primitivismo oswaldiano e a poesia manoelina, vale ressaltar alguns pontos de relevância, acerca da produção de Oswald de Andrade, tratados por Antonio Candido no livro *Vários Escritos*. Candido descreve características fascinantes da poética oswaldiana, bem como seus encontros com esse manipulador

das palavras, ele conta experiências pessoais que teve com o escritor que, segundo ele, penetrou com profundidade no mecanismo social de uma fase importante da evolução da sociedade brasileira, trazendo para a produção literária do Brasil as linhas significativas das transformações que estavam ocorrendo no mundo.

O autor aborda que Oswald é, para ele e para críticos futuros, um problema literário, visto que seus estudos sobre o autor estão longe de responder todas as suas inquietações. Com a leitura dos poemas barreanos, podemos inferir que tal qual Oswald, Barros também é fonte inesgotável de percepções, pois apresenta uma linguagem despida de convenções, criadora, com expectativas promissoras de renovação. Nessa perspectiva, o crítico literário, passeia por entre a produção poética do poeta Oswald mostrando que este apresentava por meio da linguagem, uma incompletude, que aparece na maioria de suas obras, e que estas se articulam nas desarmonias vivenciadas pelo poeta. De acordo com Candido, um dos últimos trabalhos do escritor foi uma série de artigos sobre suas utopias em busca de uma sociedade perfeita, na luta revolucionária em prol de um mundo mais justo e igualitário. Segundo Candido, na poesia de Oswald:

Permaneceu vivo o amor juvenil pelo sonho, à luz da lâmpada de Baudelaire, que faz parecer tão grande o mundo, sob as cores de uma fantasia que depois cede no adulto quando se ampliam em seu detrimento às divisas do real -, mas que são preservadas na mocidade constante dos poetas. Em Oswald, elas continuaram mágicas, elásticas, fascinantes. E quando lembramos que está morto, pensamos involuntariamente que partiu para mais uma viagem, buscando novos mundos para a sua fome antropofágica de sonho e liberdade (CANDIDO, 1995b, p. 64-65).

A perspectiva antropofágica, assumida por Oswald de Andrade, se faz presente na poesia de Manoel de Barros e contribui para afirmar a alteridade brasileira porque incita o diálogo entre culturas e tradições diferenciadas, na busca de renovação da linguagem e do olhar sobre a diversidade presente no planeta. A antropofagia oswaldiana propunha uma espécie de canibalismo; a ideia era absorver o que a literatura estrangeira tinha de relevante, deglutindo e devolvendo o que sobrava, mas fazendo uma leitura criadora, sem reproduzir. Nesse prisma, buscava-se derrubar a visão tradicional e propor uma volta à origem, ou seja, por meio da poética o autor buscava apresentar, pela linguagem primitiva, uma estética, na qual a poesia se encontrasse intrínseca à cultura brasileira. Percebemos, assim, que tanto a volta à fonte

original, como o diálogo entre culturas diversas, se imbricam com a poética de Manoel de Barros.

As características da poesia oswaldiana evidenciam traços de um escritor singular, que, complexo e contraditório, deixava perceptível que a existência do ser humano é tão importante quanto a sua obra. Além disso, deixa traços da efetividade do autor com o comunismo e a atenção extrema que o escritor dispensava às gentes, às ideias e às coisas. Nesse sentido, a amorosidade oswaldiana se associa àquela do poeta Manoel de Barros, pois os autores se distanciam do capitalismo exacerbado e voltam o olhar para o ser humano comum, para as coisas da terra, denunciando a podridão que envolve os bens acumulativos da classe burguesa. Esta é a protagonista de muitos dos escritos de Oswald, que procurava, por meio da arte, denunciar as injustiças sociais e ambientais que ocorriam no Brasil, principalmente no que se referia ao apagamento da diversidade.

Candido destaca dois traços importantes que, segundo ele, traçam a personalidade humana e literária do escritor: a devoração, que, muito mais que pressuposto simbólico da Antropofagia, retratava a inteireza da vida de Oswald, pois no discurso oswaldiano era possível perceber a moagem de pessoas, fatos e valores. Isto na tentativa de mostrar que era preciso absorver o mundo, triturá-lo para reconstruir, e a mobilidade, ou seja, a abertura em apreender com o outro, com a mania de conhecer as pessoas, seus encontros com estrangeiros de passagem, o convívio com ambientes diversos, a familiaridade com argentários e políticos, mas também com motoristas e tipos de rua, vigaristas e caboclos, ou seja, seu amor extraordinário pelas novidades, sua cortesia e hospitalidade. A devoração proposta não era destruidora, mas libertadora. Talvez, o propósito fosse desconstruir para construir outro mundo, com base nas utopias que delineou, primando pelo matriarcado. Pois, “apesar de muito patriarcal nos gostos e na conduta, o que havia de ruim no mundo lhe parecia vir do patriarcalismo, causador da propriedade, da sociedade de classes, da exploração do homem, da mutilação dos impulsos”. (CANDIDO, 1985c, p. 90). Por sua vez, as descrições dos encontros fortuitos, segundo Cândido, sugerem um Oswald com fome de mundo e de gente, de ideias e acontecimentos.

Esse espírito de renovação está inscrito também no jogo do mistério e da (im)possibilidade, advindo da palavra poética de Barros, onde é possível depreender diversos sentidos e imagens que subvertem a ordem estabelecida. O leitor/autor se depara com um espaço onde o velho é impregnado do novo, o que o distancia do senso comum, tira-lhe do espaço conhecido, aportando-o em um mundo mágico de novidades. No entanto, a mudança não ocorre de forma brusca, porque o poeta, por meio de elementos da dinâmica local e da sensibilidade, enreda e prepara o leitor para só depois lançá-lo num labirinto repleto de novas significações. As tramas da linguagem poética distanciam o leitor de posições dogmáticas e mecanicistas, em prol de uma percepção dialética, que contribui para que uma educação possa ser vista enquanto ato de conhecimento. Nesse contexto:

[...] o futuro com o que sonhamos não é inexorável. Temos de fazê-lo, de produzi-lo, ou não virá da forma como mais ou menos queríamos. É bem verdade que temos que fazê-lo não arbitrariamente, mas com os materiais, com o concreto de que dispomos e mais com o projeto, com o sonho por que lutamos (FREIRE, 2004, p. 102).

Tanto Oswald quanto Barros propõem voltar o olhar à poética que veicula no primitivo, na dinâmica do saber, que faz parte integrante do senso comum não o distanciando do saber clássico. Em Manoel, há vários momentos de descrição das aprendizagens adquiridas com escritores, poetas, artistas, em consonância com conhecimentos populares de pessoas comuns, e amigos que adquiriu em suas andanças. A junção destes conhecimentos pode implementar os saberes e ajudar na inclusão de novos valores, já que o conhecimento não formal não é tratado com relevância pela sociedade capitalista. As concepções oswaldianas são também defendidas na poética de Manoel de Barros, que sugere a destruição de valores mecanicistas, privilegiando as subjetividades humanas e, portanto, se distanciando dos paradigmas que estruturam a sociedade, em prol de uma reconstrução, que se inicia pela valorização humana. Outro ponto de relevância entre Barros e Oswald, articula-se no viés de que ambos apresentam-se, ao mesmo tempo em que apresentam suas ideias.

A vanguarda primitiva, expressa na poesia maneolina, carimba as inutilidades de um amor intransponível, que transgride a cultura mecanicista e reprodutiva, tal qual Baudelaire, Bachelard, Rimbaud, Oswald, Carvalho, Sato & Passos, entre outros; que

ousa transpor fronteiras, viver os sonhos e utopias. Enfim, o andarilho não aporta, é um caminhante alucinado, que percorre saberes e dessaberes, na busca incessante pela reconstrução do mundo; ele vive o seu e os outros mundos, e também nos convida a viver os nossos; ele reaparece sempre nas encostas do seu mundo primeiro, mostrando a espiral fértil da dinâmica da vida, por meio do *útero vegetal, insetal, natural*. Pois quando os “olhos estão sujos da civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves” (BARROS, 2003, p.12). Esse é um dos poderes cíclicos e criadores, que veiculam na poética manoelina, que trazem intrincadas às suas produções, às suas/nossas utopias. É, portanto, um convite à particularidade universal de cada um.

## 5 CAPÍTULO

### PROJETANDO SONHOS

#### Caracol Ecologista

Será o ambiente...  
 uma paisagem da  
 geografia;  
 uma vida da biologia;  
 uma práxis da pedagogia;  
 e um olhar da filosofia?

Lá, onde o azul toca o verde  
 na poeira das estrelas e no cheiro das gramíneas  
 uma lenda se move e um mito se abre  
 na estação propícia que a terra acaricia

Diálogos Fecundos, Espontâneos, Mágicos...

No aceitar a pressa  
 para florescer no ócio



na sensível escolha  
 que amanhece sem teto  
 e adormece sem chão  
 no tempo que vaza  
 na incerteza do alicerce  
 na memória do amor

Assim o Caracol caminha  
 protegido em sua dureza  
 sorrindo em sua moleza  
 para que o ardor da promessa  
 seja o acalento da esperança

## 5.1 A PROJEÇÃO DA UTOPIA

Sou um sujeito cheio de recantos/os desvãos me constam./Tem hora leio Avencas/Tem hora Proust/Ouçõ aves e Beethovens/Gosto de Bola-Sete e Charles Chaplin.

- O dia vai morrer aberto em mim.

Manoel de Barros

O aprendizado com foco na poesia buscou contribuir *com* nossos anseios e desejos de compreensão, sobre a possibilidade do cuidado com o outro, advindo da ética do poeta. São conhecimentos que surgiram por meio dos diálogos com os autores abordados, que procuraram extravasar o limite do texto, pois, com a leitura e compreensão das teorias e poemas, buscamos enlaçar saberes diversos na relação com/sobre as coisas do mundo. Neste ensejo, acredito que a pesquisa centra-se não apenas no compreender, mas no sentir e no fluir da dinâmica da linguagem de Manoel de Barros, por meio das características pantaneiras de sua poesia, e do sonhar de filósofos e autores por uma Educação Ambiental libertadora. Com os diálogos entreabertos entre a teoria fenomenológica e a poética de Manoel de Barros, busquei propiciar uma cadeia de novas percepções, que se constituíram em um ver fenomenológico, que trata de olhares múltiplos e desencadeadores de sentidos, que transitam por várias direções.

A contribuição deste estudo encontra-se, principalmente, no fato de não estabelecer voz, mas de contribuir na construção de outras vozes, que efetivamente respeite e deem ênfase à dinâmica da vida, pois, há outros sentidos e conhecimentos que poderão surgir sobre a poética manoelina. Nesse ver, “a fenomenologia tem por orientação teórico-metodológica um discurso aberto que melhor condiz com a natureza do ser: uma práxis, um projeto de ação-reflexão processual, sempre inconclusivo” (PASSOS & SATO, 2005, p 223). Os diálogos propiciaram vislumbrar outra aprendizagem, que politicamente inversa à (des)ordem vigente, inaugura novos procedimentos e formas de ver o mundo. Os sentidos são movediços, tal qual o ser humano é um ser inconclusivo, sempre aberto a novas possibilidades de diálogos e aprendizagens. Portanto, “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Onde quer que haja mulheres e

homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender” (FREIRE, 1996, p. 94).

Nesta condição, em que o ser humano está sempre em processo de reconstrução, acreditamos em uma educação que seja ousada. Numa vertente que reinvente novas maneiras de ler o ambiente natural, essencialmente o social, e que propicie asas ao ser humano, para saborear o gosto mágico do voo conduzido pela real liberdade, advinda não apenas da palavra poética, mas da luta por uma educação libertadora. Os comentários por nós tecidos apresentam a literatura, no caso a poética de Manoel de Barros, como possibilidade de acionar a sensibilidade do ser humano na recriação de percepções que venham tornar ainda mais efetiva a Educação Ambiental, pois com aborda Merleau-Ponty:

O desenrolar dos dados sensíveis sob nosso olhar ou sob nossas mãos é como uma linguagem que se ensinaria por si mesma, em que a significação seria secretada pela própria estrutura dos signos, e é por isso que se pode dizer, literalmente, que nossos sentidos interrogam as coisas e que elas lhes respondem (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 428).

Ao propiciar autonomia ao ser humano, a poesia pode ativar o processo criador e suscitar para as questões que os distanciam de uma vida mais digna. Essa linguagem pode ser aliada da Educação Ambiental, por meio de percepções que apresentam o ser humano/natureza como um só. Essa cumplicidade presente em toda produção poética do autor, faz submergir imagens que como expressa Bachelard (2005) “são moradas do ser casas do ser, onde se concentram uma certeza de ser. Parece que habitando tais imagens, imagens tão estabilizadoras, recomeçaríamos outra vida, uma vida que seria nossa, nas profundezas do ser” (BACHELARD, 2005, p.50). Barros, ao trazer a magia poética do substrato do chão, do nada, das coisas desprezíveis suscita para um aprendizado de coisa alguma, no sentido de que o sensível, o inútil, as coisas ínfimas devem coexistir nas pessoas.

As palavras trazem por meio da linguagem manoelina, outras imagens do mundo, que mostra a vida na sua plenitude. Portanto, ao reforçar a noção de aprendizagens, por meio da poética, queremos chamar a atenção para a imprevisibilidade das linguagens, na qual os sentidos encontram seu espaço não apenas no mundo vivido, mas também no mundo sonhado. Tais sentidos estão sempre grávidos de outros mundos, e nos alertam para uma nova pedagogia, que busque

aporte no diálogo, na interação, na reciprocidade, e que, por meio de entrelaçamentos de saberes, vislumbre os diferentes modos de ser, ver e sentir o mundo em que estamos inseridos. É nesse movimento cíclico de valores, sentimentos e emoções, que procuramos delinear o nosso ver, acreditando ser este fenomenológico, pois a palavra do poeta afeta os sentidos, o que proporcionam, independentemente, de termos vivido no mesmo espaço, sonhar, delirar e imaginar um novo mundo.

A educação ambiental, intrínseca na trajetória da pesquisa, tal qual a poética de Barros, não percebe o ser humano desvinculado do meio ambiente e, portanto, luta por uma educação que contemple os anseios coletivos, sociais. Uma possibilidade de ensino que perpassa a ideia de dar voz às pessoas, tratando-as como seres hegemônicos, mas que, nas singularidades dos grupos, possa tecer, em conjunto, uma nova concepção de aprendizagem, livre das amarras do capitalismo. Desta forma, os diálogos despertaram possibilidades de perceber que há uma rede de sentidos possíveis, que se pode criar acerca do fenômeno. Tais percepções devem ser agregadas à complementação do conhecimento e à superação das barreiras impostas ao ser humano, principalmente, no que se refere ao bem estar do indivíduo na sociedade de consumo. Portanto, no trabalho buscamos apresentar elos para os quais convergem saberes diversos, mostrando a fertilidade da poesia no que tange ao processo de aprendizagens.

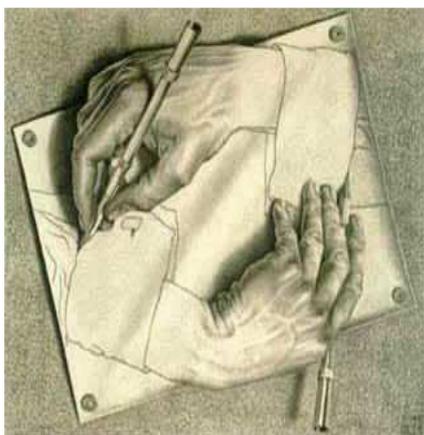
É importante ressaltar que na concepção dos autores citados no percurso do trabalho, o ambiente natural não é composto apenas de seres humanos, mas envolve outros elementos que, igualmente, participam do cosmo. A vida, portanto, envolve fatos e atos, que de forma natural, se imbricam com a natureza. Portanto, os saberes do povo se articulados ao saber acadêmico, podem movimentar a educação libertadora proposta pelo educador Paulo Freire (1987). Essa conexão em Barros é abordada em forma de poesia, pois embora ele dê relevância às coisas do chão, também descreve a importância de outros saberes.

Importante salientar, que as percepções, descritas nessa dissertação, não buscam descobrir, adivinhar ou esgotar os sentidos dos vocábulos utilizados pelo poeta; mas contribuir para que ouçamos a voz da natureza, o seu falar em nós, a essência ética que emerge desses falares do e para o mundo/ser humano, pois o cotidiano desse Manoel é um cotidiano plural, um cotidiano de todos nós. Um cotidiano, que, ao falar

do eu, invoca o ele, o ela, o tu, o nós e o entrenós. Manoel, na sua intensa sensibilidade, deixa que o mundo fale nele e o recebe sem conceitos prévios, escuta sua voz e o descreve de forma que as coisas ínfimas se revestem de grande importância. Nesse cenário, vale nos reportar, novamente, a profundidade do ser pela poesia, descrita por Bachelard (2005), uma marca fenomenológica que não engana, ao contrário, faz reanimar profundezas em nosso ser.

Assim, acreditamos que a poética de Barros e a fenomenologia do imaginário de Gaston Bachelard, corroboram no sentido de que ambas trazem imagens literárias que possibilitam uma recorrência ao dinamismo das constelações simbólicas, que se amalgamam nas construções poéticas. Espaço onde as imbricações entre ser humano/natureza e sociedade são importantes elementos constitutivos e estreitos entre si. Assim, com a consciência de que enveredar por uma ciência do imaginário é algo intrincado, mas, fascinante, é que abrimos trilhas de acesso, num exercício cuidadoso e responsável, que procurou, em meio à subjetividade, vislumbrar fios que se entrecruzassem.

É urgente, portanto, a ruptura com da estrutura cartesiana a fim de delinear outros caminhos (figura 23), nos quais as pessoas sejam livres para escolher o percurso pelo qual pretendem alinhar seus conhecimentos, mesmo que este caminho seja tortuoso e exija uma ida/retrocesso, porque, a magia de ir desbravando o nosso próprio destino, nos conduz a uma experiência ímpar de aprendizagem.



### *O casaco*

*Um homem estava anoitecido. Se sentia por dentro um trapo social, igual se, por fora, usasse um casaco rasgado e sujo.*

*Tentou sair da angústia, isto ser, ele queria jogar o casaco rasgado e sujo no lixo.*

*Ele queria amanhecer*

*(Manoel de Barros 2002a)*

**Figura 23:** mãos desenhando  
**Autoria:** Mauricio Escher

Se a escola pudesse entender este universo surrealista, que transcende o meramente usual e projetam novas percepções e esperanças, um currículo diferente

poderia ser construído entre ela e a comunidade, entre os mundos vividos e inventados. No chão dialogante entre realidade e magia, a Educação Ambiental poderia saborear sua existência, no prazer poético cotidiano, sem ser cega às lutas que promovem o abismo econômico e destroem as vidas e não vidas da terra. Assim, vale ressaltar, que, ao compreendermos a poética da natureza do ambiente local, despertada pela poesia de Barros, a educação poderia ser favorecida. Desde que estivesse diretamente interligada com um currículo esmiuçado no contexto pantaneiro, que possibilitasse o acesso ao mundo da poesia, vislumbrado pelas atividades de leitura. Desta forma, seria possível coadunar com os anseios e paixões de Sato<sup>22</sup>, quando esta aborda:

[...] um movimento de entremeio, que promova o trabalho na dureza da casa de um Caracol, flexibilizado pela moleza de seu corpo. Que a pressa, afinal, não seja tão inimiga da perfeição, e que dê tempo para se viver poeticamente, abdicando o calendário linear de Chronos à recuperação de Kairos, um outro deus grego, que mensurava o tempo pelas batidas do coração. E que do ritmo ainda incompleto, renasça um Caracol híbrido adepto ao movimento circular da alimentação vagarosa (*slow food*), proporcionando uma temporalidade para se mastigar neologismos, metáforas e símbolos, sem negligenciar a azáfama de um ambiente deteriorado pelas visões meramente consumistas. Na tessitura existencial, talvez seja possível atender a emergência sócioambiental com direito à indolência para degustar o surrealismo, o vinho, a música e a paixão.

Assim, os diálogos ao trazem como fator principal à poética e a Educação Ambiental, deixariam emergir outros conhecimentos sobre a natureza humana e dariam subsídio para aprendizagens, quem sabe, mais agradáveis e participativas. A escola precisa compreender que somos seres heterogêneos, pensamos e agimos de maneira diferenciada e que, portanto, as discussões podem ser enriquecidas com os sentidos mobilizados pelas diversas subjetividades, por meio do encontro dialógico de saberes e sonhos, que podem projetar um enriquecimento mútuo, que deixa em aberto os significados, sempre à procura de novas inferências e sentidos. Surge daí a importância do diálogo, da interação e do respeito à diversidade, na projeção de sonhos possíveis. Nesse viés, a Educação Ambiental pautada nos princípios da fenomenologia do imaginário, exposta neste trabalho, tem identidade surreal, onde a militância unida a sonhos e utopias, busca a construção de um novo mundo, centrado em base ética. Para tanto, é que buscamos aporte no primitivismo, onde a devoração

---

<sup>22</sup> [http://www.vaniadiniz.pro.br/espaco\\_ecos/filosofia\\_virginia/michele\\_sato\\_pressa\\_preguica.htm](http://www.vaniadiniz.pro.br/espaco_ecos/filosofia_virginia/michele_sato_pressa_preguica.htm)

proposta não era destruidora, mas libertadora. Era necessário desconstruir o ranço vigente, para a construção de uma nova sociedade, com base na esperança de um mundo mais justo e igualitário, de acordo com Andrade (1995).

É nessa busca, e na aposta no ser humano, que surge a emergência de deixar-se emprenhar pela arte surrealista de Manoel de Barros, pois o reencantamento do mundo sugerido pela poética da Educação Ambiental encontra, na linguagem surrealista de Barros, uma possibilidade de transformação revolucionária. De acordo com Löwy, o surrealismo também era “um protesto contra a racionalidade limitada, o espírito mercantilista, a lógica mesquinha, o realismo rasteiro de nossa sociedade capitalista industrial, e a aspiração utópica de ‘mudar a vida’” (2002, p. 09).

Portanto, a luta da Educação Ambiental po-ética, para com o respeito aos diferentes, é a busca emergente de diálogos, com diversas áreas do conhecimento, a fim de que se evidencie a necessidade de projetar suas esperanças. Na compreensão de que, concomitantemente às questões ambientais, percebemos também a dimensão humana. Portanto, este trabalho registra percepções que abre vias para compreendermos os diálogos, aqui apresentados, como possibilidades de um olhar limitado, que pode ser acrescido por outros olhares, mas que no cosmo também serão limitados. Enfim, segue o círculo existencial do diálogo, onde o sonho e a utopia sempre encontrarão seus espaços, pois o mundo é o poema e como aborda Paz (1982, p. 234), o poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um novo leitor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, T. Sulear. In: STRECK, D. R., REDIN, E. ZITKOSKI J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire** – Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 396-397.

ANDRADE, O. **A utopia antropológica**. 2 ed. São Paulo: Globo, 1995.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade**: Ensaio sobre a imaginação das forças. Trad. Antonio de Pádua Danesi. – São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BACHELARD, G. **A terra e os devaneios do repouso**. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.

BACHELARD, G. **A água e os sonhos**. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARCELOS, V. H. L. Educação ambiental, representações sociais e literatura, um estudo a partir do texto literário de Otávio Paz. In: SANTOS, José Eduardo dos; SATO, M. **A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora**. São Carlos: RiMa, p. 479-495. 2001.

BARROS, M. de. **O guardador de águas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BARROS, M. de. **Poemas concebidos sem pecado**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999a.

BARROS, M. de. **Exercícios de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999b.

BARROS, M. de. **Livro da ignoranças**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

BARROS, M. de. **O fazedor do amanhecer**. Rio de Janeiro: Salamandra, 2001b.

BARROS, M. de. **Arranjos para assobio**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BARROS, M. de. **Livro de pré-coisas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003a.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas: a infância**. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2003b.

BARROS, M. de. **Poemas rupestres**. Rio de Janeiro: Record, 2004a.

BARROS, M. de. **Concerto a céu aberto para solos de ave**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004b.

BARROS, M. de. **Livro sobre nada**. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004c.

BARROS, M. de. **Tratado das grandezas do ínfimo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

BARROS, M. de. **Compêndio para uso dos pássaros**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006a.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas: a segunda infância**. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2006b.

BARROS, M. de. **Gramática expositiva do chão**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007a.

BARROS, M. de. **Matéria de poesia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007b.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas: a terceira.** – São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.

BARTHES, R. **O prazer do texto.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRANDÃO, C. R. **Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia.** São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

BICUDU, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico.** 2. ed. São Paulo: UNIMEP, 1997.

BOSI, A. Fenomenologia do olhar. NOVAES, A. **O Olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, p. 65-87, 1998.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia.** São Paulo: Companhia das letras, 2000.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade.** São Paulo: Editora Nacional, 2002.

CANDIDO, A. Estouro e libertação. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos.** 3. ed ver. e ampl. – São Paulo: Duas cidades, p. 41-60, 1995a.

CANDIDO, A. Oswald viajante. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos.** 3. ed ver. e ampl. – São Paulo: Duas cidades, p. 61-66, 1995b.

CANDIDO, A. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos.** 3. ed ver. e ampl. – São Paulo: Duas cidades, p. 67-104, 1995c.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos.** 3. ed ver. e ampl. – São Paulo: Duas cidades, p. 235-263, 1995d.

CARVALHO, I. C. de M. **A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil.** 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação.** In: LAYARGUES, P. P. (coord). **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do meio ambiente, 2004a.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 2004b.

CARVALHO, M. **O que é natureza.** São Paulo: Brasiliense. – (Col. Primeiros passos), 2003.

CASTRO, A. de. **A poética de Manoel de Barros: A linguagem e a volta à infância.** Campo Grande: FUCMT/UCDB, 1991.

CHAUÍ, M. Janela da alma, espelho do mundo. NOVAES, A. **O Olhar.** São Paulo: Cia. das Letras, p. 31-63, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** – trad. de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. – Rio de Janeiro: Ed. 34, 2007.

FREIRE, P. **Cartas à guiné-Bissau: registros de uma experiência em Processo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação; uma introdução ao pensamento de Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra].** – São Paulo: Cortez & Moraes, p. 09, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido,** 17. ed. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: novos saberes para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Trad. Raquel Ramallete. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1987

FUKS J. **A vida para criar bolhas de sabão.** Revista Entrelivros. - São Paulo: Duetto, p. 27, 2008.

FURASTÉ, P. A. **Normas técnicas para trabalho científico: elaboração e formatação.** Explicitação das normas da ABNT. 14. ed. – Porto Alegre: s.n., 2008.

GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito.** 4. ed. – São Paulo: Cortez, 1995.

GUATTARI, F. **As três ecologias.** 18. ed. São Paulo: Papirus, 2007.

GUIMARÃES, M. Educação ambiental e a gestão para a sustentabilidade. In SANTOS, J. E. dos.; SATO, M. **A contribuição da Educação Ambiental à esperança de Pandora.** São Carlos: RiMa, p.479-495, 2001.

GUIMARÃES, M. (org.). Intervenção Educacional: do “de grão em grão a galinha enche o papo” ao “tudo junto ao mesmo tempo agora”. In: JUNIOR, L. A. F. (org.) **Encontros e Caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores.** Brasília: MMA, p.191-199, 2005.

GUIMARÃES, M. Educação ambiental crítica. In: LAYARGUES, P. P. (coord). **Identidades da educação ambiental brasileira.** Brasília: Ministério do meio ambiente, 2004.

GUIMARÃES, M.(Orgs.) **Caminhos da Educação Ambiental** - da forma à ação. São Paulo: Papirus, p.17-30, 2006.

GUIMARÃES, M. (org.). **Caminhos da educação ambiental: da forma à ação**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

LAGO, A.; PÁDUA, J. A. **O que é ecologia**. Coleção: Primeiros Passos – São Paulo: Brasiliense, 2001.

LOWY, M. **A estrela da manhã: surrealismo e filosofia**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

WISNIK, José Miguel. Drummond e o mundo. In: NOVAES, Adauto (org.). **Poetas que pensaram o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 19-64, 2005.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo, educação como póiesis**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1992.

MERLEAU-PONTY, M. O entrelaçamento - O quiasma. (trad. José Arthur Gianotti e Armando M. d'Oliveira) In: **O visível e o invisível**, São Paulo: Perspectiva S.A, p. 127-150, 1971.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção** (trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura). 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PASSOS, L. A.; SATO, M. “**Educação Ambiental: O Currículo nas Sendas da Fenomenologia Merleau-pontyana**”. In SAUVÉ, L.; ORELLANA, I. et SATO, M. (Dir.) *Sujets choisis en éducation relative à l'environnement - D'une Amérique à l'autre*. Montréal: ERE-UQAM, Tome I: p. 129-135, 2002.

PASSOS, L. A.; SATO, M. De asas de jacaré e rabos de borboletas à construção fenomenológica de uma canoa. In: Sato, M.; CARVALHO, I. (org.). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PASSOS, L. A. A leitura da palavra. In: STRECK, D. R, REDIN, E. ZITKOSKI J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire** – Belo Horizonte: Autêntica, p.240-242, 2008.

PAZ, O. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

REZENDE, A. M. **Concepções fenomenológicas da educação**. São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1990.

ROSA, J. G. A terceira margem do rio. In: \_\_\_\_\_. **Ficção completa: volume II**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 409-413, 1994.

SACKS, S. (org.). **Da metáfora**. Trad. Leila Cristina M. Darin et al. - São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

SATO, M. Apaixonadamente pesquisadora em educação ambiental. **Educação Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 9, n. 16/17, p. 24-35, 2001.

SATO, M.; LEITE, M. C. S.; MEDEIROS, H.; RIBEIRO, C. Diversidade Poética no pantanal. In: SATO, M. (org.) **Sentidos Pantaneiros: Movimentos do Projeto Mimoso**. Cuiabá – MT: KCM, 2002.

SATO, M.; PASSOS, L. A. **Notas desafinadas do poder e do saber** – qual a rima necessária à educação ambiental? *Contrapontos*, Itajaí, v.1. nº 3, 9-23, 2003.

SATO, M.; PASSOS, L. A. De asas de jacarés e rabos de borboletas à construção fenomenológica de uma canoa. In: SATO, M. CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**, 2003 (caderno 2). Secretaria de Estado de Educação – SEDUC. Cuiabá: Tanta Tinta, p.57-78, 2004.

SATO, M.; & CARVALHO, I. C. de M. (org). **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SATO, M.; PEDROTTI, D.; OLIVEIRA JR.; SENRA, R.; Sinfonias da educação ambiental Mato-grossense. In: **Mato Grosso Sustentável e Democrático**./ André Alves, João Ivo Puhl e Jônia Fank (orgs.). – Cuiabá: Defanti, p. 84-98, 2006.

SATO, M.; PASSOS, L. A. Pelo prazer fenomenológico de um não-texto. In: GUIMARAES, Mauro. **Caminhos da educação ambiental: Da forma à ação**/ Mauro Guimarães (org.).- 3 ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.- (Coleção Papirus Educação).

SATO, M. **Cartografia do imaginário**. Cuiabá: GPEA, UFMT, 2009, 16p. [mimeo].

SENRA, R. **Por uma contrapedagogia libertadora no ambiente do quilombo de Mata Cavallo**. Cuiabá/UFMT, 2008. 14p. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, 2008.

SOUZA, A. I. (org.). **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

SUTTANA, R. **Uma poética do deslimite: poema e imagem na obra de Manoel de Barros**. Dourados, MS: UFGD, 2009.

TELES, Gilberto Mendonça (org.). **Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje**. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

TOZZONI-REIS, M. F. de C. **Educação ambiental: natureza, razão e história**. São Paulo: Autores Associados, 2004. - (Col. Educação contemporânea).

ZITKOSKI, J. J. Diálogo/dialogicidade. In: STRECK, D. R, REDIN, E. ZITKOSKI J. J. (org.). **Dicionário Paulo Freire** – Belo Horizonte: Autêntica, p.130, 2008.

## WEBLIOGRAFIA

BARROS, André L. **O tema da minha infância sou eu mesmo**. Jornal do Brasil. Caderno Ideias. Entrevista, Rio de Janeiro, 24 ago. 1996. Disponível em <http://.secel.com.br/jpoesia/barros04.htm>. Acesso em: 02/10/2008

CASTELLO, José. **Manoel de Barros faz do absurdo sensatez**. O Estado de São Paulo. Caderno 2. Disponível em : <http://www.jornaldepoesia.jor.br/castel09.html>. Acesso em: 15/03/09

CASTELLO, José. **Manoel de Barros busca o sentido da vida**. O Estado de São Paulo. Caderno 2. Disponível em : <http://www.jornaldepoesia.jor.br/castel09.html> Acesso em: 15/03/09.

**Centro de estudos Paulo Freire**. Disponível em : <http://www.paulofreire.org.br/asp/template.asp?secao=biografia&sub=biografia> Acesso em: 20/01/2009.

COUTO, Giovana (vários outros autores). **Cinema e história**: Filme tempos modernos. Contemporâneos: Revista de história contemporânea, n.1. nov-abr, 2008. Disponível <http://www.revistacontemporaneos.com.br/pdfs/chaplin.pdf> Acesso em: 20/02/2009.

[http://www.ufmt.br/gpea/pub\\_teses.htm](http://www.ufmt.br/gpea/pub_teses.htm) Acesso em: 18/07/09

<http://www.ufmt.br/gpea/utube.htm> Acesso em: 25/02/09

<http://onaviodeespelhos-livraria.blogspot.com/2005/08>. Acesso em 03/02/09

MARTINS, Bosco. **Manoel de Barros se considera um songo**. Parte I. disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/manoel-de-barros-se-considera-um-songo-parte-i>. Acesso: 05/08/2008.

MARTINS, Bosco. **Manoel de Barros se considera um songo**. Parte II. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/manoel-de-barros-se-considera-um-songo-parte-i>. Acesso: 05/08/2008.

MOTTA, Paschoal. **Ovídio**: um poeta censurado e exilado. Jornal poíesis, literatura, pensamento & arte. Disponível em: [http://www.jornalpoiesis.com/mambo/index.php?option=com\\_content&task=view&id=237&Itemid=53](http://www.jornalpoiesis.com/mambo/index.php?option=com_content&task=view&id=237&Itemid=53). Acesso em: 20/03/09

MORAES, Denise. **Bioma pantanal**. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=963&sid=2&tpl=printerview>. Acesso em: 17/05/2008.

NOGUEIRA JR, Arnaldo. Manoel de Barros. **Projeto releituras**. [http://www.releituras.com/manoeldebarros\\_bio.asp](http://www.releituras.com/manoeldebarros_bio.asp) - Acesso em: 21/02/09

OLIVEIRA, Nelson. **Rascunho**: o jornal de literatura do brasil. Disponível em: <http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=3&lista=1&subsecao=10&ordem=953&semlimite=todos> Acesso em: 02/04/09

**O casaco** - Maurits Cornelis Escher. Disponível em: [grupogels.blogspot.com/2008/09/relao-homem-li...](http://grupogels.blogspot.com/2008/09/relao-homem-li...) Acesso em 10/06/08

**Os girásois de Van Gogh**. Disponível em: [http://farm2.static.flickr.com/1246/1330069633\\_c8a829b63a\\_b.jpg](http://farm2.static.flickr.com/1246/1330069633_c8a829b63a_b.jpg) Acesso em: 03/03/09

Poema: **os Girassóis de Van Gogh**. Disponível em: <http://brasilpoesias.ning.com/profiles/blogs/os-girassois-de-van-goghhoje> - Acesso em: 02/04/09

RODRIGUES, Ricardo Alexandre. **Um corpo estranho**. Disponível em:  
<http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa9/ricardoalexrodrigues.html>

SATO, Michèle. **Pressa & preguiça**. Espaço ecos. Disponível em :  
[http://www.vaniadiniz.pro.br/espaco\\_ecos/filosofia\\_virginia/michele\\_sato\\_pressa\\_preguica.htm](http://www.vaniadiniz.pro.br/espaco_ecos/filosofia_virginia/michele_sato_pressa_preguica.htm)

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)